



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**COBERTURA ESPORTIVA NA TELEVISÃO: UMA ANÁLISE
DO GLOBO ESPORTE NAS COPAS DE 2002 E 2022**

VINÍCIUS RODEIO CORDEIRO

Rio de Janeiro

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

**COBERTURA ESPORTIVA NA TELEVISÃO: UMA ANÁLISE
DO GLOBO ESPORTE NAS COPAS DE 2002 E 2022**

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Bacharel em Jornalismo.

VINÍCIUS RODEIO CORDEIRO

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa

Rio de Janeiro

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

R785c Rodeio Cordeiro, Vinicius
Cobertura esportiva na televisão: uma análise do Globo Esporte nas Copas de 2002 e 2022 / Vinicius Rodeio Cordeiro. -- Rio de Janeiro, 2023.
115 f.

Orientador: Gabriel Collares Barbosa.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Bacharel em Jornalismo, 2023.

1. Cobertura esportiva. 2. Globo Esporte. 3. Jornalismo Esportivo. 4. Entretenimento no esporte. I. Collares Barbosa, Gabriel, orient.
II. Título.

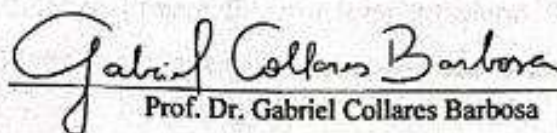
Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o trabalho **Cobertura esportiva na televisão brasileira: uma análise do Globo Esporte nas Copas de 2002 e 2022**, elaborado por **Vinicius Rodeio Cordeiro**.

Aprovado por


Prof. Dr. Gabriel Collares Barbosa


Prof. Dr. Fernando Ewerton Fernandez Junior


Prof. Ms. Flávio Nehrer

Grau: 10,0 (dez)

Rio de Janeiro, no dia 14/12/2023

Rio de Janeiro

2023

Dedico este momento a minha avó, Prazeres (*in memoriam*), que muito contribuiu e foi peça principal na minha formação como ser humano.

AGRADECIMENTOS

Como agradecer nunca é demais, fatalmente farei uma longa página de agradecimentos. Ainda bem, diriam alguns. Antes de tudo, a entrega deste trabalho não é só uma conclusão de uma fase da minha vida, mas também um prazer por estar contribuindo com a pesquisa dentro do jornalismo esportivo. É uma paixão que sempre tive e – de certa forma – dá um nervoso em saber que será o momento de me afirmar dentro do mercado de trabalho. Me faz lembrar que não sou mais o menino que acorda domingo de manhã para ver Fórmula 1 ou que corre para fazer os deveres para assistir desenho na televisão.

Seria difícil começar a escrever qualquer agradecimento sem remeter à família. Obrigado por todo incentivo em todos os momentos da minha trajetória, seja com conselhos ou apenas ouvindo tudo que tinha para falar. Eu sou muito grato por tudo que fizeram e continuam fazendo por mim.

Aos amigos que fiz pelos caminhos da Praia Vermelha. Seria injusto citar todos nominalmente, mas gostaria de fazer uma ressalva ao grande Pedro Vitor, Anna, Bea, João, Luan, Bruna e Roberta. Vocês foram para além de companheiros de trabalhos na faculdade. Gostaria de agradecer também aos amigos que fiz na Ayra, empresa júnior, que foi importante no reconhecimento de que queria realmente seguir no jornalismo e foi fundamental na minha adaptação na UFRJ.

Um espaço honroso ao meu orientador, Gabriel Collares, pela paciência ao longo de todo processo, com sugestões precisas em como melhorar o trabalho. Também gostaria de estender a todos os professores, servidores e pessoas que de certa forma fazem a faculdade rodar com o intuito de proporcionar a melhor condição possível de estudo.

Enfim, um grande abraço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida nestes últimos anos.

O torcedor é antes de tudo, paixão. É chama sagrada.
Queima e ilumina o coração do homem.

(Armando Nogueira)

CORDEIRO, Vinícius Rodeio. Cobertura esportiva na televisão: uma análise do Globo Esporte nas Copas de 2002 e 2022. Orientador: Gabriel Collares Barbosa. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Jornalismo). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2023.

RESUMO

O trabalho discute o desenvolvimento da cobertura esportiva no programa Globo Esporte ao longo dos últimos vinte anos. Para isso, analisa comparativamente as edições realizadas ao longo da Copa do Mundo de 2002 e de 2022, com foco na linguagem e no formato. O projeto inclui entrevistas com profissionais que participam ou já participaram do processo de edição do programa para entender como o Globo Esporte é um retrato de como o jornalismo esportivo se aproximou do entretenimento, seja através do impacto da internet na atualização de notícias ou para contar histórias para um público que também não é aficionado pelo esporte. Será discutido ainda como ocorre a interação com o público, o caráter esportivo – e não somente futebolístico – do programa e sua simbologia dentro do jornalismo esportivo brasileiro.

Palavras-chave: cobertura esportiva; Globo Esporte; jornalismo esportivo; entretenimento.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Léo Batista apresentando a primeira edição do Globo Esporte (à esquerda) e, em seguida, o repórter Juarez Soares (à direita)	34
Figura 2 – Modelo de crédito (à esquerda) e em seguida, a arte criada para retratar tabela de pontuação da Fórmula 1 (à direita) – inserção de caracteres	35
Figura 3 – Modelo personalizado de vinheta sobre o pentacampeonato do Brasil	51
Figura 4 – Mylena Ciribelli durante a edição de 2002 (à esquerda) e, em seguida, Tiago Medeiros apresentando uma das edições de 2022 (à direita)	56
Figura 5 – Mylena Ciribelli e Alexandre Bacci durante a escalada (à esquerda) e, em seguida, na cabeça da última matéria da edição (à direita)	56
Figura 6 – Irreverência de Fernando Rocha ao fazer a matéria repercutindo as ruas vazias no Rio de Janeiro (à esquerda) e exemplo de crédito em 2002 (à direita)	58
Figura 7 – Tiago Medeiros apresentando a edição do Globo Esporte com destaque para o vivo de Karine Alves no dia 14 de dezembro de 2022	59
Figura 8 – Exemplo de passagem de repórter com Eric Faria (à esquerda) e, em seguida, outro exemplo com Pedro Bassan (à direita)	59
Figura 9 – Exemplo de créditos no programa de 2002 (à esquerda) e, em seguida, como foi creditado em 2022 (à direita)	60
Figura 10 – Exemplo do uso do lettering e da arte dentro de uma matéria	61
Figura 11 – Caco Barcelos (à esquerda) e, em seguida, Raphael Sibilla (à direita)	61
Figura 12 – Uso das redes sociais dentro de uma matéria (à esquerda) e, em seguida, outro exemplo de como a arte contribuindo para a história (à direita)	71
Figura 13 – Exemplo de como a arte é utilizada no Globo Esporte de 2022	72
Figura 14 – Exemplo do uso do lettering e da arte dentro de uma matéria	73
Figura 15 – Utilização de arte para contar a história de uma matéria	73
Figura 16 – Encerramento da edição de 2002	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2002	11
Tabela 2 – Jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2022	12
Tabela 3 – Divisão do tempo e temas na primeira edição do Globo Esporte, em 1978	33
Tabela 4 – Espelho da edição do Globo Esporte realizada no dia 01 de julho de 2002	48
Tabela 5 – Espelho da edição do Globo Esporte realizada no dia 19 de dezembro de 2022	49
Tabela 6 – Comparação entre as edições sobre a reportagem da final da Copa	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cabeça do VT da primeira edição do Globo Esporte sobre o título brasileiro do Guarani	34
Quadro 2 – Encerramento da primeira edição do Globo Esporte	35
Quadro 3 – Abertura do Globo Esporte realizada no dia 01 de julho de 2002	52
Quadro 4 – Cabeça da primeira matéria exibida na edição que repercutiu a final em 2002	53
Quadro 5 – Cabeça da matéria sobre como ficaram alguns bairros do Rio de Janeiro durante a final da Copa de 2002	53
Quadro 6 – Primeira aparição de Tiago Medeiros na edição que repercutiu a final de 2022	54
Quadro 7 – Matéria do Globo Esporte sobre a final da Copa do Mundo de 2002 entre Brasil e Alemanha, realizada no dia 01 de julho	64
Quadro 8 – Matéria sobre a final entre Argentina e França do Globo Esporte no dia 19 de dezembro de 2022, após a final da Copa do Mundo	65
Quadro 9 – Texto da nota coberta “Com recorde, Nicholas Santos é tetracampeão mundial dos 50m borboleta”	75
Quadro 10 – Texto da nota pelada sobre o título do campeonato amapaense e pernambucano de 2002	75
Quadro 11 – Texto de encerramento da edição de 2022	77

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. A Copa do Mundo de 2002 e 2022	7
2.1. As semelhanças e diferenças entre as edições	7
2.2. Apoio popular: o caso do pisca-pisca nas moradias	12
2.3. Novas formas de apoio popular no futebol	16
3. Cobertura Esportiva	18
3.1. Breve histórico	18
3.2. A primeira transmissão de Copa do Mundo no Brasil	20
3.3. Modificações com a internet	22
3.4. Interação com o público	27
4. O programa Globo Esporte	31
4.1. Breve histórico	31
4.2. Público-alvo e simbologia do programa	36
4.3. A linguagem e a tendência com o jornalismo local	39
4.4. Importância e impacto no modo de torcer brasileiro	42
4.5. Contextualização com a televisão fechada	43
5. Análise comparativa das edições	45
5.1. Duração	46
5.2. Abertura	50
5.3. Apresentação	52
5.4. Repórteres	57
5.5. Reportagem sobre o jogo	62
5.6. Inserções gráficas	70
5.7. Abordagem sobre os demais jogos e eventos	73
5.8. Encerramento	76
6. Conclusão	78
7. Referências bibliográficas	82
8. Apêndices	85
8.1. Entrevista com Tiago Medeiros	85
8.2. Entrevista com Giba Pérez	91
8.3. Entrevista com Caio Areosa	94
8.4. Entrevista com Luciano Mello	101
8.5. Entrevista com Ricardo Jacomo	105

1. Introdução

Este trabalho pretende propor uma reflexão sobre o desenvolvimento da cobertura jornalística no programa Globo Esporte, da TV Globo, ao longo dos últimos vinte anos. Para isso, será feito um recorte específico a partir das edições que foram ao ar no dia seguinte às finais das Copas do Mundo de 2002, disputada na Coreia do Sul e no Japão, e de 2022, realizada no Catar. Ou seja, as duas edições detalhadas serão as dos dias 01 de julho de 2002 e 19 de dezembro de 2022. Com isso, o conteúdo majoritário do trabalho será a repercussão do pentacampeonato da seleção brasileira, após a vitória por 2 a 0 diante da Alemanha, e o tricampeonato da Argentina, conquistado após uma disputa nos pênaltis contra a França. Vale destacar que, além da análise minuciosa destas duas edições, que estão disponíveis na íntegra tanto no Youtube¹ quanto no Globoplay², plataforma de *streaming*³ da emissora, serão citadas ao longo do trabalho outras matérias deste recorte. O intuito é ampliar o entendimento da cobertura de um grande evento esportivo e verificar outras características que estão presentes.

A justificativa do recorte da edição pós-final foi um parâmetro estabelecido pelo autor para que houvesse uma equivalência na análise. Isso porque as duas edições foram exibidas ao vivo no mesmo dia da semana, uma segunda-feira, e repercutem a mesma situação: uma final de Copa do Mundo que sempre acontece em um domingo, único dia em que o programa não vai ao ar. Além disso, o fator dos países-sede interfere diretamente na cobertura jornalística. Em 2002, o evento foi sediado em dois países diferentes, o que já implica em modificações na questão de logística e das diferenças culturais, que serão abordadas ao longo do trabalho.

Na edição sul-coreana e japonesa, o Globo Esporte foi um dos principais telejornais que repercutiam os resultados no mesmo dia, porque os jogos eram realizados na madrugada/manhã do Brasil. Entretanto, em 2022, diante do fuso horário do Catar, o programa não foi exibido todos os dias como tradicionalmente ocorre, de segunda a sábado, às 13h. Isso aconteceu por haver um conflito no horário do programa com algum jogo da grade, o que obrigava a emissora a fazer ajustes na grade diária. Havia alguns jogos que se iniciavam às 12h e outros exatamente às 13h. Como foi o caso, por exemplo, da eliminação do Brasil para a Croácia, na fase de quartas de final. A partida começou às 12h no horário de Brasília. Contextualizando ainda mais o

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0&list=LL&index=9&t=299s>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

³ Tecnologia de transmissão de conteúdo que permite que o usuário veja jogos, filmes e séries na internet. Neste caso, as informações não estão contidas dentro da memória do computador, mas sim de forma online.

cenário, desde a estreia da Copa, no domingo dia 20 de novembro de 2022, entre Catar e Equador, até a final, entre Argentina e França, no domingo dia 18 de dezembro de 2022, o programa foi exibido apenas sete vezes. Logo, esta delimitação se torna um fator ainda mais importante na escolha do recorte.

Já a decisão em analisar o programa Globo Esporte passa por uma importância histórica por ser um dos principais jornais esportivos da história da televisão brasileira. Há décadas, o GE repercute o que aconteceu de mais interessante nas competições e jogos não só no Brasil como também no mundo. Além da relevância jornalística, trata-se também de uma questão pessoal porque acompanho o programa desde a infância e, durante a execução deste trabalho, estagio dentro do ambiente da redação da Globo. Ou seja, vivencio esta realidade diariamente, o que provocou uma instigação ainda maior para me debruçar sobre o assunto. O período da tomada de decisão também foi determinante. O início coincidiu com a proximidade da Copa do Mundo de 2022, o que motivou a escolha, uma vez que se completava vinte anos da conquista do pentacampeonato do Brasil, o último título mundial da Seleção. Outro fator foi a edição de 2026 ter sede em três países: Estados Unidos, México e Canadá. Por ser a segunda no formato de sedes divididas entre países, despertou um interesse em entender as nuances de como aconteceu na Coreia do Sul e Japão, países que também vivenciaram conflitos políticos e ideológicos na história.

Ao longo dos últimos vinte anos, observa-se que o Globo Esporte passou por modificações, principalmente na abordagem dos personagens dos jogos e nos recursos incorporados em como contar estas histórias. Com isso, a proposta é pontuar os desdobramentos da cobertura dentro do GE, mostrando não só o que foi modificado, mas também trazer o que permaneceu e faz parte da essência. Por essa importância histórica do programa, que está no ar desde 1978, e a sua relevância dentro do cenário esportivo, se faz necessário o estudo para entender como o programa mantém o seu renome e pertinência, mesmo com as modificações que a sociedade e os modos de se comunicar vivem. Desse modo, a relevância deste trabalho reside justamente em agregar na discussão de como o jornalismo esportivo se adaptou aos novos formatos de comunicação, além de levantar algumas questões dentro do ato de contar histórias na televisão brasileira.

Para evidenciar estes pontos dentro do intervalo de tempo, além da revisão bibliográfica que estará durante todos os capítulos, a metodologia utilizada foi a análise comparativa para confrontar as características identificadas em cada uma das edições. Para isso, junto com a revisão na íntegra de cada programa, entrevistas em profundidade foram realizadas, pelo autor, com profissionais que participam ou já participaram do processo de edição do Globo Esporte,

além de personagens que têm experiências em outras áreas que complementam o programa, como a área digital. Para a execução deste trabalho, o autor entrevistou Ricardo Jacomo, atual editor-chefe do Globo Esporte e que também esteve no programa durante a cobertura de 2002; com o atual editor-executivo Caio Areosa; Tiago Medeiros, apresentador do programa durante a Copa do Catar; Luciano Mello, coordenador de futebol no *ge.globo*; além de Giba Pérez, repórter do site e que tem passagens em quadros em vídeo. Por isso, diante da expressão dos entrevistados e da importância para estudos futuros, o material bruto será disponibilizado nos apêndices para ajudar na produção de conhecimento e reflexão sobre discussões que surgirão a partir dos pontos levantados nesta monografia.

Além das fontes citadas acima, o portal Memória Globo⁴, local onde a emissora armazena parte do seu acervo, foi determinante para complementar com entrevistas de personagens históricos do programa que ajudarão na contextualização. Sem contar a presença de entrevistas disponíveis na internet com Tiago Leifert e Alex Escobar, apresentadores marcantes dentro do GE e símbolos da modificação do estilo de comunicação que o programa vivencia constantemente. Em resumo, o intuito destas narrativas é mostrar a evolução do programa por meio das pessoas que fizeram parte deste processo. Ou seja, ouvir a opinião de profissionais que vivenciam ou vivenciaram no dia a dia o programa para agregar no processo da análise.

Antes de analisar propriamente os desdobramentos do programa, a intenção do trabalho é contextualizar e levantar questões sobre todos os aspectos. No caso, primeiro sobre o recorte da competição: a Copa do Mundo; depois diante do tema esportivo dentro do meio de comunicação analisado: esportes na televisão brasileira; e, por fim, o programa: Globo Esporte. Entendendo todos os enquadramentos, levará a uma compreensão eficiente para a análise comparativa.

Assim, o trabalho se iniciará pontuando questões pertinentes das duas edições da Copa do Mundo a serem analisadas e, com isso, refletir sobre as particularidades que afetam a cobertura esportiva. Em 2002, um dos desafios foi a questão logística, uma vez que foi a primeira edição disputada com dois países sedes e a primeira realizada fora dos continentes europeu e americano. Uma das atenções será voltada ao fator do fuso horário, como antecipado acima, diante do nível em que modifica a própria estrutura do Globo Esporte e a cobertura jornalística como um todo do evento. Em contrapartida, a proximidade entre jornalistas e jogadores é algo que será comentado ao longo do capítulo. Em alguns trechos descritos e nos

⁴ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/>. Acesso em 14 de dezembro de 2023.

ângulos das matérias será discutido como esta proximidade define ou não a forma de levar a notícia ao telespectador, mas, sem dúvidas, é algo que se modificou com o passar dos anos. Neste aspecto, se analisará as formas de torcer do povo brasileiro e como elas se conectam não só com o evento, mas com a transmissão também, dando uma leve introdução na questão da interatividade que virá nos capítulos seguintes.

Depois do entendimento das especificidades de cada edição, o trabalho trará um resumo histórico de como a televisão chega no Brasil e em que ponto ela se conecta com o esporte focando sempre no recorte das Copas. Ao longo de todo o texto, será explorado o fator da competição dentro da formação da identidade nacional e dos hábitos dos brasileiros. Além disso, o trabalho discutirá, primordialmente, o impacto do surgimento e da consolidação da internet dentro da cobertura esportiva. A internet alterou algum critério de noticiabilidade? Ou, ainda mais, criou ou atribuiu peso em alguns já existentes? Como ela ajuda dentro do processo de apuração e criação de pautas dentro dos programas de televisão? São alguns questionamentos que serão abordados.

Neste caminho do meio digital, a questão da interatividade será tópico importante. Primeiramente, para o entendimento de como acontecia dentro do programa em 2002, seja através de quadros ou seja pela interação via telefone, e, com este entendimento, observar como se desenvolveu com o tempo. O objetivo é iniciar uma discussão de como as redes sociais contribuíram para o andamento do GE. Uma das hipóteses inicialmente levantadas é na contribuição para a geração de pautas. Na sequência, um dos pontos centrais dessa discussão será a figura do apresentador e a importância que a comunicação que ele utiliza adquire. Em que circunstâncias esta figura tem dentro da essência do caráter descontraído e leve?

Entendendo todas as questões pertinentes ao histórico das duas Copas do Mundo analisadas e da cobertura esportiva dentro da televisão brasileira, o trabalho debate as nuances do Globo Esporte. O intuito é trazer um histórico do programa desde 1978, ano de estreia, até os dias atuais, destacando alguns pontos. Dentre eles, o público-alvo. Um dos desafios do programa, levantado através das entrevistas, é o equilíbrio entre tornar o conteúdo atrativo para o leigo, sem esquecer de abastecer o apaixonado pelo esporte. A informação de que Kylian Mbappé é um astro em ascensão da seleção francesa pode ser evidente para quem acompanha o futebol, porém, precisa ser citada para equiparar com aqueles que estão assistindo e não acompanham diariamente o esporte. Um debate que se estende para o entendimento da televisão fechada e aberta dentro do Brasil.

Diante deste cenário, a linguagem é um aspecto analisado detalhadamente. Com um público diverso da emissora, qual é a linha editorial adotada para se comunicar? O programa é

notoriamente conhecido por uma abordagem leve e descontraída, mas como chegou até este momento? Quais foram os fatores determinantes para este cenário vivido hoje? As entrevistas realizadas com editores do programa ajudarão a responder este tópico que já levanta em questão de uma comunicação mais próxima do entretenimento e, ao longo do trabalho, serão explicados fatores que afetam esta intensificação como a localização dentro da grade da emissora, a própria questão do desejo de telespectador e balanceamento do compromisso com a informação. O conceito de *showrnlismo*, proposto por José Arbex Júnior (2002), é um dos explorados para contextualizar e entender esta característica marcante do Globo Esporte.

As edições nacionais e regionais do programa também serão debatidas. Em 2002, por exemplo, o programa tinha uma edição única para quase todo o país, o que implicava em diferentes consequências como a consolidação de times e ídolos nacionais. Entretanto, hoje se identifica uma quantidade cada vez maior de regionalização. Quais fatores levaram para essa migração de conceito? Seria uma forma do esporte se aproximar do jornalismo geral? É uma questão demandada pelo torcedor? Dentro deste tópico, será esmiuçada esta discussão.

Por fim, para elucidar todos estes pontos, será feita a análise comparativa propriamente dita analisando nove subtópicos: duração, abertura, apresentação, repórteres, reportagem sobre o jogo, inserções gráficas, abordagem sobre os demais jogos/eventos e encerramento.

No início, será destrinchado o espelho das duas edições para o entendimento de como são distribuídos o tempo de cada matéria, os blocos e as temáticas abordadas. Esta divisão é crucial porque servirá como base para o entendimento, por exemplo, da importância dada a cada matéria. Dentro da televisão, quanto mais tempo se dá a um determinado assunto, implica-se diretamente na relevância que ele tem. A hipótese dentro desta divisão é também entender o peso que os outros esportes têm dentro do programa. Por mais que o futebol seja o mais popular no país, qual o espaço que o vôlei, tênis e basquete têm dentro da programação? Qual o critério e panorama da notícia destes esportes? O fato de ser brasileiro impacta ou é mais determinante a fase de disputa da competição ou até mesmo uma eventual conquista de título? São alguns pontos a serem comentados. Ao longo de toda a análise, será perceptível observar quais os mecanismos utilizados para manter o telespectador atento e representado. Isso acontece desde o primeiro contato dele com o Globo Esporte através da vinheta, o que permeia o debate do tópico de abertura.

Outro tópico preponderante na análise é referente aos apresentadores. Em 2002, Mylena Ciribelli e Alexandre Bacci apresentavam em dupla, enquanto, em 2022, Tiago Medeiros era a única figura dentro do estúdio. Conforme antecipado acima, o âncora foi entrevistado e, por isso, há a intenção de discutir, a fundo, as características da linguagem utilizada por Tiago que

sintetizam a essência do programa. Em um contexto que o GE é definido por um tom coloquial e pegada de sutileza, o apresentador é peça importante para discutir o tom de conversa que aplica com o telespectador e com os repórteres que aparecem ao longo da edição. Sobre os repórteres inclusive, este atributo também se estende. Além das entradas ao vivo, a forma de se comunicar ao contar as histórias durante as matérias é essencial porque agrega o fator de aplicar uma nova perspectiva na história. Em um contexto de transmitir informação com bom humor, é importante a divisão para que não haja confusão com o caráter de piada. Para mostrar este efeito e levantar as discussões, serão feitas transcrições das falas e o uso de figuras para retratar.

Vale ressaltar que, ao tratar da linguagem, este trabalho não tem como pretensão fazer uma análise gramatical do discurso utilizado, mas sim fazer observações sobretudo do vocabulário empregado e das marcas de oralidade. A intenção é colocar em pauta se a comunicação que é realizada se aproxima ou não da linguagem do torcedor. O mesmo acontece com a evolução tecnológica. Esta monografia não tem como objetivo fazer uma linha do tempo cronológica das inovações técnicas que existiram ao longo dos anos que possibilitaram, por exemplo, o aumento de entradas ao vivo de repórteres, da quantidade de câmeras e uso de inserções gráficas. Aliás, há também a pretensão de levantar o tópico de como uma arte ajuda a contar a história. O trabalho discutirá as diferentes formas com que o grafismo agrega no audiovisual, seja para ilustrar uma pauta ou para destacar uma informação dada na fala do repórter.

Por fim, dentro da linguagem empregada, seja pelos apresentadores, repórteres e até mesmo nos textos escritos pelos editores, há um grande avanço nos últimos anos na forma cada vez mais criativa nas abordagens dos fatos. A hipótese a ser levantada é que a aproximação com o entretenimento deriva de alguns aspectos, como um público mais diverso na televisão aberta e a agilidade que a internet trouxe ao jornalismo. Esta parte passará por entender como a rapidez do fluxo de informações no meio digital alterou o consumo de notícias do brasileiro. Em que ponto a imagem, matéria-prima da televisão, entrou na internet trazendo lances que antes eram quase exclusivos da TV. Em resumo, o trabalho discutirá majoritariamente estes pontos ao longo de todos os capítulos.

2. A Copa do Mundo de 2002 e 2022

A Copa do Mundo é o campeonato mundial de seleções nacionais de futebol capaz de mexer com as emoções desde o torcedor fanático pelo esporte, passando pelos simpatizantes ou até mesmo pelas pessoas que param apenas de quatro em quatro anos para acompanhar. É o caráter imprevisível de uma partida de futebol que traz a universalidade e torna todos em especialistas no esporte, independentemente da sua origem, gênero e até mesmo idade. O ex-secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) Kofi Annan, em artigo publicado pela Folha de São Paulo, escreveu sobre como o futebol e o evento Copa do Mundo têm um poder de alcançar e tocar as pessoas, independente da cultura, localidade ou qualquer outro fator:

Você pode estar se perguntando por que o secretário-geral das Nações Unidas está escrevendo sobre futebol. Mas a Copa do Mundo faz com que nós, nas Nações Unidas, morramos de inveja. Como o único jogo realmente global, praticado em todos os países, por todas as raças e religiões, é um dos poucos fenômenos tão universais quanto as Nações Unidas. Podemos até dizer que é ainda mais universal. A Fifa tem 207 membros. Nós temos 191. (...) A Copa do Mundo é um evento sobre o qual todo o planeta adora conversar. Discutir sobre o que seu time fez de certo e o que podia ter sido feito diferente, sem mencionar o que o time adversário fez ou deixou de fazer. Pessoas sentadas em cafés em qualquer lugar, de Buenos Aires a Pequim, debatem intensamente os melhores momentos dos jogos, revelam um profundo conhecimento não só dos seus times, mas dos de outros países e falam no assunto tanto com clareza quanto com paixão (ANNAN, 2006)⁵.

Os trechos retirados do artigo publicado em 09 de junho de 2006 permanecem válidos até a presente data. Um exemplo evidente é que, em 2023 – dezessete anos depois da declaração do secretário-geral –, a ONU aumentou para 193 Estados-membros, porém, permanece com número inferior à Federação Internacional de Futebol (FIFA), que passou a ser vinculada por 211 organizações esportivas. Partindo dessa premissa – do futebol como tema de interesse mundial – o objetivo deste segundo capítulo é abordar questões pertinentes às duas edições de Copa do Mundo (2002 e 2022) e refletir sobre as particularidades que afetaram a cobertura esportiva do evento, levando a análise muito além dos vinte anos que as separam.

2.1. As semelhanças e diferenças entre as edições

A Copa do Mundo masculina de 2002 foi realizada no Japão e na Coreia do Sul entre os dias 31 de maio e 30 de junho. Foi a primeira vez que uma edição não aconteceu no

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0906200608.htm> Acesso em 11 de julho de 2023.

continente europeu ou americano, além de ser inédita a divisão da organização entre dois países. Em 2026, a competição volta a ter este formato, com diferentes locais, quando Estados Unidos, Canadá e México recebem o evento. Por si só este fato já torna a edição de 2002 especial, afetando das mais diferentes formas a cobertura jornalística sobre o torneio, como explica o então diretor de Esporte da Globo, Luiz Fernando Lima, em entrevista no Memória Globo, sessão do site da emissora que armazena histórias de grandes coberturas.

Foi uma Copa que teve o aspecto inusitado. Como é que você trabalha com dois países, portanto, tendo que lidar com culturas diferentes, moeda diferente, língua diferente, questão de alfândega, trânsito entre os dois países. Essa Copa exigiu um planejamento diferente porque desde o começo a gente sabia que ela seria diferente de todos os demais eventos que a gente já tinha realizado (LIMA, 2002)⁶.

Outra personagem envolvida diretamente na cobertura foi a jornalista Fátima Bernardes que, na ocasião, era apresentadora do Jornal Nacional ao lado de William Bonner. No mesmo webdocumentário ao Memória Globo, Fátima definiu a Copa como “completamente diferente”, ao explicar que não só mudavam de cidade, mas também o cenário do jornal várias vezes ao longo da edição – diferentemente do que estava programado inicialmente. A ideia era que a jornalista estivesse em um dos estúdios feitos pela emissora e fosse a âncora do próprio local da Copa. Ou seja, Bonner no Brasil e Fátima da Coreia do Sul ou Japão – conforme iam decorrendo os jogos. Contudo, por decisão editorial, Fátima apresentou apenas no primeiro dia do estúdio e, a partir de então, passou a acompanhar e entrar ao vivo no jornal sempre perto da concentração dos jogadores, ganhando até o título de “Musa da Copa” pela proximidade que ganhou com a equipe brasileira. “O Jornal Nacional entrava no ar às oito da manhã de lá e eu acompanhava o ônibus da Seleção. Era uma Copa cigana mesmo, que nos permitiu a brincadeira: vamos correr para onde?”, explica Bernardes⁷.

Regressando à edição de 2002, o pioneirismo na escolha de duas sedes fez parte de uma estratégia política da FIFA de tentar agradar ambos os lados, contrariando, mais uma vez, o ditado popular brasileiro que “Futebol e política não se misturam”. Anteriormente, Japão e Coreia do Sul lançaram candidaturas separadas, além do México. Contudo, pouco tempo antes do anúncio da decisão, as nações unificaram o projeto e ganharam a escolha da entidade máxima do futebol.

A Coreia do Sul viveu historicamente um longo processo de domínio japonês entre 1910

⁶ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-do-mexico-1970/noticia/copa-do-mundo-do-mexico-1970.ghtml> Acesso em 11 de julho de 2023.

⁷ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/copa-do-mundo-de-2002.ghtml> Acesso em 09 de outubro de 2023.

e 1945, sendo que apenas em 1965 as relações foram normalizadas via tratado bilateral. A situação se agravou porque, diferentemente da postura da Alemanha, que assumiu as responsabilidades de maneira irrestrita dos crimes cometidos durante a Segunda Guerra Mundial, o governo japonês manteve uma política oficial de celebração dos seus feitos vinculados à época, causando ressentimentos nos países vizinhos (BRAZINSKY, 2019). Por isso, a decisão de dividir a organização do maior evento de futebol do mundo causou revolta entre os próprios sul-coreanos.

Entretanto, neste cenário, o esporte foi crucial para a consolidação do país que acabava de derrubar um governo ditatorial em 1987, buscava reafirmar um governo democrático e estabelecer uma nova imagem para o mundo. O processo começou quando recebeu na capital Seul as Olimpíadas de 1988, passou pela Copa do Mundo de 2002 e prosseguiu até os Jogos Olímpicos de Inverno de Pyeongchang (2018), que também dividiu a realização, só que desta vez com a Coreia do Norte. O sucesso do Mundial já foi visto logo no primeiro dia. De acordo com dados da Globo, emissora oficial da competição do Brasil em 2002, cerca de 4 bilhões de pessoas assistiram à cerimônia de abertura ao vivo⁸.

Contudo, a escolha da sede do Mundial nem sempre foi assim. A decisão da primeira edição, por exemplo, realizada no Uruguai, em 1930, aconteceu devido aos uruguaios serem considerados os melhores do mundo naquele momento, uma vez que eram bicampeões olímpicos. Os jogos foram realizados na capital Montevideu em três estádios: Centenário, Gran Parque Central e Pocitos, adotando o mesmo estilo das Olimpíadas de centralizar em uma única cidade. Na edição seguinte, a de 1934, na Itália, as partidas passaram a ser distribuídas por outros lugares do país. O crescimento da competição é tão significativo que, em 2002, as disputas aconteceram em 20 estádios em 20 cidades diferentes, sendo 10 em cada país.

Vinte anos depois, o Catar recebeu a 22ª edição de Mundiais com a abertura acontecendo em um domingo, dia 20 de novembro, e a final sendo realizada também no domingo, 18 de dezembro. As datas são relevantes porque foi a primeira edição disputada no final do ano e estreando uma edição em solo árabe. O Catar, até pela dimensão territorial – são 11.610 km² de extensão, o que equivale a quase metade do estado de Sergipe, o menor estado brasileiro -, se dividiu em oito estádios em cinco cidades. A proximidade dos estádios fez com que, por exemplo, fosse possível que o presidente da FIFA, Gianni Infantino, pudesse acompanhar no estádio o primeiro tempo de Brasil e Camarões e o segundo tempo de Sérvia e Suíça, partidas

⁸ Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-da-coreia-e-japao/noticia/copa-do-mundo-da-coreia-e-japao.ghtml> Acesso em 09 de outubro de 2023.

que aconteceram em horários simultâneos na terceira rodada da fase de grupos.

Já tendo conhecimento de uma forma geral dos dois Mundiais, é válido começar a destacar os pontos que tangenciam ou não as coberturas do ponto de vista factual. Ou seja, das informações exteriores que afetam a dinâmica de como será o trabalho jornalístico. Dito isto, uma das principais semelhanças das edições analisadas é que ambas ficam geograficamente no continente asiático. Portanto, estão horas à frente em relação ao horário de Brasília - o que impacta diretamente no comportamento e na rotina do torcedor ao longo da competição. O Brasil está localizado três horas a oeste – à esquerda – da linha de Greenwich, na Inglaterra, que determina o ponto zero de contagem de horas no mundo. Tanto Coreia do Sul quanto Japão estão nove horas à frente do Tempo Médio de Greenwich (GMT). Ou seja, faz com que a diferença de horas seja de 12 horas.

Por exemplo, em 2002, o jogo de estreia do Brasil contra a Turquia foi realizado às 18h local (Ulsan, na Coreia do Sul) correspondia às 6h da manhã no horário de Brasília. No Catar, essa diferença ainda existe, porém é menor. O país árabe está 6 horas à frente do horário da capital brasileira. A primeira partida da Seleção no Mundial, diante da Sérvia, foi às 22h de Lusail, no Catar. Portanto, às 16h de Brasília. É uma diferença considerável para quem reside no Brasil, impactando a rotina do interesse pessoal de quem deseja acompanhar as partidas quanto do tempo de trabalho nas empresas.

Os horários possíveis dos jogos é outro fator que diferencia as edições. No caso catari, a competição como um todo aconteceu, pela primeira vez, entre os meses de novembro e dezembro. Isso acontece pelo fator climático, uma vez que o Catar é um país desértico, com um clima quente e seco praticamente ao longo de todo ano. As temperaturas chegam a atingir os 50°C nos meses mais quentes como junho – quando historicamente acontece as Copas. Para a possibilidade de ser sede, houve uma adaptação para que acontecesse entre os dias 20 de novembro – data da estreia entre Catar e Equador – e 18 de dezembro – dia da final. Nesse período, a temperatura varia entre mínima de 10°C e máxima de 20°C.

Com isso, os jogos no Catar possuem cinco horários possíveis na fase de grupos: 07h, 10h, 12h, 13h e 16h. Enquanto isso, na edição de 2002, as partidas aconteciam em três horários determinados: 03h30, 06h, 8h30, sempre levando em consideração o horário de Brasília. Em 2002, houve apenas três exceções dos horários citados acima, sendo todos na primeira rodada. O empate em 2 a 2 entre Paraguai e África do Sul ocorreu às 04h30 em Busan, Coreia do Sul. A vitória argentina por 1 a 0 diante da Nigéria que iniciou às 02h30 no Ibaraki Kashima, Japão. E, por fim, o início às 06h30 da partida entre Inglaterra e Suécia que terminou empatada em 1 a 1 em Saitama, Japão. Conforme a competição avançava, os melhores horários do ponto de

vista da audiência iam permanecendo. No caso sul coreano e japonês, os de 3h30 e 8h30, com a final sendo realizada às 8h. Já no Catar, às 12h e 16h, sendo o primeiro o horário da decisão.

Tabela 1 – Jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2002

Data	Horário de Brasília	Jogo	Fase	Local
03/06/2002 Segunda-feira	06h	Brasil 2 x 1 Turquia	Grupos	Ulsan, Coreia do Sul
08/06/2002 Sábado	8h30	Brasil 4 x 0 China	Grupos	Jeju, Coreia do Sul
13/06/2002 Quinta-feira	3h30	Costa Rica 2 x 5 Brasil	Grupos	Suwon, Coreia do Sul
17/06/2002 Segunda-feira	8h30	Brasil 2 x 0 Bélgica	Oitavas	Kobe, Japão
21/06/2002 Sexta-feira	3h30	Inglaterra 1 x 2 Brasil	Quartas	Shizuoka, Japão
26/06/2002 Quarta-feira	8h30	Brasil 1 x 0 Turquia	Semifinais	Saitama, Japão
30/06/2002 Domingo	8h	Alemanha 0 x 2 Brasil	Final	Yokohama, Japão

Fonte: Federação Internacional de Futebol, 2002⁹.

⁹ Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/mens/worldcup/2002korea-japan>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

Tabela 2 – Jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2022

Data	Horário de Brasília	Jogo	Fase	Local
24/11/2022 Quinta-feira	16h	Brasil 2 x 0 Sérvia	Grupos	Lusail, Catar
28/11/2022 Segunda-feira	13h	Brasil 1 x 0 Suíça	Grupos	Doha, Catar
02/12/2022 Sexta-feira	16h	Camarões 1 x 0 Brasil	Grupos	Lusail, Catar
05/12/2022 Segunda-feira	16h	Brasil 4 x 1 Coreia do Sul	Oitavas	Doha, Catar
09/12/2022 Sexta-feira	12h	Brasil 1 x 1 Croácia (Croácia vence nos pênaltis por 4 a 2)	Quartas	al-Rayyan, Catar

Fonte: Federação Internacional de Futebol, 2002.¹⁰

O detalhamento dos horários é fundamental para entender a dinâmica da cobertura jornalística, porque ela afeta diretamente a programação televisiva. O exemplo mais evidente é o próprio objeto de estudo deste trabalho: o Globo Esporte. Conforme nenhum jogo coincidia com o horário fixo do programa, a edição de 2002 contou com as edições padrão. Ou seja, de segunda a sábado por volta das 12h40. Entretanto, na edição de 2022, todos os dias ocorriam partidas no horário de 12h ou 13h, obrigando a emissora a fazer ajustes na grade diária e o programa não foi ao ar como tradicionalmente. Deve-se levar ainda em consideração que a emissora abre a transmissão do jogo com 15 minutos de pré-jogo e a partida tem duração de aproximadamente duas horas corridas.

2.2 Apoio popular: a audiência e o caso do pisca-pisca nas moradias

Para além da relevância que é ocupar as manchetes dos jornais impressos, televisivos e digitais, a Copa do Mundo também é capaz de parar o mundo registrando números recordes de audiência a cada edição que passa. Ambas as Copas analisadas trouxeram resultados consideráveis tanto para a organização da FIFA, quanto para as emissoras televisivas detentoras dos direitos de transmissão.

¹⁰ Disponível em: <https://www.fifa.com/fifaplust/en/tournaments/mens/worldcup/qatar2022/scores-fixtures?country=BR&wtw-filter=ALL>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

No Brasil, a Globo deteve os direitos das duas edições em análise. Na edição catari, a estreia da seleção contra a Sérvia, às 16h, do dia 24 de novembro de 2022¹¹ (quinta-feira) significou 50.8 pontos na média nacional para a Globo, a maior audiência de uma estreia do Brasil em Copas desde 2006, superando inclusive a Copa do realizada no Brasil, em 2014. Essa expressão dos números da emissora acontece quando ela detém a exclusividade de transmissão de televisão aberta e fechada, porém, não no ambiente digital. O principal concorrente na internet foi a CazéTV, do produtor de conteúdo Casimiro Miguel, que transmitiu um jogo da competição por dia no seu canal no Youtube¹², competindo diretamente com o Globoplay – *streaming* da emissora e a sua opção para acompanhar através da internet.

Vale destacar que, em ambos os veículos, a cobertura também se deu com envio de repórteres para o Catar e com produção de conteúdo ao longo do dia, porém, se distinguindo no modo de linguagem. Tradicionalmente, as transmissões na Globo em televisão, seja aberta ou fechada, adotam tanto na narração quanto nos comentários um tom neutro e formal. Enquanto isso, a CazéTV usa de uma linguagem mais leve e informal, usando o artifício do humor. Diante desta nova tendência, a emissora optou por uma outra opção de narração seguindo este estilo mais descontraído, capitaneado por Tiago Leifert, que foi ao ar no Globoplay e no sportv2 – segundo canal fechado de esportes da emissora – além da narração tradicional na televisão aberta. Tema interessante, que vale inclusive estudos específicos sobre como a exclusividade digital revolucionou a cobertura desta Copa e cravou um marco na história da transmissão esportiva, apesar de alguns contratempos como o *delay*, um atraso de segundos quando comparado à televisão aberta.

Em contrapartida, em 2002, a emissora contou com a exclusividade na TV aberta, abrangendo a TV por assinatura, rádio e internet. Um dos personagens envolvidos diretamente na cobertura, o narrador Luís Roberto de Múcio, ressaltou como um dos fatores de sucesso da audiência se deu pelo fuso horário:

Foi um grande sucesso de audiência a Copa do Mundo de 2002. Eu tenho consciência que o horário ajudou, porque em um jogo normal no meio da tarde, as pessoas se reúnem para acompanhar, seja um jogo do Brasil ou um jogo importante como um Itália e Alemanha, uma semifinal. De madrugada, cada um fica na sua casa, então, o número de ligados era absurdo e era todo

¹¹ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira era de aproximadamente 175 milhões, em 2002. Já em 2022, a população estimativa era de 208 milhões de brasileiros.

¹² Até o dia 14 de dezembro de 2024, o canal no Youtube, disponível em: <https://www.youtube.com/@CazeTV>, tinha 9,65 milhões de inscritos e 3,6 mil vídeos disponibilizados.

mundo ligado na Globo (MÚCIO, 2002)¹³.

Além da importância esportiva já explicitada acima, este comentário do narrador expõe como o futebol, enquanto evento, é capaz de alterar os hábitos da população e a cobertura esportiva. Em outras palavras, o esporte como uma atividade de relevância social, uma vez que as implicações transcendem as linhas do campo. Em 2002, durante a transmissão da partida entre Brasil e Costa Rica, pela terceira rodada da fase de grupos, o narrador Galvão Bueno pediu para que os torcedores que estivessem assistindo ao jogo apagassem e acendessem as luzes para que as imagens aéreas da emissora pudessem captar o efeito: “Vamos lá, quem estiver com a TV ligada, pisca a luz de casa agora. Olha lá Arnaldo, uma, duas, três, é a Freguesia do Ó inteira ligada na Globo”¹⁴, disse o narrador enquanto interagiu com Arnaldo Cezar Coelho, então comentarista de arbitragem e companheiro de Galvão na transmissão, e a câmera da emissora mostrava um prédio da zona oeste de São Paulo, em que moradores piscavam as luzes.

Por mais simples que seja, esta ação de Galvão mostra o impacto do esporte e da transmissão no hábito da população. Um jogo era realizado em plena quinta-feira, com início às 3h30 e com a seleção já classificada para a próxima fase, fez com que boa parte da população alterasse seus hábitos. "Daqui a pouco, eu volto e aí quero ver metade de São Paulo acendendo e apagando a luz", completou o comunicador brincando com o sono do torcedor brasileiro, que acompanhou, quase que simultaneamente, a partida da Copa que acontecia do outro lado do mundo.

Este é um exemplo de como a televisão, enquanto meio de comunicação, atua como uma extensão dos seres humanos. Ela transmite aquilo que não podemos ver fisicamente – como o jogo realizado do outro lado do mundo –, mas é possível acompanhar através dela, como uma extensão dos nossos olhos. O rádio, por sua vez, permite com que se tenha conhecimento de uma notícia como um prolongamento dos ouvidos (MCLUHAN *apud* TOLEDO, 2004, p.14).

Nesse aspecto, durante os dias da Copa do Mundo, a TV atua favorecendo a mudança de rotina do consumidor pelo seu desenvolvimento e aperfeiçoamento com o passar dos anos. Ganhando a cor, a televisão entra e começa a alterar hábitos familiares no Brasil (XAVIER *apud* TOLEDO, 2004, p.16). Além do futebol, as telenovelas assumem esse papel de modificação. Para observar esse tópico apontado, basta perceber como, principalmente a partir de 1994, existem os chamados horários nobres do futebol (quarta-feira às 21h30 e domingo às

¹³ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-do-mexico-1970/noticia/copa-do-mundo-do-mexico-1970.ghtml>. Acesso em 11 de julho de 2023.

¹⁴ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/copa/dia_a_dia-20020613.shtml. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

16h) assim como as populares novelas das 18h, 19h e 21h.

O caso do *pisca-pisca* é um exemplo de como a comunicação de forma geral, mas principalmente em televisão aberta – que tem como característica primordial uma programação que atenda uma variada faixa de público – é capaz de dialogar com o seu telespectador.

Vale ressaltar que o recorte é de 2002, tempo em que a internet e as tecnologias digitais começavam a engatinhar. A televisão era, com folgas, o principal meio de comunicação. No entanto, ela era baseada no modelo de radiodifusão, ou seja, tendo como essência a transmissão, não permitindo que o telespectador se comunique com o emissor através do aparelho (tópico que será destrinchado no capítulo seguinte sobre a interação do público nas coberturas esportivas). Com o advento das redes sociais na internet, essa interatividade é revolucionada e pode acontecer de forma instantânea, com o receptor podendo responder não só com estímulos como apagar e acender as luzes, mas interagir de forma direta via mensagem de texto pelo WhatsApp, Instagram e Twitter, por exemplo.

Ainda neste tópico, para além da audiência para as detentoras dos direitos de imagem, a Copa do Mundo também se mostra um grande evento do ponto de vista publicitário. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), maior entidade do futebol no Brasil, somou 22 patrocinadores para a edição do Catar, número que é mais do que o dobro quando comparado ao Mundial anterior, realizado na Rússia, em 2018, quando nove marcas investiam na seleção brasileira. Anteriormente, em 2014, eram 14 empresas parceiras da CBF, dados que mostram a grandiosidade que o evento também entrelaça na exposição das marcas.

Em números, um exemplo evidente é o Itaú, o detentor da cota máster. O banco investiu mais de R\$ 300 milhões de reais em um acordo de quatro anos, que corresponde ao ciclo de uma edição até a outra. Por ser considerado um dos “patrocinadores principais”, o banco tem direitos de exibir a sua marca no uniforme, placas e entrevistas que acontecem antes, durante e após os jogos, além da permissão de promover ações sociais nas mídias. Em entrevista publicada em agosto de 2022 no site do Estadão, Armênio Neto, especialista em geração de receitas na indústria esportiva, explicou um dos motivos deste crescimento e o porquê de valores tão altos: “A seleção é um produto premium do mercado publicitário, porque empresta prestígio, reconhecimento global e atributos positivos com os quais toda marca quer se associar”¹⁵.

¹⁵ Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3882013/cbf-soma-19-patrocinadores-e-mais-do-que-dobra-numero-de-parceiros-para-a-copa>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

2.3 Novas formas de apoio popular no futebol

Se com o crescimento da internet, o apoio nas redes sociais ganhou mais relevância e impacto principalmente pelo caráter imediato da tecnologia, anos atrás o impacto era perceptível de outra forma. Em 2002, por exemplo, ao caminhar nas ruas de qualquer cidade brasileira em período de Copa era quase que inevitável esbarrar em bandeirinhas das cores verde e amarelo, rodapés das calçadas pintados e ruas e muros pintados com a cara dos jogadores que representariam a seleção na competição. Este costume era cercado de um sentimento de pertencimento, uma vez que as ruas dos bairros eram decoradas de forma voluntária por moradores, que aproveitavam e se reuniam para acompanhar o pré, durante e pós jogo. Entretanto, de forma inversamente proporcional, conforme o crescimento no engajamento nas redes sociais digitais, a prática de pintar as ruas no período de Copa foi esvaziando e deixando de ser uma das principais formas de apoio popular que contagiava o clima em prol da seleção. Ou seja, o que antes era demonstrado nas ruas, passou a ser de forma digital.

Com isso, novas formas de apoio surgiram no esporte em geral e, mais especificamente, no futebol. Uma delas foi devido aos telefones com lanternas. Por mais simples e objetivo que seja, o efeito dos celulares durante a partida de futebol começa das arquibancadas para o campo, quando a torcida começa, em conjunto, a ligar a lanterna dos celulares voltadas para o campo.

Ao certo, não há indícios de quando essa prática surgiu, porém esse efeito foi comentado pelo narrador Galvão Bueno na transmissão da partida na Globo entre Flamengo e Grêmio, no Maracanã, pela Libertadores de 2019:

Quando todas as luzes dos celulares da torcida são acesas. Fica um espetáculo essa modernidade. Quem podia imaginar um dia que as pessoas tivessem telefones que usassem nas mãos, que esses telefones tivessem lanternas e que essas lanternas fossem usadas num estádio de futebol. É a modernidade na comemoração do futebol (BUENO, 2019)¹⁶.

Com essa prática de apoio da torcida sendo cada vez mais frequente nos jogos, algumas questões são levantadas. As lanternas nos estádios seriam uma releitura do que o Galvão pediu, em 2002, para os moradores dos prédios apagassem e acendessem as luzes? Seria uma forma autêntica de comemorar a interação com o espetáculo ou um simulacro de engajamento real, uma vez que esse efeito não é totalmente perceptível para quem está no estádio, mas sim para quem acompanha a transmissão pela televisão, ou está do lado oposto?

¹⁶ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/10/24/frase-de-galvao-impressionado-com-celulares-rende-brincadeiras-na-web.htm#:~:text=Quem%20podia%20imaginar%20um%20dia,mostra!%22%2C%20falou%20Galv%C3%A3o.> Acesso em 09 de outubro de 2023.

Estas formas mostram como o futebol está inserido, acima de tudo, em uma esfera social que faz com que se modifique dentro do contexto vivido. Mas o inverso também é verdadeiro: o esporte influencia no hábito da população ao seu redor. No ambiente político, por exemplo, a Seleção Brasileira – um dos recortes de estudo deste trabalho – foi capaz de interromper por um dia um conflito armado no Haiti.

No dia 18 de agosto de 2004 – pouco mais de um mês após a conquista da Copa América daquele ano – o Brasil enfrentou o Haiti, em Porto Príncipe, capital haitiana, no que ficou conhecido como o “Jogo da Paz”. O país caribenho passava por uma revolta armada desencadeada por uma grave crise política e social, quando recebeu o amistoso. O Brasil venceu a partida por 6 a 0, mas o que ficou marcado foi a alegria do povo haitiano em receber os jogadores brasileiros desde a chegada até o estádio, quando se locomoveram em tanques blindados da ONU até depois do jogo. Na viagem, a seleção contribuiu para uma campanha de desarmamento no Haiti mostrando como o futebol brasileiro foi utilizado como arma em uma missão militar e diplomática.

Os jogadores passaram cerca de cinco horas no país e durante este tempo foram tratados como ídolos internacionais. Atletas de renome estiveram presentes como Ronaldinho Gaúcho – autor de três gols naquele amistoso –, Roberto Carlos e Ronaldo. Na época, o técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Parreira, relatou à Revista Istoé o sentimento após a partida: “Se alguém ainda tinha dúvida em relação à validade desta viagem, deve ter se convencido diante dessas imagens (...) Na próxima vez que um de vocês (jornalistas) me perguntar qual a emoção mais forte que vivi no futebol, direi foi esta. E olha que todos sabem que já vivi muitas”.¹⁷

Outro exemplo que aconteceu dessa influência do futebol foi quando o Santos de Pelé disputou uma partida na Nigéria, que estava em meio a uma guerra civil por uma tentativa separatista da região de Biafra. No dia 4 de fevereiro de 1969, foi decretado um cessar-fogo para que a delegação santista cruzasse o país para realizar um amistoso, na Cidade de Benin. O episódio ficou historicamente conhecido como o “Dia em que o Santos parou a guerra”¹⁸. Em 2020, na rede oficial de Pelé no Twitter, o Rei fez uma publicação se referindo ao episódio de parar a guerra como “um dos meus grandes orgulhos”¹⁹.

¹⁷ Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/ha-16-anos-um-dia-de-paz-e-futebol-no-haiti/>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

¹⁸ Disponível em: <https://ge.globo.com/pele/noticia/2022/12/29/o-dia-em-que-pele-parou-uma-guerra.ghtml>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/Pele/status/1318258916120289280>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

3. Cobertura esportiva na televisão brasileira

Antes de adentrar na discussão sobre as modificações que a televisão passou dentro da cobertura esportiva da televisão brasileira, é necessário compreender o histórico deste veículo de informação no país. O que se pretende evidenciar a seguir é como a televisão chega no Brasil, em que ponto se conecta com o esporte e como foi e continua sendo reformulada com o surgimento e desenvolvimento constante da internet.

3.1 Breve histórico

No Brasil, os primeiros aparelhos televisivos chegaram em 1950, por iniciativa de Assis Chateaubriand, fundador do conglomerado dos Diários Associados e figura já notoriamente conhecida pelo alto investimento no jornalismo impresso. Neste novo caminho, Assis Chateaubriand inaugura a TV Tupi, em São Paulo, sendo a primeira no Brasil. No mesmo ano, a própria emissora, no programa “Vídeo Esportivo”, exibiu imagens do jogo entre Portuguesa e São Paulo, no estádio do Pacaembu, em São Paulo. A reportagem foi a primeira manifestação do jornalismo esportivo na televisão brasileira (CAMARGO; GONÇALVES, 2005). Meses depois, foi transmitida a primeira partida de futebol. O clássico entre Palmeiras e São Paulo, também no Pacaembu, pôde ser visto, com atraso, pela pequena parcela da população que tinha um televisor (RIBEIRO *apud* AFFONSO, 2015, p. 23).

Nesse cenário, é possível perceber que, ao mesmo tempo que surge no Brasil, a TV já começa com a disponibilidade de recursos esportivos, diferentemente do que aconteceu em outros meios de comunicação. Apesar disso, a televisão chega como sinônimo de prestígio e privilégio, uma vez que simbolizava um alto investimento financeiro, podendo ser comparado ao valor de um carro. Neste primeiro ano, existiam apenas 200 aparelhos em todo o Brasil, sendo todos pertencentes à elite econômica do país. (MATTOS, 2002).

O evento Copa do Mundo não demora para ser televisionado. A Copa de 1958 realizada na Suécia foi o primeiro título mundial do Brasil, sendo fundamental na relação do sentimento de torcer do povo brasileiro com o futebol. Com o aparelho, a possibilidade de ver como foi a conquista passa a se tornar uma realidade, mesmo com as limitações tecnológicas e apenas para que a parte população tivesse a oportunidade. Ou seja, as pessoas que tinham acesso aos 344 mil televisores adquiridos naquele ano (MATTOS, 2002). Naquela edição, a TV Tupi adquiriu os direitos com exclusividade no país e transmitia um compacto de 30 minutos com os principais lances dias depois, sendo o máximo que era suportado pela tecnologia da época. Na década de 1970, a tecnologia de televisão em cores surge no país e, logo após, se iniciam as

transmissões via satélite. Com isso, se torna capaz a distribuição do conteúdo de um continente para o outro, começando a elevar o mercado de comunicação ao nível mundial.

Entendendo brevemente como a televisão surge e se desenvolve no país, o relacionamento entre brasileiros e Copa do Mundo começa a se intensificar a partir da TV Globo, que será abordada detalhadamente na sequência do trabalho. Fundada em 1965, a emissora tem papel fundamental no sentimento do povo brasileiro com o futebol e, principalmente, com a Copa do Mundo. Um exemplo é que três (1970, 1994 e 2002), dos cinco títulos conquistados pela Seleção Brasileira, foram exibidos pelo canal.

A Globo começa sua ligação com a competição um ano após a sua fundação: em 1966, na edição disputada na Inglaterra, porém, de uma forma bem diferente do que acontece atualmente. Com um esquema de ‘Pool da Copa’, a emissora exibia VTs e imagens do Mundial, em companhia com outras emissoras como a Tupi, a Excelsior e a TV Rio. Apesar de possibilitar a visualização do jogo, esta transmissão acontecia com um atraso, que poderia chegar até 12 horas depois da realização da partida. Sendo assim, uma das principais desvantagens iniciais da televisão com relação ao rádio era a perda da instantaneidade, causada pela demora do processo de montagem fílmica e a necessidade do transporte dos equipamentos (COUTINHO *apud* AFFONSO, 2015, p. 22).

Depois da fase inicial marcada pelo elitismo, o período entre 1964 e 1975 é caracterizado pela popularização dos programas na televisão, quando as classes C e D passam a ter acesso também (MATTOS, 2002). Na visão do autor, esta fase coincide com a intensificação da industrialização no país, além do período militar, que utiliza a televisão como ferramenta de massificação e criação de uma identidade nacional. Ou seja, o amadorismo é deixado de lado e começa a ganhar mais ferramentas para profissionalização. Um retrato são as transmissões feitas pela Globo, desde 1969, dos compactos noturnos dos jogos do Brasil no Maracanã. Já os jogos realizados fora do país, eram exibidos no dia seguinte à sua realização. A exibição dos jogos na íntegra começa nas Copa de 1970

Neste sentido de consolidação na sociedade brasileira, o esporte – e particularmente o futebol – tem um fator essencial também na consolidação da Globo como dominante no cenário nacional, em conjunto com as telenovelas e o telejornalismo. Não é só em relação ao conteúdo, sendo simplesmente a detenção dos direitos esportivos de determinada competição, mas sim a organização e padronização destes programas na escala. O caráter diário e factual do Globo Esporte faz, por exemplo, com que o telespectador crie o hábito de assistir, sabendo sempre que passará na hora do almoço, como explica Kehl (1986: 254-255).

Tanto no sentido horizontal (de segunda a sexta pelo menos, e no caso das novelas e telejornais, de segunda a sábado, o espectador encontra quase o mesmo tipo de programa de acordo com os horários: novela às seis e sete, jornal às oito, novela de novo, show às nove, novela às dez, jornal às onze, etc.) quanto no vertical (durante um dia inteiro de programação, um padrão visual, os logotipos, o tipo de apresentação dos programas definem uma linha contínua que age no sentido de criar o hábito no espectador e não quebrá-lo nunca), a TV Globo mantém a homogeneidade do que se poderia chamar o ‘tom editorial’ da emissora. (KEHL, 1986).

Contudo, a Rede Bandeirantes, que foi peça importante no processo de consolidação do esporte na televisão brasileira, adotou no início um modelo diferente. O slogan “o canal do esporte” retrata bem a identidade editorial da emissora entre as décadas de 1980 e 1990, porém a empresa tinha o foco nas transmissões ao vivo dos eventos os quais a emissora detinha os direitos. Em outras palavras, a Band não media esforços para alterar a programação tradicional, quando era necessário, para transmitir uma competição. Um viés diferente da concorrente, porém importante na história da cobertura esportiva na televisão.

3.2 A primeira transmissão de Copa do Mundo no Brasil

Olhando para a edição da Copa do Mundo de 2022, o brasileiro tinha diferentes formas de assistir aos jogos, seja pela televisão – no canal aberto da Globo ou fechado como o sportv –, seja na internet – através da CazéTV ou pelo globoplay, sem contar os sites que fazem tempo real das partidas, descrevendo lance a lance, como o ge.globo. Neste último, o usuário tem a chance de ver os melhores momentos de forma quase instantânea após acontecerem. Só neste recorte, vislumbramos mais de cinco possibilidades para acompanhar direto uma partida de Copa, algo que era inimaginável há cerca de 30 anos atrás.

No Brasil, a primeira cobertura televisiva de uma Copa do Mundo aconteceu na edição de 1970, realizada no México. A Globo começou a transmitir ao vivo, pela primeira vez, as partidas daquela edição, juntamente com as redes de emissoras associadas e independentes. Quando se eleva o tópico ao nível mundial, a primeira transmissão de um jogo de Mundial aconteceu em 1954 na partida entre Iugoslávia e França, que terminou com vitória por 1 a 0 dos iugoslavos.

Além da representatividade da conquista do terceiro título mundial da seleção brasileira, a edição de 1970 foi um marco na cobertura jornalística esportiva por ter sido o primeiro grande evento global assistido direto em cores no mundo. Esta visão é corroborada pelo jornalista Luiz

Fernando Lima²⁰, que ocupou o cargo diretor de esportes da Globo e planejou a cobertura jornalística das Copas da França (1998), da Coreia do Sul e Japão (2002) e Alemanha (2006). Em um depoimento para o webdoc sobre a cobertura da Copa do México, disponibilizado pelo Memória Globo, Luiz afirmou: “O primeiro grande evento mundial é a Copa de 1970. Os outros anteriores foram transmissões intercontinentais, mas Copa do Mundo do México é um grande evento mundial”.

Nesse caminho, com a nova tecnologia de transmissão direta, inicialmente em preto e branco, a Globo pôde produzir boletins diários diretamente do México para o Brasil. A emissora contou com três figuras importantes enviadas para o país-sede: o jornalista Armando Nogueira, o locutor Geraldo José de Almeida e o cinegrafista Gabriel Kondorf. Com a equipe no local, as informações eram noticiadas diariamente no Jornal Nacional, em cores, com um bloco especial apresentado por Armando Nogueira relatando não só a preparação da seleção brasileira, mas também os destaques do mundial. Além disso, a presença do cinegrafista era fundamental para gerar as imagens – produto base da televisão –, seja dos treinos do Brasil, a rotina dos jogadores na concentração e os principais jogos. A emissora também contratou como comentarista João Saldanha, ex-técnico da seleção, iniciando também uma nova característica da cobertura que é a presença de um personagem do meio esportivo, que perdura até os dias de hoje.

Apesar de uma equipe pequena, foi responsável por um novo sistema que modificou a forma do brasileiro acompanhar. Antes de 1970, só era possível acompanhar os jogos em preto e branco e com os eventos nem sendo transmitidos ao vivo. Isso acontecia porque as imagens vinham até ao país através de fitas, que chegavam por aviões. Ou seja, causando uma demora e, fazendo com que os jogos fossem “transmitidos” em até dois dias depois da sua realização.

O fato que os jogos seriam transmitidos ao vivo e com imagens na televisão fez com que a procura pelo aparelho aumentasse de forma jamais vista antes. Um exemplo é o sucesso da transmissão da partida entre Brasil, então bicampeão, e Inglaterra, então campeões mundiais. O jogo que aconteceu no dia 07 de junho de 1970, pela segunda rodada da fase de grupos, teve índices mais altos do que a transmissão da chegada do homem à Lua, que aconteceu no ano anterior. Em contrapartida, apesar da tecnologia, o acesso não era tão equilibrado. Um exemplo disso é que o presidente Médici foi uma das poucas pessoas no país que conseguiram acompanhar o jogo da seleção contra os ingleses em cores. O resto da população que teve acesso acompanhou em preto e branco.

A transmissão na televisão também tem fator crucial na criação da memória. Uma das

²⁰ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/luiz-fernando-lima/playlist/exclusivo-eventos-esportivos-de-luiz-fernando-lima.ghtml>. Acesso em: 03 de setembro de 2023.

maiores defesas do mundo, por exemplo, aconteceu nesta edição de 1970. Ainda na fase de grupos, o inglês Gordon Banks fez uma defesa espetacular na cabeçada de Pelé, algo que até os dias atuais é lembrado e reconhecido como a “defesa mais famosa do século”. Apesar do lance, o Brasil venceu a Inglaterra por 1 a 0, com gol de Jairzinho. A memória é tão impactante que, por exemplo, o lance da defesa é mais recordado que o próprio gol que deu a vitória.

3.3 Modificações com a internet

Conforme o recorte temporal deste trabalho contempla as edições do Globo Esporte de 2002 e 2022, é imprescindível comentar o impacto que o surgimento e a consolidação da internet tiveram não só na cobertura esportiva, mas jornalística como um todo. É um intervalo de vinte anos que ganhou novas tecnologias e formas de contar histórias.

A internet já existia na edição da Copa do Mundo da Coreia do Sul e do Japão, em 2002, porém, ainda em um estágio incipiente no Brasil²¹. A “febre da internet” no país começa na segunda metade dos anos 1990 como aponta o jornalista Paulo Vinícius Coelho em seu livro “Jornalismo Esportivo”, uma das principais referências no assunto. Mesmo que tardio, já que o fenômeno havia começado nos Estados Unidos e em países da Europa, a imprensa brasileira entra em contato com o ambiente virtual, mas, em um primeiro momento, sem considerar como uma forma de negócio. Um dos grandes sinais de que a mudança começava a ocorrer foi quando a AOL comprou a Warner, em 1997. Na mesma época, o lançamento do diário Lance! no Brasil acompanhou a tendência de que a internet também cresceria no país. Ao mesmo tempo que o diário impresso era lançado, o grupo também publicou o site *lancenet* (COELHO, 2003).

E não parou por aí. Em 2003, foi lançado o *EsportenaGlobo.com.br*, site esportivo da Globo. Com o tempo, ele foi renomeado para *Globoesporte.com* até ser batizado de *ge.globo*, como passou a se chamar a partir de julho de 2020 e é conhecido até os dias de hoje. A partir deste momento, o trabalho se atentarà a se referir ao site desta forma, porque a edição televisiva é homônima.

Antes do surgimento do site, não só as relações na produção de conteúdo eram bem distintas, mas também a forma como a sociedade consumia e se relacionava com o esporte. Em

²¹ A primeira geração da internet, denominada web 1.0, baseava-se no uso de hiperlinks e se assemelhava a uma página impressa de um jornal. Em outras palavras, apenas retratava informações estáticas, sem dinamismo e alterações, uma vez que a comunicação era unilateral, quando os internautas apenas consumiam o que estava disponível, não podendo criar algo, que viria a ser a revolução da próxima fase. A web 2.0 deu destaque para a produção de conteúdo, com a possibilidade de inserção de comentários em páginas. Além disso, este segundo momento também contou com novas tecnologias que permitiam a criação de páginas mais complexas e agradáveis visualmente.

2002, ainda sem a consolidação da internet, a edição televisiva do Globo Esporte exercia um papel fundamental de informar sobre os acontecimentos esportivos, algo que permanece até os dias de hoje. Entretanto, o programa deixa de ser o primeiro contato do telespectador. Se antes, um torcedor esperava a edição do dia seguinte para saber como foi o jogo e, principalmente, como foi o gol do seu time, agora, com a internet, ele consegue ver em questão de segundos. Este sentimento é explicado diretamente por Tiago Medeiros, apresentador do Globo Esporte Pernambuco que também foi o âncora das edições nacionais durante a Copa do Mundo de 2022, além de apresentar algumas edições do programa dominical da emissora: o Esporte Espetacular.

Sou de uma geração que, quando você faz um recorte no tempo de vinte anos atrás, o mundo era outro. A internet não era tão acessível. (...) A minha paixão pelo futebol foi muito a florada e potencializada pelo Globo Esporte, que era a janela que eu tinha acesso aos conteúdos do futebol. (...) Quando era mais jovem, tinha que ver o bloquinho do GE Pernambuco, que só tinha oito minutos e depois entregava para o GE rede. Se eu quisesse ver notícias sobre contratação, era no Globo Esporte. Se eu quisesse ver os gols, era no Globo Esporte. Se eu quisesse ver preparação para o jogo, era no Globo Esporte. (...) Hoje com a internet, meu filho de 12 anos acompanha tudo pelo celular. Os jogos que ele não assiste, em questão de segundos, não é nem de minutos, ele consegue ver os gols no celular. Sempre tem alguém que está *printando* uma tela, gravando alguma coisa que vai estar lá. (...) Você vai saber como é que aconteceu. Não vai estar em uma qualidade tão boa, mas você vai ver. O fato vai estar ali. (MEDEIROS, 2023)²²

O depoimento mostra o quanto a internet modificou o princípio básico do jornalismo: o imediatismo. Toda notícia factual vai migrar para a internet, que passa a ter este grande diferencial. Esta característica não anula as matérias mais produzidas e longas no meio digital, porém permite que englobe qualquer tipo de coisa. Como cita o comentarista esportivo e pesquisador Celso Unzelte: “Pressupondo o jornalista que quer trabalhar com o *hardnews*, com velocidade da informação, a internet é o reduto. Não há como reagir a isso”. (UNZELTE *apud* BECHARA, 2016, p. 105 e 106).

Em outras palavras, o meio online modificou a produção do jornalismo esportivo na internet e trouxe praticamente a necessidade de se publicar notícias durante as 24 horas do dia. (BECHARA, 2016). Nesse caminho, o próprio Tiago Medeiros explica como esta produção quase que instantânea dos fatos modifica a produção para um programa televisivo, ainda mais os factualizados, que é o caso do Globo Esporte. Segundo o apresentador, a transformação pode ser encarada como benéfica para o jornalismo na televisão, uma vez que desperta o sentimento que ele define como inquietude. Ou seja, sendo mais um desafio cada vez mais constante de

²² Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 15 de setembro de 2023.

abordar as pautas com um olhar diferente e propositivo.

A internet influenciou positivamente. Muito raramente a gente traz uma notícia fresca no Globo Esporte. Só se houver uma coincidência de um acontecimento muito próximo ali da hora. A internet nos obriga a sair do lugar comum, de estar sempre produzindo e atualizando. Por exemplo, você pega um jogo que aconteceu no sábado à noite. Vamos falar hipoteticamente que o São Paulo goleia o Corinthians por 4 a 1 no sábado à noite. O VT desse jogo vai ter que estar presente no Globo Esporte de segunda-feira. Mas como é que você vai contar aquilo quase 48 horas depois? O jogo vai estar ali, mas você vai escolher um personagem para ser o fio condutor do teu VT. Na véspera de um Globo Esporte, um jogador sofre uma lesão, rompe o ligamento do joelho e vai ficar o restante da temporada fora. A notícia vai estar lá em questão de minutos publicada no site. Como é que você vai contar aquilo no dia seguinte? Você vai dizer que “fulano” rompeu o ligamento, perdeu a temporada, mas você vai envelopar isso em um VT. “Isso tem sido normal aqui no clube. Essa é a décima lesão de joelho nos últimos 5 anos” ou “é a primeira vez que isso acontece depois de cinco anos” ou “isso aconteceu por conta do gramado”. A presença da internet despertou a nossa inquietude. A gente tem que ser hoje ainda mais inquieto para poder estar produzindo conteúdo para o Globo Esporte. (MEDEIROS, 2023)²³

Outra tendência a ser analisada nessa relação é o modo de produção digital. Em alguns casos, a internet afeta a televisão de forma indireta, uma vez que podem estabelecer relações complementares. Ou seja, você pode estar acessando o celular enquanto assiste ao programa ao vivo na televisão. A principal transformação passa pelo conteúdo do que será exibido, como explica Caio Areosa, editor-executivo do Globo Esporte do Rio de Janeiro desde 2021. Em entrevista ao autor, Caio cita que a internet contribuiu muito para a geração de pautas. Um exemplo corriqueiro é quando um influenciador de um time viraliza e é utilizado como gancho para uma matéria, seja para explicar o que ele tem feito ou para contar sua história. A internet ainda atua como facilitadora para achar personagens, sendo o principal aspecto que tenha alterado nestes últimos anos. Basta uma mensagem do produtor da matéria em qualquer rede social para conseguir milhares de compartilhamentos até conseguir achar, na maioria das vezes, o protagonista ideal da história a ser contada.

Entretanto, neste sentido, Caio Areosa explica que a internet também trouxe algumas dificuldades no que diz respeito ao conteúdo produzido. Não é simplesmente adaptar e formatar uma boa matéria feita para o *ge.globo*, por exemplo. Cada pauta tem o seu formato mais atrativo e alguns assuntos, principalmente estatísticos, são mais difíceis de converter em uma matéria televisiva atrativa. O editor-executivo do programa ressalta a necessidade de haver um equilíbrio entre o que é publicado na internet e o que vira matéria para a televisão, algo que,

²³ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 15 de setembro de 2023.

segundo ele, ainda não foi alcançado.

A televisão como um todo ainda não chegou a um equilíbrio do que entra da internet para a TV, principalmente, a TV aberta. Temos que olhar e falar assim: “tem coisas que servem muito para o digital. E tem coisas que para a TV não servem”. É muito comum usarmos um *print* de matéria. “Fulano foi contratado” ou “ciclano voltou a treinar”. Isso é muito comum. Mas tem pautas, por exemplo, que são muitos números que, para o site, é interessante. Você está ali vendo e acontece aquele clique. Por exemplo, hipoteticamente: “O Fluminense é o time que tem 223 ataques”. Agora, como colocar isso na TV? Como é que você vai fazer isso? Um exemplo hipotético, o Alexander (jogador que atua no Fluminense no momento da entrevista) tem média de 222 passes por minuto. Como que você vai botar isso na TV? Como é que vai ser? Vai ser o cara dando passe para o lado o tempo inteiro. Não diz nada. É você achar esse equilíbrio sobre pautas que entram para o site que são televisivas. E pensar “O que eu vou cobrir, qual vai ser a imagem que eu vou usar?”. Vou usar uma imagem do cara tocando para o lado. É chato. (...) Então, para ilustrar, claro, você vai fazer entrevista com o jogador, mas ilustrar para a TV aberta é muito difícil. Achar esse caminho sobre o que é relevante para o site e para a TV. Você tem que achar uma pauta que é televisiva: “o cara vai ver isso aqui, vai entender o que está acontecendo em campo.” (AREOSA, 2023)²⁴

Por outro lado, pela mesma perspectiva, o texto no meio digital também possui grande particularidade: o descritivismo. Esta é uma característica que define uma matéria na internet que não conta como o mesmo poderio da imagem. É o que aponta Giba Pérez, repórter do *ge.globo* e um dos apresentadores do “ge em 1 minuto”.

No audiovisual, você precisa pensar muito nas imagens que você vai ter para construir, porque tem um impacto muito grande. Quando você vai escrever um texto para internet, você não precisa trabalhar com essas imagens construídas na sua cabeça. Você tem que estimular a imaginação de quem está lendo. Você tem que ser descritivo, detalhista. Tem que fazer com que a pessoa consiga enxergar tudo que você está querendo dizer. Na TV não. Você tem esse efeito visual. Você pode trabalhar de uma forma diferente, mas principalmente pensando nas imagens que você tem. O jornalista, quando vai escrever um texto para a televisão, precisa primeiro ver todas as imagens que têm à disposição para, depois, ele escrever (PÉREZ, 2023)²⁵.

Resumidamente, o “ge em 1 minuto” é um boletim exibido na TV durante as transmissões de esportes do sportv, canal fechado da Globo, com o objetivo de promover as matérias escritas do digital. Como o próprio nome do quadro sugere, o repórter tem um minuto para chamar, em média, três matérias do site. Como define Giba Pérez, o quadro tem o intuito de “usar a televisão para fazer com que as pessoas fossem para o site”.

No ‘ge em 1 minuto’, basicamente dava um lide da matéria do site, com a minha cara no ar. Então não precisava pensar tanto em imagens.

²⁴ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 28 de setembro de 2023.

²⁵ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 27 de setembro de 2023.

Normalmente, as imagens utilizadas eram vídeos que estavam nas matérias ou até mesmo as fotos em formato de um carrossel. (...) Na hora da construção do texto, a gente precisa pensar em como dar as informações, mas também como atizar a curiosidade das pessoas para que elas entrassem no conteúdo e entender melhor aquilo que eu falei. (PÉREZ, 2023)²⁶

A conexão para fazer com que a pessoa sai da TV e conecte para o site é feita via *QR Code*, um código de barras que pode ser facilmente escaneado pela câmera da maioria dos aparelhos celulares. O telespectador tem o tempo em que a matéria está sendo exibida para pegar o seu celular, apontar a câmera para a tela e ser direcionado para a matéria explicada, tópico que será aprofundado no subcapítulo a seguir.

Dentro do tópico das modificações com o crescimento do meio digital, é importante ressaltar que a agilidade é uma característica intrínseca ao jornalismo praticado na internet. Neste momento, não importa se é na esfera esportiva ou não. Com o tempo, o jornalista necessita, cada vez mais, de ser um profissional veloz e eficiente. Há vinte anos, a rapidez também implicava na imagem para os investidores e no retorno financeiro, conforme explica Paulo Vinícius Coelho:

Em 2000, era comum a mesma notícia ser dividida em oito notas. Assim, aumentava o volume de títulos inéditos entrando no ar, o que passava ao investidor a sensação de que estava à frente do concorrente (...) Cada centímetro de matéria escrito em velocidade maior do que o rival valia um ponto para a redação. Cada segundo no ar antes do concorrente valia também um elogio. Não importava sequer que a precisão da informação ficasse em segundo plano. Se fosse preciso, nova nota entraria no ar corrigindo a anterior. (COELHO, 2003, p. 64)

Com o passar do tempo, a necessidade de ser ágil não só permaneceu, como ganhou mais relevância. Com o desenvolvimento da internet e das redes sociais, é cada vez mais comum a publicação imediata da informação primordial, mesmo que, para isso, seja colocada no ar com apenas uma linha. De acordo com Luciano Mello, editor de futebol digital do *ge.globo*, este fenômeno se espalhou por todo mundo e por uma demanda do público de ter acesso à informação cada vez mais rápido.

O ponto de agilidade sempre foi muito importante. Antes, a gente publicava pelo menos um parágrafo muito rápido. Mas hoje talvez a gente tenha perdido um pouco a vergonha de subir uma linha. Quando comecei, as pessoas tinham vergonha de publicar uma linha. Hoje não, é algo que se espalhou mundialmente, porque todos sabem da importância de chegar logo a notícia no celular da pessoa, seja por aplicativo, *push* ou rede social. Publicamos uma linha, tem a informação primordial e vai mudando. Atualizamos muitas vezes

²⁶ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 27 de setembro de 2023.

a mesma matéria: salvando, publicando e republicando. (MELLO, 2023)²⁷

Por outro lado, essa agilidade também carrega seus perigos, uma vez que pode ultrapassar alguma etapa importante da apuração do fato. Conforme aponta Paulo Vinícius Coelho, ainda em 2003: “Não há efeito mais difícil de remover do que o da falta de referência. Ou da falta de critério, da falta de cuidado com a informação. (...) Vale a velocidade, mais do que o critério jornalístico” (COELHO, 2003, p.63).

3.4 Interação com o público

O quadro “ge em 1 minuto” é um dos bons exemplos para iniciar o tópico da interação com o público nos dias de hoje. A leitura do *QR Code*, conforme explicitada anteriormente, é uma ferramenta tecnológica de que o telespectador não só se conecta, mas se aprofunde no conteúdo.

Mas por que isso acontece hoje em dia? E, principalmente, por que este é um recurso tão recorrente na televisão brasileira? Neste primeiro momento, a resposta é objetiva: a televisão é um meio de comunicação unidirecional. Em outras palavras, você não consegue “conversar” com o aparelho. Uma explicação técnica é que a televisão no Brasil - assim como acontece no resto do mundo - é baseada no modelo de radiodifusão, que basicamente é caracterizado pela emissão de ondas que são captadas direta e livremente pelo ouvinte. Isto é, a radiodifusão tem como essência a transmissão, ou seja, a relação entre as partes sugere um espectador “passivo” pela incapacidade dele de se comunicar com o aparelho. Vale destacar que, em outra perspectiva e escala, a linguagem radiofônica, assim como a sugestão de pautas, programação e interação sempre foram dialógicas no rádio desde os primórdios na década de 1930, por exemplo. Entretanto, se atendo à questão da relação mediada por dispositivo físico, caso o telespectador queira opinar ou até mesmo interferir no conteúdo que está assistindo, ele não consegue.

Uma das consequências deste modelo é que a programação é estipulada pelas emissoras e os telespectadores consomem aquele formato. No caso de uma partida de futebol, os cortes de câmera, os replays, os assuntos comentados, enfim, tudo que permeia a transmissão é decidido editorialmente pela emissora e pelo responsável por aquele determinado evento. André Parente, pesquisador e ex-diretor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, comenta sobre este tópico ao analisar que a internet não se equivale com a televisão quando o assunto é interatividade. Para Parente, enquanto o telespectador não tiver o poder de

²⁷ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 29 de setembro de 2023.

alterar a programação estabelecida pela emissora, a interatividade não existe no ambiente televisivo. (PARENTE *apud* TOLEDO, 2004, p.31). O autor ressalta que sempre houve a intervenção do público na televisão, porém, de outra forma, com cartas, telefonemas ou envio de fax. Contudo, com o tempo, o que a TV provocou foi uma incorporação com os celulares e/ou a internet. O crescimento no meio digital deu voz ao telespectador que, apesar de não dialogar com a televisão, opina. Com isso, as empresas – e não só de jornalismo – tendem cada vez mais a escutarem o seu consumidor.

Retornando ao exemplo do “ge em 1 minuto”, de forma objetiva, a leitura do *QR Code* é uma tentativa de levar a pessoa para o site para que assim tenha um retorno por parte do telespectador, uma vez que a televisão não te possibilita. Nas plataformas da Globo, por exemplo, esta interação foi facilitada diante da integração de todo o Esporte da emissora. Entre 2017 e 2018, houve a junção das três estruturas que eram anteriormente separadas: TV Globo, sportv e do *ge.globo* (então *globoesporte.com*). Ou seja, TV aberta, fechada e site. Com essa integração colaborou para facilitar a comunicação entre diferentes plataformas do esporte da empresa. (MELLO, 2023).

Além da tentativa de estabelecer esta interação multiplataforma²⁸, uma das principais transformações que não devem ficar de fora deste debate são as redes sociais. A primeira edição da Copa do Mundo que começou a contar com um grande volume digital foi em 2006. A edição realizada na Alemanha contava com a presença de três redes sociais que mudaram o comportamento do usuário no meio *online*. O *Twitter* – que, em 2023, passou a ser chamado “X” – acabava de estreiar, o *Facebook* tinha cerca de sete milhões de usuários, além do *Orkut*, que liderava o segmento com quase 13 milhões. Na edição seguinte, em 2010, na África do Sul, o crescimento foi ainda mais exponencial. *Orkut* e *Twitter* já passam dos 100 milhões de cadastros cada e o *Facebook*, rede social mais popular do mundo, com mais de 400 milhões²⁹. É nesta época que acontece uma das principais rupturas, que hoje é praticamente um hábito do espectador de futebol: um olho no jogo e outro nas redes sociais, conforme explica Seitz³⁰.

Para Oliver Seitz, pesquisador do Grupo de Indústria do Futebol da Universidade de Liverpool, na Inglaterra, as redes sociais trouxeram a possibilidade de se discutir o futebol com qualquer pessoa do mundo, inclusive com os próprios jogadores. Um caso que exemplifica esta

²⁸ Comunicação estabelecida por diferentes meios com o intuito de ser versátil. Ou seja, explorando a potência e complementaridade da informação em vídeo, áudio, imagens e texto e, desta forma, ganhando visibilidade e relevância.

²⁹ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/primeira-copa-tempos-redes-sociais-559283/>. Acesso em: 27 de setembro de 2023.

³⁰ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/primeira-copa-tempos-redes-sociais-559283/>. Acesso em: 08 de outubro de 2023.

alteração foi a convocação feita, em 2010, por Dunga, então técnico da seleção brasileira. Poucos minutos após o anúncio da listagem de jogadores chamados pelo treinador, foram registrados em média duas mensagens por segundo com a *hashtag* #dungaburro. O motivo da mensagem era uma evidente crítica dos usuários pela não convocação de Paulo Henrique Ganso e Neymar, que atuavam pelo Santos na ocasião. Com este pensamento, o próprio autor explica que a internet é a nova revolução na indústria do futebol, comparável ao que foram o rádio, a TV e a transmissão ao vivo no passado. Ou seja, com a internet, cria-se uma possibilidade infinita de trocas. No ambiente conectado digitalmente, os dados circulam em mão dupla, uma vez que as informações, sejam elas contidas em texto, imagem, vídeo ou som, trafegam em alta velocidade entre os aparelhos conectados a essa rede.

Em 2023, os números das redes sociais são ainda mais expressivos. O *Facebook* atingiu o número de 2,9 bilhões de contas e o “X” na marca de 556 milhões, enquanto o *Orkut* foi extinto ainda em 2014. Por outro lado, o *WhatsApp* e o *Instagram* surgiram neste meio tempo, tendo hoje cerca de 2 bilhões de usuários cada³¹. Exemplificando para a marca do Globo Esporte, o *Facebook* contabiliza 9,3 milhões de seguidores, acompanhado por 6,4 milhões no “X” e 3,7 milhões no *Instagram*. Por fim, o canal do *Whatsapp* conta com aproximadamente 700 mil seguidores vinte dias depois do seu lançamento³².

Por mais que a rede social reinventou o consumo e o hábito de muitos brasileiros com o esporte, na televisão, a interatividade ainda é uma incógnita. Em entrevista ao autor, Caio Areosa revela que a TV aberta como um todo pede a participação do telespectador, porém não se mostra convicta de qual é a forma mais efetiva de estabelecer este contato. O editor sugere se seria através da rede social do próprio apresentador ou pelo perfil oficial do veículo na internet. De qualquer forma, ele ressalta: “Durante o programa, ainda mais um programa como o Globo Esporte que tem 20 minutos, em média, é curto, é difícil estabelecer essa interatividade” (AREOSA, 2023), reafirmando a importância de fazer postagens antes e depois do programa em todos os canais.

Apesar de hoje ter este debate relacionado a melhor forma de interação, historicamente, o programa sempre buscou o contato com o público de casa, porém, com as tecnologias presentes em cada época. Em 1986, por exemplo, o Globo Esporte começou a explorar o contato com o telespectador através do quadro “Tele-Resposta”³³, em que as pessoas podiam dar suas

³¹ Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2023/07/qual-a-rede-social-mais-usada-em-2023-a-resposta-vai-te-surpreender-edapps.ghtml>. Acesso em 09 de outubro de 2023.

³² Dados consultados no dia 09 de outubro de 2023, às 11h.

³³ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/colunas-e-quadros.ghtml> Acesso em: 15 de outubro de 2023

opiniões pelo telefone. Bastava ligar e escolher as duas opções: sim ou não, em resposta à pergunta levantada. Em 2001, já com a internet em estágio inicial, o “Gol do Internauta”³⁴ foi criado com o mesmo princípio: dar voz ao público. O quadro permitia aos usuários da internet selecionar o gol mais bonito de cada rodada, depois de uma seleção feita pela equipe do programa. Esta já era uma iniciativa de tentar unir a informação com o entretenimento, tópico que será destrinchado no capítulo seguinte.

Por fim, além das duas formas expostas de interatividade atualmente: via rede social e contato multiplataforma, existe uma forma de interação estabelecida pelo apresentador do programa. O âncora Tiago Medeiros costumeiramente interage com o público, mesmo sabendo que não terá uma resposta imediata do telespectador pela impossibilidade técnica.

No encerramento do Globo Esporte Pernambuco, Tiago brincou com uma criança, sua fã e do programa, falando seu nome ao vivo e mandando um beijo. Outro caso foi quando finalizou uma das edições telefonando para a sua mãe perguntando o que tinha para o almoço. São dois exemplos de uma comunicação no formato monólogo na televisão, porém utilizando artifícios de estar em contato com seu telespectador, o que, na visão do apresentador, é uma forma de humanizar e criar empatia com o público:

O meu esforço diário dentro do Globo Esporte é de humanizar o programa. Quando eu falo com uma pessoa, naquele um, você está falando com todos, porque todos se vêem naquilo. Quando no fim do Globo Esporte, deixo a mão para: “Vinícius aqui, ó, feliz aniversário! Toma 5 para ti, minha joia. Esse programa é teu”. Sabe, tem um recado específico para uma pessoa, para o Vinícius, mas todos se veem ali. Eu acredito muito nessa comunicação mais próxima, de nos humanizar. Quando você se humaniza enquanto o rosto da daquele programa, por consequência, o programa também vai se humanizar e vai se aproximar mais das pessoas. Eu acho que a gente tem que estar cada vez mais perto do nosso patrão, que é o povo. (MEDEIROS, 2023)

Neste caminho, um precursor neste modelo de comunicação interativa foi Galvão Bueno, com o caso do pisca-pisca nas moradias, explicado anteriormente no subcapítulo 2.2. No exemplo, a interatividade, proposta por Galvão com o receptor, é uma chave que dita o relacionamento da audiência nos meios de comunicação e foi fator crucial que modificou neste intervalo de 20 anos entre as edições.

³⁴ Idem

4. O programa Globo Esporte

Depois de detalhar anteriormente tanto as edições da Copa do Mundo de 2002 e de 2022, objetos de análise deste trabalho, quanto o breve histórico da cobertura esportiva, o objetivo deste capítulo é analisar o Globo Esporte em si. Ou seja, mostrar o desenvolvimento do programa desde a sua criação até a chegada do modelo atual, destacando a aproximação do entretenimento com a informação que o caracterizou ao longo do tempo. Além disso, este capítulo busca levantar pontos relevantes em relação ao público que acompanha o programa e, em que nível, afetou com o ingresso da televisão fechada.

4.1. Breve Histórico

A primeira edição do Globo Esporte foi ao ar no dia 14 de agosto de 1978, sendo apresentado em edições de segunda a sexta, costumeiramente às 12h50. O horário é sempre uma referência, tendo em vista os ajustes na programação que são necessários, por ora adiantando, por ora postergando o seu início. Entretanto, sempre neste horário do almoço, tópico que será esmiuçado ao longo deste capítulo.

O programa surgiu como substituto do Copa Brasil, que foi ao ar do dia 17 de outubro de 1977 até 12 de agosto do ano seguinte, tendo como foco exclusivamente a cobertura da competição de mesmo nome e, como consequência, só abordava o futebol. Na época, o campeonato brasileiro, como é conhecido nos dias de hoje, tinha essa nomenclatura: Copa Brasil. Entretanto, com o fim da competição, para não perder a oportunidade de ter um programa esportivo diário, a Globo optou pela criação do Globo Esporte.

Diferentemente do programa antecessor, o GE ampliou a abordagem. O objetivo do programa é a cobertura de eventos esportivos realizados tanto no Brasil como no mundo, trazendo destaque para os campeonatos de futebol, uma vez que é o esporte mais popular no país³⁵. Entretanto, sem abdicar de outras modalidades como vôlei, surfe, basquete, natação e tênis. Quando se refere à cobertura não se restringe apenas a noticiar o resultado dos jogos e das competições, o que é o princípio fundamental da informação, mas também acompanhar o cotidiano dos clubes e dos atletas, contando histórias que sejam curiosas, de superação, enfim, que obedeçam a algum critério de noticiabilidade.

Em geral, o Globo Esporte é um telejornal clássico, ou seja, com o noticiário factual,

³⁵ Em agosto de 2017, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que o futebol foi a principal modalidade esportiva praticada no Brasil, com 15,3 milhões de adeptos. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/99824c28d40d5c38987a16ba9dacc487.pdf. Acesso em: 14 de novembro de 2023.

com um apresentador interagindo e chamando as matérias produzidas. Uma especificidade é que o programa não conta com a participação de comentaristas, como é costume em programas esportivos de televisão fechada, o que mantém o GE com um caráter informativo e não opinativo³⁶. Em outras palavras: “o programa mostra o espetáculo e a emoção do esporte, acompanha o dia a dia dos atletas e apresenta cobertura completa dos eventos esportivos do Brasil e do mundo”, como o Globo Esporte é descrito no site Memória Globo³⁷. Em uma das entrevistas, Caio Areosa faz uma correlação do GE como um jornal impresso diário. Em contrapartida, o Esporte Espetacular, programa que vai ao ar todo domingo pela manhã, é comparado a uma revista semanal televisiva.

Inicialmente, o Globo Esporte contava com dez minutos de duração. No programa de estreia, foram exibidas cinco reportagens, sendo de três temas, com maior duração para o futebol – com 4 minutos e 57 segundos – mais especificamente sobre a cobertura do título brasileiro do Guarani, em 1978. As outras duas abordavam outras modalidades: surfe e Fórmula 1, já demonstrando a mudança ao adotar uma linha esportiva e não futebolística.

³⁶ Mario Erbolato vê a notícia como matéria-prima do jornalismo e divide todo o processo produtivo em três: captação, redação e edição. Para o autor, dentro da captação, há uma divisão importante entre entrevistas informativas e opinativas. As informativas possibilitam que o jornalista obtenha o relato de um fato a partir de uma testemunha ou de uma pessoa presente nos acontecimentos. Enquanto isso, as opinativas são realizadas com pessoas que têm autoridade para falar sobre determinado tema.

³⁷ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/>. Acesso em: 15 de outubro de 2023

Tabela 3: Divisão do tempo e temas na primeira edição do Globo Esporte, em 1978

Assunto	Retranca	Duração
Futebol	Reportagem da final do Campeonato Brasileiro de 1978	1'13''
Futebol	Reportagem sobre superstições na final	2'43''
Futebol	Reportagem com o técnico do Guarani	1'01''
Surfe	Reportagem sobre a etapa brasileira do Circuito Internacional de Surfe Waimea 5000	56''
Fórmula 1	Reportagem repercutindo o Grande Prêmio da Áustria de Fórmula 1	1'06''
-	Chamada para o programa do dia seguinte e para o Jornal Hoje, que vem na sequência, além da vinheta de encerramento	32''

Fonte: Memória Globo³⁸

O primeiro apresentador do Globo Esporte foi o jornalista Léo Batista, um dos principais ícones do jornalismo esportivo no país. Léo também narrou o primeiro gol exibido ao vivo pela TV brasileira em uma Copa do Mundo, em 1970, no México, e a corrida pioneira da Fórmula 1 na emissora, em 1972. Neste início, ele apresentava o Globo Esporte, com uma estrutura simples, no modelo de bancada, porém sem que o enquadramento da câmera a mostrasse. Era perceptível tanto pelo olhar do apresentador, quanto a movimentação das mãos e o barulho, que tinham folhas na sua frente, com o texto a ser falado, que o guiava ao longo da apresentação do telejornal.

³⁸ Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml#ancora_1. Acesso em: 23 de outubro de 2023.

Quadro 1: cabeça do VT da primeira edição do Globo Esporte sobre o título brasileiro do Guarani

Cabeça - Começamos com a grande conquista do Guarani de Campinas. Tudo favorecia o Guarani, especialmente, o seu retrospecto. Em toda a fase decisiva, essa de um jogo lá, um jogo cá, o Guarani ganhou todas em casa e fora.

Fonte: Memória Globo³⁹

O posicionamento do apresentador também era lateral, de modo que equilibrasse com o nome do programa que aparecia ao fundo. Já Juarez Soares, primeiro repórter a aparecer no programa, também tinha um enquadramento que acompanhava o personagem a ser entrevistado. Ambos não foram creditados na primeira edição.

Figura 1: Léo Batista apresentando a primeira edição do Globo Esporte (à esquerda) e, em seguida, o repórter Juarez Soares (à direita)



Fonte: Memória Globo⁴⁰

No início do programa, há quase nenhuma inserção de caracteres na tela, o que será analisado posteriormente no trabalho diante da quantidade de créditos e tarjas que aparecem nos dias de hoje. Na primeira edição, apenas os convidados apareciam com nome seguido da profissão e, neste caso específico, o cargo que ocupava. Foi o que aconteceu com Carlos Alberto Silva, treinador do Guarani na conquista do título de 1978. Ao ser entrevistado por Juarez na terceira matéria sobre o título, mesmo aparecendo de lado, sem olhar para a câmera, foi creditado. Além dos entrevistados, nesta primeira edição também foi creditado o local da

³⁹ Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml#ancora_1. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

⁴⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3978730/>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

partida, o autor do gol (“Gol de Careca”) e com o “R” para simbolizar que o que estava sendo apresentado era o replay e não um novo lance.

Na matéria do surfe, que veio na sequência, creditaram o local (Praia do Diabo, no Rio de Janeiro), imagens e reportagem. Um dos critérios de noticiabilidade da matéria se trata principalmente pela relevância por se tratar de uma das primeiras etapas do Circuito Internacional de Surfe disputadas no Brasil. Curioso é que o vencedor da etapa, o australiano Cheyne Horan, respondeu em inglês. Na edição foi mantida a voz original, porém, segundos depois, foi coberta com uma tradução não literal, na voz do apresentador, algo que perdura até os dias de hoje. A última matéria trouxe a primeira inserção gráfica, com a tabela de como ficou o campeonato mundial de pilotos da Fórmula 1 após a etapa do Grande Prêmio da Áustria.

Figura 2: Modelo de crédito (à esquerda) e em seguida, a arte criada para retratar tabela de pontuação da Fórmula 1 (à direita) – inserção de caracteres



Fonte: Memória Globo⁴¹ e ⁴²

Por fim, o encerramento da edição contou com a chamada para a edição do dia seguinte, além de citar o que viria na sequência na programação da Globo.

Quadro 2: encerramento da primeira edição do Globo Esporte

Cabeça - Por hoje, ficamos por aqui. Amanhã o melhor de todos os esportes no Globo Esporte. No telejornal Hoje, daqui a pouco, o rateio da loteria e são poucos ganhadores. Até já.

Fonte: Memória Globo.⁴³

⁴¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3978730/>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

⁴² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11857723/>. Acesso em: 15 de novembro de 2023.

⁴³ Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml#ancora_1. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

4.2. Público-alvo: aproximação com entretenimento

Entendendo um pouco mais sobre a primeira edição, é importante notar como foi o desenvolvimento do programa ao longo dos anos e como ele foi ganhando mais espaço e relevância dentro da cobertura esportiva. A partir da década de 1980, não só o GE, mas todo o esporte ganha maior notoriedade dentro dos telejornais da emissora. Com isso, o programa passa a receber mais recursos e ter matérias mais elaboradas. Se na primeira edição, por exemplo, a reportagem entrevistando o treinador do Guarani, recém-campeão brasileiro, contava com quase nenhum corte e edição, com o tempo, as matérias passaram a ter entrevistas aprofundadas, explorando também a trajetória pessoal do personagem.

Neste caminho, em 1983, o programa ganhou uma duração maior e passou a ser exibido também aos sábados, às 12h40, antes do Jornal Hoje⁴⁴, algo que permanece atualmente. Foi nesse período que Leonardo Gryner assumiu a direção de Esportes da Globo e o programa ganhou “uma linha irreverente, possibilitando uma interação maior com a área de criação”, como cita o portal Memória Globo⁴⁵. As reportagens começaram a utilizar novos recursos como animação, grafismo e vinhetas especiais, o que deu ao programa um estilo mais dinâmico ao contar suas histórias. Outro personagem importante neste desenvolvimento do GE foi Hedyl Valle Junior, um dos responsáveis pela ideia de unir esporte ao entretenimento. Na edição de 15 anos, em 1993, Hedyl explicou este pioneirismo, que viria a ser a identidade do programa anos depois:

Nesses quinze anos, o Globo Esporte foi o primeiro programa de televisão, não só de esportes, mas de televisão em geral, a fazer muitas coisas. Primeiro, de ter um bloco de esportes regional. Vocês, do país inteiro, passaram a ter graças ao Globo Esporte a garantia de um programa de esporte só do seu estado. Depois, o Globo Esporte abriu espaço para os chamados esportes amadores da época e que hoje se tornaram até mais profissionais ou, pelo menos, mais bem organizados do que o próprio futebol. Mas, nesses quinze anos, a melhor lição que eu trouxe do Globo Esporte, que não me vou me esquecer nunca, é não confundir seriedade com chatice. O Globo Esporte trata das coisas sérias, trata com seriedade, mas sempre com muito bom humor⁴⁶.

Na sequência da cronologia, a partir dos anos 2000, o programa deixou o modelo de bancada e adotou o recurso do *Chroma Key*⁴⁷, que foi o cenário da apresentação até 2007. A

⁴⁴ Telejornal da Globo que vai ao ar para o Brasil todo na sequência do Globo Esporte, de segunda à sexta-feira. Traz as principais notícias do dia a dia e temas de interesse geral, além de reportagens e séries especiais.

⁴⁵ Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml#ancora_1. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Técnica utilizada em vídeos nos quais há substituição do fundo original por algum outro vídeo, foto ou cenário virtual.

tecnologia permitiu que fossem feitas inserções gráficas no fundo do estúdio, desde fotos marcantes dos jogos, escudos dos times ou até algo que representasse o que seria discutido. Quem estivesse no estúdio não conseguiria ver, mas, quem estivesse assistindo pela televisão conseguiria.

No aniversário de 30 anos, em 2008, com a apresentação de Tino Marcos e Glenda Kozlowski, o Globo Esporte estreou um novo cenário com cores vibrantes que retratavam as modalidades esportivas, além de um painel esportivo ao invés de um fundo virtual. A bancada voltou ao cenário, porém em um formato mais moderno comparado com os anos anteriores, o que também dava mais mobilidade aos apresentadores. As modificações possibilitaram a participação do telespectador através de vídeos enviados pelo site. Ou seja, seguiu a tendência de convergência entre televisão e internet, que se consolidava a cada momento. Mas, apesar da nova tentativa, sempre permaneceu com o mesmo propósito: notícias quentes sobre o esporte no Brasil e no mundo. Tino Marcos, apresentador e editor-chefe do programa na época, frisou a importância de sempre acompanhar as novas tecnologias:

A ideia do novo GE, que já vem sendo amadurecida há algum tempo, é incorporar as novas tecnologias mantendo a tradição de informar com qualidade sendo enxuto, porque temos os mesmos 30 minutos de duração. Queremos extrair o máximo dos novos recursos tentando manter o equilíbrio. (...) A bancada de certa forma cita o início e alguns anos em que o programa era apresentado assim. Mas, ao mesmo tempo, o sentido é dar dinamismo, pois nós dois vamos levantar e andar pelo novo cenário, interagir com gráficos no paredão virtual, usar bastante a internet⁴⁸.

Vale destacar também a identidade do programa está presente na música de abertura, sendo a mesma desde a primeira edição, apenas com alguns arranjos. “Só de ouvir as pessoas já identificam o Globo Esporte”, explica Tino Marcos⁴⁹.

Mas por que a aproximação com o entretenimento acontece no Globo Esporte? Um dos pontos levantados é justamente o posicionamento na grade da emissora. O GE está entre dois telejornais, o que contribui para a existência de um público amplo. O programa vai ao ar depois da edição do jornal local e, após o seu encerramento, dá início ao Jornal Hoje, sendo ambos com público abrangente, como explica Caio Areosa em entrevista ao autor: “O nosso público majoritariamente são mulheres de 50+ da classe C, D e E”. Com isso, estando neste intervalo, o GE também passou a vislumbrar a atenção desses telespectadores, que não necessariamente

⁴⁸ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL374901-4274,00.html>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

⁴⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL374901-4274,00.html>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

estão atentos aos acontecimentos esportivos. Com isso, o programa buscou atrair, pela criatividade, quem não gosta de esporte, mas sem se esquecer de abastecer o seu nicho cativo: os apaixonados. Areosa também explica este fato sobre a variedade do público, que se torna um dos principais desafios diários dos editores.

Quando falamos, por exemplo, do Flamengo, que é o clube mais popular, tem muita gente que está vendo que não sabe que o Sampaoli era o técnico do clube. É o público do Globo Esporte que está com a TV ligada, que fica na Globo o dia inteiro. Então a gente tem que explicar quase tudo (...) Quando você faz, de uma maneira leve, que seja conversada com a pessoa de casa, que mostre imagens diferentes, que não fica aquela coisa quadrada, você chama a atenção desse público que não necessariamente gosta de futebol. (...) Mas também sem deixar passar para o cara que realmente acompanha o esporte no dia a dia. É esse desafio: equilibrar o público genérico, que a gente atinge, com o público específico do futebol (AREOSA, 2023)⁵⁰.

Ou seja, desde o princípio, o programa sempre teve como princípio aproximar o fato esportivo ao entretenimento. Entretanto, com o passar das décadas, esta característica se tornou cada vez mais necessária e marcante. Mas, cabe ressaltar que sempre sem esquecer o compromisso com a informação, como explica João Ramalho, editor e produtor da Globo por mais de 40 anos: “O Globo Esporte tem que estar onde está o fato, onde está a notícia”⁵¹.

Para entender melhor o que seria essa aproximação com o entretenimento basta analisar de perto o trabalho de dois apresentadores do programa: Tiago Leifert e Alex Escobar. Antes de ser apresentador principal do Globo Esporte São Paulo, Leifert foi repórter do sportv e assumiu a função de retomada e consolidação deste novo modelo baseado na realidade. Ou seja, assemelhar-se com o que a torcida fala no dia a dia, com um programa mais leve e apresentado com humor.

Vamos trazer um pouco a brincadeira do torcedor para dentro. Vamos falar mais a linguagem do torcedor. A gente dava notícia do rebaixamento e a do título com a mesma entonação. A mesma linha isométrica, aquele mesmo jeito. Achava que faltava sal, desligar o teleprompter, mudar o cenário, fazer uma coisa mais física, botar o comentarista no estúdio, analisar lance, fazer mais entradas ao vivo. (LEIFERT, 2011)⁵²

A característica de leveza e descontração pode ser atribuída do horário em que acontece o programa: na hora do almoço. Conforme explicado anteriormente, o GE é um programa diário, que vai ao ar por volta das 12h50 e, de acordo com o apresentador Tiago Medeiros, este

⁵⁰ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 28 de setembro de 2023.

⁵¹ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml>. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

⁵² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_sNE_nFjwc0. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

é um fator que favorece a descontração, uma vez que é uma válvula de escape do telespectador para os problemas diários.

A hora do Globo Esporte, seja qual for a situação, está todo mundo meio que buscando a mesma coisa, seja o adolescente que está voltando do colégio, seja alguém que está trabalhando na empresa, no intervalo da empresa, seja alguém que esteja simplesmente almoçando. Mas ele é um momento que a gente tira o fiozinho da tomada e dá uma relaxada. A gente dá uma desligada da realidade, seja dos problemas, enfim, das nossas obrigações. O Globo Esporte e o esporte conseguem fazer a simbiose do entretenimento com a informação. E o GE se aplica muito bem ali dentro daquele horário. (MEDEIROS, 2023)⁵³

As principais mudanças se baseavam no improviso e espontaneidade no lugar do ensaio e combinações prévias. Um retrato é o uso do teleprompter. Se antes o apresentador seguia à risca o texto, a ideia neste momento é abandonar o texto lido e planejado. A linguagem continua sendo informal – como sempre existiu no histórico do programa –, mas adota um tom de conversa com o público e com mais improviso e fluidez ao invés da leitura do teleprompter.

Além dos recursos citados acima, outro fator foi o aumento da importância das pessoas envolvidas na produção da matéria, seja repórteres e editores. Isso acontece porque o modo de contar a história ganhou relevância em detrimento do fato, como observa Bezerra: “A imagem já não basta, é preciso ser acompanhada de um contador da história, relatando o fato que está ocorrendo naquele momento: O jogo.” (BEZERRA *apud* AFFONSO; REFKALEFSKY, 2012, p. 4). Em outras palavras, conforme você nem sempre lidará com um público que acompanha o esporte no dia a dia, a história em si se torna mais atraente do que o resultado.

4.3. A linguagem e a tendência com o jornalismo local

Voltando em 2008, no aniversário de 30 anos, o programa voltou a ser exibido inteiramente em rede nacional, ou seja, uma edição única que passava as mesmas matérias, independentemente de você estar em Recife, Cuiabá ou no Rio de Janeiro. Entretanto, essa ideia não perdurou e, no ano seguinte, o noticiário do programa voltou a contar com a participação da redação de São Paulo, com Tiago Leifert como apresentador. No primeiro bloco, passaram a ser apresentadas as notícias regionais e, nos outros, as matérias e informações para toda a rede.

A ideia se estendeu e, a partir de maio de 2011, o Globo Esporte aumentou a sua regionalização, começando a ter edições diárias para Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza. O conteúdo do material gerado pelas praças era distribuído para

⁵³ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 15 de setembro de 2023.

afiliadas e regionais e as demais capitais continuavam a receber a edição nacional, apresentada por Cristiane Dias. O objetivo desta proposta é estar cada vez mais próximo dos torcedores. Em outras palavras, as edições locais trazem as notícias que mais interessam a cada canto do país. A segmentação ganha força com as edições estaduais e um dos motivos é o crescimento deste jornalismo local, como explica Caio Areosa:

O GE do Rio ainda abastece outras praças que não produzem o próprio Globo Esporte. Ou que produzem só o bloco local, que é o primeiro bloco de cinco minutos, ou que não produzem nada e compram a gente 100%. Ainda tem isso, mas é cada vez mais comum o Globo Esporte ser local. O cara produzir o próprio conteúdo, porque o jornalismo local foi o que cresceu muito nos últimos cinco anos. Então a pessoa quer ver mais o que está acontecendo na esquina dela. Há 12, 13 anos atrás, tinha uma ideia de um Globo Esporte nacional, só que assim qual interesse tem o cara de São Paulo saber como é que está o Fluminense? Não tem. As notícias dos times do Rio entram dificilmente em São Paulo ou em Recife ou em Belo Horizonte, por exemplo. Alguns lugares têm uma característica ainda mais bairrista, como Belo Horizonte e Porto Alegre. Para mim, esse é um caminho sem volta: ser cada vez mais local. (AREOSA, 2023)⁵⁴

Além de ter notícias mais próximas da realidade do torcedor, a edição local traz uma característica importante dentro do jornalismo brasileiro: a familiaridade. Com edições especializadas, o GE traz um apresentador da região. Consequentemente, você tem um sotaque local, ou seja, uma linguagem que aproxima as marcas de oralidade da sua região, o que traz consigo uma identificação. Este ponto coincide com que Muniz Sodré afirma em “O Monopólio da Fala” que a figura do apresentador é peça fundamental para criar uma identificação e atingir o público. A linguagem coloquial e familiar na apresentação das notícias aproxima o telespectador da notícia e gera esta identificação (SODRÉ *apud* AFFONSO, 2015, p.58).

Um exemplo evidente acontece na edição do Rio de Janeiro, quando Alex Escobar é caracterizado por representar o estilo carioca, com o uso de expressões e quadros que foram criados nos últimos anos. Criado em 2011, o “Cafezinho com Escobar” é um reflexo dessa missão de se comunicar com o seu público. Costumeiramente às terças-feiras, o apresentador vai às ruas para ouvir a opinião dos torcedores sobre o desempenho dos times na última semana. O diferencial é que o formato simula uma mesa de bar e, durante todo o quadro, um grupo de pagode toca, adaptando a letra para retratar o momento do time. Quadro que une todos os tópicos explicitados: linguagem descontraída, humor, aproximação com o entretenimento e integração com parte da cultura local. Inclusive, o quadro se entrelaçou tanto com a contagem de história que já fez uma participação especial na novela ‘Quanto Mais Vida, Melhor’, no final

⁵⁴ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 28 de setembro de 2023.

de 2021⁵⁵. Na ocasião, Alex Escobar apresentou o “Cafezinho” para cobrir a volta do personagem Neném, craque do América na ficção e interpretado por Vladimir Brichta, aos gramados. Em Pernambuco, há a mesma proposta do quadro, só que apelidado de “Caldinho” – adaptando com os costumes do local - com a apresentação de Tiago Medeiros.

O fato desses quadros irem ao ar toda terça-feira é uma estratégia pensada do programa baseada na agenda dos clubes e das competições nacionais. Historicamente, os jogos acontecem no domingo e na quarta-feira, com isso, a repercussão dos resultados acontece nos dias seguintes, além da cobertura factual no próprio dia da partida. Entretanto, fica um espaço sobre o que vai ao ar tanto na terça-feira e sexta-feira. Algo que o Globo Esporte faz é a criação de quadros com a proposta de entreter nesses dias como o “Cafezinho do Escobar”, citado anteriormente. É uma perspectiva diferente de reaquecer os resultados da rodada, com um toque de humor.

A personalização na figura dos apresentadores citada acima, seja com Tiago Leifert, Alex Escobar ou Tiago Medeiros, se aproxima muito do conceito de *showrnlismo*⁵⁶, termo usado por José Arbex Júnior (2002) para explicar como a mídia transforma a notícia em espetáculo. Esta mudança na abordagem atrai o telespectador pela notícia ser transformada em uma “novela da vida real”, uma vez que o apresentador ou repórter se torna o narrador da história e os personagens ouvidos são o fio condutor da história (CAVALCANTI; LIMA, 2019). Ou seja, é uma nova forma de contar história, através dos sentimentos. Fiori Gigliotti, radialista e locutor esportivo que narrou dez Copas do Mundo (1962-1998), já falava sobre o tema há anos e ficou famoso sobre o bordão: “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo”⁵⁷, ao iniciar as partidas de futebol, ou seja, já tratando da forma que se acredita nos dias de hoje.

Outro exemplo que retrata bem o modo de contar histórias é fundamental para o jornalismo esportivo é nos “Cavalinhos do Fantástico”, quadro esportivo dentro do Fantástico. Além de ser editor-executivo do GE do Rio de Janeiro, Caio Areosa também é um dos editores do quadro. Ele explica

Os Cavalinhos do Fantástico é totalmente entretenimento. É um fantoche de cavalo falando de futebol. Isso prende. É mais para esse caminho de prender o cara que não entende do esporte. Eu não sei nada sobre, não quero saber se é a semifinal da Libertadores ou primeira fase do carioca. Para mim, tanto faz. Por que que eu vou ver isso? Você vai ver porque é legal. Olha só que imagem maneira do cara, que história

⁵⁵ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/cafezinho-com-escobar.ghtml>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

⁵⁶ Showrnlismo é um conceito criado por Arbex que deriva do entendimento de um conceito criado por Debord: a sociedade do espetáculo, que é, em resumo, uma tentativa de explicar que o espetáculo é provocador de alienação na população. “O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (DEBORD, 1997, p. 16-21).

⁵⁷ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/507170/> Acesso em: 27 de outubro de 2023.

você vai contar, quem é o herói, quem é o vilão? Acho que isso é uma mudança que começa em 2010 mais ou menos e que vem nesse novo jornalismo esportivo (AREOSA, 2023)⁵⁸.

O Fantástico é um exemplo de abordagem do entretenimento no esporte. Além dos “Cavalinhos”, o programa já teve os quadros “Bola Cheia” e “Bola Murcha”, que consistiam em receber vídeos de telespectadores – e jogadores amadores – que gravavam seus lances, sejam gols ou momentos constrangedores do futebol, e enviavam para a redação do programa.

4.4. Importância e impacto no modo de torcer brasileiro

Depois de esmiuçar detalhes sobre o programa em si, abre-se o espaço necessário para explicar a importância social e como o Globo Esporte impactou dentro da paixão do brasileiro pelo esporte. Junto com a criação em 1978, a Globo também iniciou a transmissão de jogos para a rede nacional, o que rendeu destaque para os times do Rio de Janeiro e São Paulo, uma vez que ganharam mais espaço na televisão. A quantidade de torcedores dos times cariocas e paulistas espalhados por todo o país foi iniciado pelo rádio e que a televisão complementou com o passar dos anos. Por exemplo, em estudo divulgado em abril de 2023, mostra que Flamengo, Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Vasco estão no top 5 de maiores torcidas do país⁵⁹, sendo todos os times do eixo Rio-São Paulo. Isso acontece principalmente devido a programação local não ser independente, replicando o que era produzido nesta estrutura, seguindo um ideal do rádio. A mesma pesquisa aponta que o Flamengo lidera a torcida tanto nas regiões Norte quanto Nordeste. Corinthians, São Paulo e Vasco também aparecem em ambas nas cinco primeiras posições, o que reflete o fenômeno ainda maior dentro das duas regiões.

A nacionalização das transmissões e do Globo Esporte também se estendeu ao efeito nos jogadores. Zico, jogador histórico do Flamengo, e Roberto Dinamite, do Vasco, passaram a ser ídolos e admirados por torcedores que jamais pisaram no Maracanã ou em São Januário. Até os dias de hoje, estes retratos são evidenciados. Sempre quando Flamengo e Vasco vão jogar em outros estádios, são recepcionados com festa. Em outubro de 2021, mais de mil vascaínos lotaram o aeroporto na madrugada para apoiar o time antes do duelo com o Confiança, pela Série B. O time carioca não jogava no estado de Sergipe há mais de 13 anos⁶⁰. Ou seja, um exemplo de como a televisão contribuiu a fomentar o futebol dentro da sociedade

⁵⁸ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 28 de setembro de 2023.

⁵⁹ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/04/25/maiores-torcidas-do-brasil-pesquisa-atlas-mostra-flamengo-corinthians-e-sao-paulo-no-top-3.ghtml>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

⁶⁰ Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/vasco-e-recebido-com-festa-por-cerca-de-mil-torcedores-em-aracaju-veja-imagens.ghtml>. Acesso em: 27 de outubro de 2023

brasileira, algo que, mais uma vez, foi iniciado pelo rádio.

Com as edições nacionais do Globo Esporte, equipes de menor expressão no país ganham espaço apenas quando atendiam a um outro critério de noticiabilidade, seja através de fatos curiosos, inusitados ou de rompimento com a suposta normalidade do esporte (SOUSA, 2005, p. 98). Com isso, a ideia de criação de edições regionais ajuda a minimizar um pouco este cenário. Se antes era improvável ter uma notícia do Santa Cruz, tradicional time de Recife, no âmbito nacional, com a edição de Pernambuco, abre mais espaço e notoriedade. Concomitantemente, atende a demanda do telespectador de saber o que está acontecendo perto de si.

4.5. Contextualização com a televisão fechada

Se anteriormente foi analisada a questão do público que acompanha o Globo Esporte, neste momento, a finalidade é mostrar os impactos quanto a abordagem tange a televisão fechada. Antes de discorrer sobre o tema, é necessário um breve esclarecimento que impacta diretamente na relação de quem consome. Entende-se por televisão fechada no Brasil aqueles canais que são efetivamente pagos, disponíveis através de plataformas de televisão por cabo. Por isso, não são canais acessíveis para toda a população, o que em si já limita, diferentemente da Globo, que é considerada TV aberta, por não ser paga.

Neste tópico, o trabalho irá comparar com o sportv, canal esportivo por assinatura da Globo. A dinâmica é totalmente diferente, uma vez que atende a um nicho específico, no caso, o “amante pelo esporte”. Com isso, o canal tem todas as nuances focadas em atender o seu público, seja desde a programação até a linguagem aprofundada e temas mais densos. A distinção da linguagem e temas, por exemplo, é analisada com contundência por Tiago Leifert. De acordo com o apresentador, o destaque que a novela tem no país é ressaltado, o que pode ser considerado também como uma justificativa para as matérias esportivas se aproximarem cada vez mais do entretenimento, da linguagem narrativa, conforme foi explicado ao longo deste capítulo.

A TV aberta é a ditadura da maioria. Sempre você deve na TV aberta buscar a maioria. A TV à cabo busca o nicho, o específico. Food Channel, o canal da comida, vai falar com quem gosta de comida. Sportv, o canal campeão, vai falar com quem gosta de esportes. GNT fala com as mulheres. Telecine, com quem gosta de cinema. É segmentado. A TV aberta deve buscar a maioria. Por que o jogo é às 22h da noite? Porque a novela dá muito mais audiência do que o futebol. Logo, ela precisa estar em uma posição privilegiada, porque ela está tendendo a maioria. Esqueçam a frase “O

Brasil é o país do futebol”. Não é. O Brasil é o país da novela (LEIFERT, 2011)⁶¹.

O Globo Esporte a princípio sempre foi um programa de televisão aberta, porém, nos últimos anos, ganhou uma versão na TV fechada. Diferente da edição que vai ao ar na Globo, o GE apresenta uma edição nacional dentro do sportv. É uma seleção das matérias de cada edição local que é compilada em uma edição de 30 minutos, que vai ao ar horas depois. Apesar de carregar o mesmo nome, é uma proposta diferente pensada em abastecer o Brasil inteiro e leva em consideração uma necessidade de preenchimento da grade do canal fechado da emissora, que contempla três canais (sportv, sportv2 e sportv3) de vinte quatro horas, ou seja, 72h no ar de conteúdo por dia (AREOSA, 2023).

O sportv foi ao ar, pela primeira vez, no dia 10 de novembro de 1991 ainda com o nome de Top Sport, que perdurou até 1994. Na Copa de 2002 foi o único canal de assinatura a fazer a cobertura no Brasil. Até pelo aprofundamento no conteúdo e detalhamento necessário que o telespectador busca no canal fechado, a cobertura não foi simplesmente replicada. Na edição da Coreia do Sul e Japão – assim como acontece até hoje – havia uma divisão entre repórteres entre TV aberta e fechada, seja pela linguagem utilizada, seja pela profundidade requerida.

Vale destacar que o principal objetivo de um apaixonado pelo esporte é assistir a uma partida ao vivo, seja de qual modalidade for, e o programa atua como preenchimento da grade entre os eventos ao vivo. Logo, dentro de um canal esportivo de TV por assinatura, a programação se adapta aos horários dos jogos. Mas a Globo também não está ileso a este fator. Mesmo tendo um horário fixo na grade, o programa precisou sofrer alterações na Copa do Mundo de 2022. Na ocasião, o GE teve apenas sete edições porque o horário tradicional coincidiu com os jogos que começavam às 12h no Catar.

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o0i5kSY1duk>. Acesso em: 21 de outubro de 2023.

5. Análise comparativa das edições

Depois de entender o cenário das Copas do Mundo de 2002 e 2022, o histórico da cobertura esportiva na Globo e o papel do Globo Esporte, este capítulo se dedica a detalhar o desenvolvimento do programa ao longo das duas últimas décadas. O objetivo é destacar os pontos relevantes nas transformações do modo de contar os fatos e os novos recursos que agregam nas narrativas. Para isso, o trabalho irá fazer uma análise comparativa detalhando duas edições: a que foi ao ar no dia 01 de julho de 2002 e no dia 19 de dezembro de 2022. Ambas estão disponíveis na íntegra tanto no Youtube⁶² quanto no Globoplay⁶³, plataforma de *streaming* da Globo.

A justificativa é que, além de observar outros trechos que foram exibidos durante a Copa do Mundo destes recortes, foi um parâmetro estabelecido pelo autor para que houvesse uma equivalência na análise. Conforme explicitado no capítulo 2, o detalhamento dos horários é fundamental para o entendimento da dinâmica da cobertura jornalística. Com o fuso horário da Coreia do Sul e do Japão, em 2002, o Globo Esporte foi um dos principais telejornais que repercutiam os resultados no mesmo dia, porque a partida era realizada na madrugada/manhã no Brasil. Entretanto, no Catar, existia uma cartela de jogos que aconteciam no horário de 12h ou 13h, ou seja, obrigava a emissora a fazer ajustes na grade diária e o programa não foi ao ar de segunda a sexta como tradicionalmente acontece. Desde a estreia do Mundial, no domingo dia 20 de novembro de 2022, na partida entre Catar e Equador, até a final, entre Argentina e França, no domingo dia 18 de dezembro de 2022, o programa foi exibido sete vezes. Houve edições apenas nos dias 07 e 08 de dezembro – dias em que não houve jogos por ser o descanso das seleções entre a fase de oitavas e quartas de finais – e do 12 a 16 de dezembro – período após as quartas até a disputa do 3º lugar. O motivo foi a mudança no horário dos jogos que passaram a ser disputados às 16h.

Como consequência de destrinchar as edições posteriores à final, um fator comum é que são duas edições que foram ao ar em uma segunda-feira, porque a decisão é sempre realizada em um domingo, único dia da semana em que o Globo Esporte não é exibido. Logo, ao longo deste capítulo, será repercutido principalmente o pentacampeonato mundial do Brasil, após a vitória por 2 a 0 diante da Alemanha em 2002, e o tricampeonato da Argentina, conquistado após uma disputa nos pênaltis contra a França, em 2022. Para enriquecer e evidenciar as

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0&list=LL&index=9&t=299s>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

⁶³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

transformações, além de rever toda a edição, o trabalho busca entrevistar editores que participam ou já participaram do Globo Esporte para pontuar o desenvolvimento do programa.

5.1. Duração

Em maio de 2002, pouco antes da Copa do Mundo, o Globo Esporte passou a ser apresentado por Alexandre Bacci e Mylena Ciribelli para todo o Brasil. O programa foi ao ar às 12h36 e contou com algumas novidades em relação aos quadros exibidos. Um deles foi o ‘Gato Mestre’ – que será destrinchado ao longo deste capítulo – que basicamente consistia em uma animação que dava palpites sobre análises táticas das seleções. O ‘Você Sabia’ contava as curiosidades de cada país, enquanto a ‘Análise Popular’ era o quadro que tinha a participação do telespectador palpitando tecnicamente, seja sobre um jogo, lance ou gol. Em resumo, além de um novo horário, as edições abrangiam novos conteúdos com o que vinha sendo apresentado anteriormente.

Já em 2022, nas edições que foram ao ar, o Globo Esporte começou às 13h e foi comandado por Tiago Medeiros também para todo o país. Tradicionalmente, o programa no Rio de Janeiro é apresentado por Alex Escobar. Entretanto, o jornalista foi deslocado para ser o âncora do Central da Copa, programa noturno também da Globo, com a mesma pegada irreverente e de repercussão dos jogos do dia. Ao lado de Escobar, o ex-jogador Fred e a cantora Jojo Todynho participavam de forma fixa do programa, que sempre contava com um convidado diário, e com participações pontuais de Galvão Bueno e do humorista Marcelo Adnet. Com isso, Tiago Medeiros, que é o apresentador do Globo Esporte Pernambuco e que tem aparições pelo Esporte Espetacular, herdou a apresentação nas edições nacionais.

Antes de dar sequência, é importante pontuar como o Central da Copa é um derivado de uma transição presente dentro do GE. A presença de profissionais de diferentes áreas de formação – como da cantora Jojo Todynho e do humorista Marcelo Adnet – mostram como este programa também é um exemplo da tendência do esporte de se aproximar com o entretenimento. É que o teórico Douglas Kellner explica do infotenimento, ou seja, uma hibridização entre informação e entretenimento. São mecanismos utilizados para criar um espetáculo que atenda às expectativas do público que cria uma boa impressão e aumente sua relação de sucesso (KELLNER, 2004, p.5). É uma explicação que complementa o ponto referente ao público cada vez mais heterogêneo dentro da televisão aberta brasileira, que será explicitado dentro da análise da reportagem.

Retornando ao Globo Esporte, sobre o tempo, a edição de 2002 teve aproximadamente 28 minutos de produção, enquanto, em 2022, teve 21 minutos. Estes números não levam em

consideração os intervalos e tempo das vinhetas. São apenas os dados sobre conteúdo. No caso das matérias, foi considerado o tempo da cabeça⁶⁴. Nas tabelas abaixo, é possível perceber como ocorre a divisão do tempo e notar dois pontos destoantes entre as edições. Além da diferença de quase oito minutos, é possível identificar uma mudança na distribuição do programa. Em 2002, ele conta com uma divisão em quatro blocos, sendo 26 tópicos – seja nota coberta, VTs ou quadros –, com isso, com menor duração cada. Em 2022, são apenas dois blocos em seis divisões, o que aumenta o tempo médio. Em comum, a maior matéria é a que conta a história do jogo que, no caso, é a final da Copa do Mundo.

⁶⁴ Texto que o apresentador do jornal lê informando ao telespectador qual reportagem virá na sequência.

Tabela 4: Espelho da edição do Globo Esporte realizada no dia 01 de julho de 2002

Bloco	Assunto	Retranca	Duração
1	-	Escalada	50''
1	Futebol	Festa do Ronaldinho Gaúcho	1'25''
1	Futebol	Animação do Gato Mestre	1'20''
1	Futebol	Sobe som torcida nas cidades do país	40''
1	Futebol	Obra prima	1'05''
1	-	Chamada para o próximo bloco	15''
2	Futebol	Momento do jogo no Rio de Janeiro	2'20''
2	Futebol	Repercussão no dia seguinte	1'
2	Tênis	Nota pelada – Tênis	20''
2	Corrida	Nota coberta – Fórmula Kart	20''
2	Futebol	Blitz Globo Esporte no Japão	1'05''
2	Futebol	Copa Cor-de-rosa	1'30''
2	Futebol	Repercussão Turquia	25''
3	Futebol	Rotina Cafu	1'30''
3	Futebol	Povo levanta a taça nas ruas	1'30''
3	Futebol	Repercussão Maradona	35''
3	Futebol	Outros campeonatos	20''
3	Futebol	Queimou a língua	2'30''
3	-	Chamada para o próximo bloco	10''
4	Futebol	Momento do jogo em São Paulo	1'10''
4	Futebol	Astro da Copa – Ronaldo	1'15''
4	Futebol	Tendência – Ronaldo	30''
4	Futebol	Rapidinhas da Copa	25''
4	Futebol	Repercussão na Alemanha	1'35''
4	Futebol	Chama reportagem com Gato Mestre	45''
4	Futebol	Reportagem sobre o jogo	3'15''
Somatório			28 minutos

Fonte: Youtube⁶⁵

⁶⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

Tabela 5: Espelho da edição do Globo Esporte realizada no dia 19 de dezembro de 2022

Bloco	Assunto	Retranca	Duração
1	Futebol	Reportagem: Outro nota 10 na eternidade: Messi brilha e leva a Copa que faltava	3'30"
1	Futebol	Vivo do Eric Faria	1'55"
1	Futebol	Reportagem: Final tem viradas e roteiro épico até a consagração argentina	6'02"
1	Futebol	Vivo Buenos Aires – Bruno Cortês	1'20"
1	Futebol	Do drama à consagração: Argentina delira com conquista do tri	2'03"
2	Futebol	Primeira Copa no Oriente Médio tem maior número de gols marcados	5'12"
Somatório			20 minutos e 02 segundos

Fonte: Globoplay⁶⁶

Vale ressaltar que não existe um tempo fixo, conforme explica Ricardo Jacomo, editor-chefe do GE desde 2019. Em entrevista ao autor ele explica que, apesar de ser na televisão aberta e não ter tanta flexibilidade na grade, há um tempo determinado para o programa, mas que sempre cabe negociação diante do desejo de ampliar o tempo de produção para exibir mais conteúdo. Algo que foi visto na edição posterior à Copa do Catar.

Hoje em dia esse tempo de produção é fixo para o Brasil inteiro, mas todo mundo negocia localmente. (...) O programa tem 18 minutos e 9 segundos de produção para quem faz local ou para quem faz rede. Localmente você ganha mais tempo ou não. Nós, no Rio de Janeiro, ganhamos quase que diariamente mais tempo, uns três minutos e meio, e, para ocasiões especiais, podemos ganhar cinco, seis minutos. (JACOMO, 2023).

Apesar destas pequenas diferenças correspondentes aos horários, o GE sempre respeitou o tradicional momento de almoço no Brasil. Por si só, este caráter simbólico é mostrado pela interação do apresentador com o público ao estabelecer uma relação com um toque de leveza, que, por consequência, transmitia uma intimidade característica com o esporte. Esta particularidade estará presente em todos os tópicos de análise do programa, uma vez que faz

⁶⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

parte da essência do Globo Esporte que se inicia desde o processo de idealização e surgimento quando está localizado entre telejornais gerais e no horário de almoço.

Pode-se perceber esta característica de leveza e proximidade na presença constante da frase do “Muito boa tarde” na abertura de quase todas as edições e que ficou caracterizada na voz marcante de Léo Batista, o primeiro apresentador do Globo Esporte. Outro exemplo é como conta o Eric Faria no programa de comemoração dos 35 anos, em 2013. Ao lembrar a sua estreia como repórter no programa, em uma edição em 1998, ele lembra da representatividade de se comunicar com o telespectador: “Na época, você dar o ‘Boa tarde’ no Globo Esporte era um momento nobre do repórter. A gente falava ‘E para você, uma boa tarde’”⁶⁷. Este efeito também é perceptível na transição de um bloco para o outro: “A gente fica por aqui, mas o Globo Esporte volta já já”.

5.2. Abertura

Depois do entendimento do horário, que é um dos fatores que ajuda a entender a dinâmica do programa, a abertura é fundamental para a manutenção do telespectador. O público do GE não é feito apenas por apaixonados por esporte, como citado no capítulo anterior, mas principalmente por pessoas que já estão com a televisão ligada e permanecem no canal. Portanto, é necessário um equilíbrio na linguagem que começa a ser colocado em prática desde os primeiros segundos. O primeiro contato do telespectador em ambas as edições é iniciado pela vinheta, algo que é característico desde o seu surgimento e também se estende a quase todos os programas da emissora. Em outras palavras, a vinheta tem um papel crucial porque ela é uma marca para o telespectador de que um novo programa está começando.

Desde 1978, oito vinhetas diferentes começaram o programa, sendo todas com duração aproximada de dez segundos. A exceção foi a pioneira (de 1978 até 1982), que era mais longa e tinha 21 segundos. Em comum, todas têm o mesmo padrão da música, com apenas pequenos arranjos ao longo dos anos, e terminaram com a grafia de “Globo Esporte”. Como ilustração, todas acompanham um clipe de personagens, em animações, praticando diversos esportes, o que ressalta o caráter esportivo e não só futebolístico. Um detalhe é que, em 2002, em celebração do título do Brasil, uma vinheta especial foi criada para ser utilizada na transição dos blocos e das matérias. Ela inicia com uma taça da Copa do Mundo no centro sendo preenchida com uma estrela de cada capitão da seleção levantando o troféu, sendo completada

⁶⁷ Disponível em: <https://ge.globo.com/video/apresentadores-relembra-35-anos-do-globo-esporte-2757326.ghtml>. Acesso em: 06 de novembro de 2023.

com a imagem de Cafu, o então mais recente jogador a erguer a taça. No fim, aparece a mensagem: “Brasil pentacampeão”⁶⁸.

Figura 3: Modelo personalizado de vinheta sobre o pentacampeonato do Brasil



Fonte: Youtube⁶⁹

Certamente nos dois programas analisados quem está acompanhando pressupõe que será abordado a repercussão da final da Copa do Mundo, que aconteceu no dia anterior, mas são utilizados recursos diferentes. Porém, outro fator que diferencia a cobertura do Globo Esporte nestes últimos vinte anos foi a presença da escalada⁷⁰. Enquanto atualmente o programa não utiliza este recurso, a edição de 2002 contava com uma abertura que trazia um resumo dos principais assuntos que seriam abordados. Abaixo, pode-se perceber como foi a escalada exaltando a conquista brasileira, com toque de humor no fim, após as falas intercaladas entre os apresentadores.

⁶⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Iz_YOC-UXE8. Acesso em 11 de novembro de 2023.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Escalada é um resumo dos destaques que serão apresentados naquela edição do telejornal. O principal objetivo é informar ao telespectador quais serão os principais assuntos que serão abordados e geralmente, quando há a presença de dois apresentadores, se alternam na leitura da escalada.

Quadro 3: Abertura do Globo Esporte realizada no dia 01 de julho de 2002

César Augusto: Boa tarde. O Globo Esporte está no ar. O Globo Esporte do penta está no ar. Aqui você vai rever, reviver as emoções da conquista brasileira do outro lado do mundo.

Início da escalada - Mylena Ciribelli: Olá, boa tarde!

Alexandre Bacci: Boa tarde!

Mylena Ciribelli: Como prometido...

Alexandre Bacci: ...E desejado

Mylena Ciribelli: O Globo Esporte pentacampeão...

Alexandre Bacci: ...Está com a seleção brasileira neste momento

Mylena Ciribelli: No ar

Alexandre Bacci: Veja as cinco (abre a mão mostrando o sinal de cinco). Cinco das nossas atrações de hoje.

(vinhetinha cobrindo a escalada)

Mylena Ciribelli: Entrevista exclusiva com Ronaldo antes do embarque. A história do jogão. A festa brasileira no mundo. O despeito de Maradona. Também, ele não é penta.

Fonte: Youtube⁷¹

Na edição catari, o mecanismo utilizado foi iniciar diretamente na matéria produzida logo após a vinheta. Não há a aparição do apresentador nem do repórter. A edição começa na trajetória de Messi dentro da Copa do Mundo: “Outro nota 10 na eternidade: Messi brilha e leva a Copa que faltava”. Com a duração de 3 minutos e 28 segundos, a história é contada, totalmente em *off*, ou seja, sem o repórter aparecer em vídeo, diante da perspectiva do jogador que decidiu o título e é um dos principais nomes da história do futebol.

Com esta mudança perceptível, neste ponto, o Globo Esporte difere neste conceito do jornalismo geral. Os telejornais factuais como o jornal local – que vem antes – e o Jornal Hoje – que vem na sequência, iniciam a edição com a escalada. O Jornal Nacional é um grande exemplo que traz este recurso, quando, nos primeiros segundos, sintetiza as notícias que serão tratadas, como uma espécie de venda editorial dos conteúdos.

5.3. Apresentação

No tópico de apresentação, como o próprio nome sugere, pretende-se evidenciar a figura do apresentador. Por mais que seja um trabalho realizado por uma extensa equipe que tem influência direta no produto final, os únicos que aparecem para o telespectador são os

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

apresentadores e os repórteres, cuja função será detalhada logo a seguir. Eles têm fator decisivo, porque são os personagens que aparecem na tela, contam a história e dialogam com quem está assistindo. Em 2002, Alexandre Bacci e Mylena Ciribelli apresentavam em dupla, enquanto, vinte anos depois, Tiago Medeiros era a única figura dentro no estúdio. Mesmo com a diferença de tempo, a abordagem segue adotando uma linha leve e dinâmica.

O primeiro trecho abaixo é a cabeça da matéria “Festa do Ronaldinho Gaúcho”, apresentada por Ciribelli, a primeira da edição que veio após a escalada. Logo depois, a transcrição da cabeça da matéria que tratava como ficaram algumas ruas do Rio de Janeiro, às 8h, enquanto o Brasil disputava a final da Copa do Mundo de 2002.

Quadro 4: Cabeça da primeira matéria exibida na edição que repercutiu a final em 2002

Mylena Ciribelli: A seleção está voando neste momento. A chegada está prevista para amanhã de manhã, em Brasília. Uma das revelações da Copa, Ronaldinho Gaúcho, que a esta hora deve estar batucando no avião (simula batuque), mostrou que não é ruim da cabeça nem doente dos pés dentro e fora dos gramados.

Fonte: Youtube⁷²

Quadro 5: cabeça da matéria sobre como ficaram alguns bairros do Rio de Janeiro durante a final da Copa de 2002

Mylena Ciribelli: Onde você estava na hora do jogo?
 Alexandre Bacci: Bom, o repórter Fernando Rocha estava nas ruas de uma grande metrópole.
 Mylena Ciribelli: Ou seria numa cidade fantasma?

Fonte: Youtube⁷³

Na sequência, a primeira aparição de Tiago Medeiros durante a edição posterior à decisão que consagrou a Argentina como tricampeã mundial. Como já explicitado, ela ocorre depois de toda a primeira matéria que foi ao ar direto após a vinheta de início.

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

⁷³ Idem.

Quadro 6: Primeira aparição de Tiago Medeiros na edição que repercutiu a final de 2022

Tiago Medeiros: É dele. É deles e com toda justiça Argentina tricampeã do mundo. Boa tarde, minhas joias. Depois de vinte e nove dias, *cabou* a Copa do Mundo (bate uma palma). Vamos lá nos despedir do Catar, a terra que coroou Lionel Messi e *óh*, esse craque aqui também (aponta para o telão e surge a imagem do vivo) Eric Faria. E a Copa para ele, o repórter cinematográfico Marcelo Bastos, o nosso Marcelinho, e o produtor Victor Pozella começou ainda mais cedo. *Óh*, Eric, já fizeram as malas aí para voltar? Tu tais longe de casa há quanto tempo?

Fonte: Memória Globo⁷⁴

Em comum, nota-se em todos uma linguagem próxima à do torcedor, com a escolha de um vocabulário amplamente utilizado na fala do dia a dia, além de adotar um tom de conversa, seja com o companheiro de apresentação, seja interagindo com o repórter que fará o vivo. No caso de Ciribelli e Bacci, ambos se complementam no diálogo no estúdio e acontece até uma quebra de expectativa ao brincar sobre o fato da cidade do Rio de Janeiro estar sempre lotada, mas, no momento em específico, estará vazia, como será detalhado na reportagem. No outro exemplo, Mylena utiliza bem do gestual para criar uma energia diferente com o telespectador e conectar com o que virá no VT. Já Tiago, mesmo sozinho, segue a mesma linha ao utilizar um tom de conversa com o repórter Eric Faria, que está fazendo a cobertura *in loco* no Catar. O apresentador utiliza o “óh”, uma marca de oralidade característica da fala fluída, que subentende a ausência de um texto previamente estipulado como no teleprompter. Da mesma forma, acontece uma descontração e brincadeira fazendo referência a quantidade longa de dias em que estão trabalhando em prol do evento.

Independente da edição, a importância da figura do apresentador na comunicação é crucial para o entendimento completo do conteúdo, mesmo que as matérias sejam editadas previamente. Segundo Jacomo, em 2023, o programa conta com dois dos maiores comunicadores populares. Mesmo com as diferenças marcadas pelo regionalismo, já que Escobar é carioca e Medeiros pernambucano, ambos seguem a linha de uma comunicação direta e reta, marcada pela empatia com o público (JACOMO, 2023).

Nesse mesmo sentido, o próprio Tiago Medeiros cita que a linguagem que utiliza no programa complementa o modo como se comunica fora do ambiente de trabalho. Conforme

⁷⁴ Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml#ancora_1. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

explica, ele se comporta com uma fala mais leve, resvalando no entretenimento, porque é o que acredita ser pertinente para aquele horário. Entretanto, ressalva que leva sempre em consideração o retorno do público que, nas palavras dele, é “o nosso verdadeiro patrão” (MEDEIROS, 2023).

A relevância do apresentador dentro do modelo do programa é algo também citado por Caio Areosa. Além da importância de ter alguém ligado com a cultura local, que ajuda na relação de empatia com o telespectador, o editor-executivo do programa explica que o formato dinâmico existe também pela figura de quem apresenta também ter esta característica. Para Caio, uma apresentação flexível e criativa passa também pelo âncora ter essas habilidades. Ele explica dando o exemplo de Alex Escobar.

Não adianta nada a gente faz esse formato em pé, leve e botar lá um cara que é durão, que lê TP (teleprompter). É outro formato de apresentação. O Escobar é um cara muito ligado ao Rio de Janeiro. (...) O Escobar lê o TP, mas improvisa. Ele coloca da melhor forma que achar pertinente para ter uma linguagem mais de conversar com o público do que ficar mais duro: “O Flamengo treinou hoje”. Com alguém mais formal, você talvez tenha que regredir, mas eu acho que essa é uma fronteira que a gente não volta mais. Muito difícil voltar, até porque até os telejornais hoje em dia, os locais já são feitos em pé para ter esse dinamismo, essa ideia que está tendo mais informal, conversando com a pessoa de casa (AREOSA, 2023).

Depois de comentar a linguagem, é necessário pontuar o comportamento dos âncoras de acordo com o tamanho e tecnologias que o estúdio permite. Nos dois recortes, a edição é realizada com os apresentadores em pé. Por mais que Bacci e Ciribelli apresentassem em dupla, não necessariamente estavam sempre juntos. Pelo contrário, boa parte das aparições, seja através de cabeça de matérias ou volta de bloco, acontecia com apenas um em quadro. Nesta observação, era perceptível que estavam em pé, porém, sem que o enquadramento os mostrasse por completo, o que é uma diferenciação com a edição de vinte anos depois.

Como pode ser observado na figura abaixo, Tiago aparece por inteiro na tela e com inserções virtuais no estúdio. Esta é uma citação porque, durante o Mundial, a emissora utilizava outra identidade visual toda adaptada para símbolos da cultura catari, com uma imagem de um dos principais ambientes do país ao fundo para dar uma experiência imersiva ao telespectador.

Figura 4: Mylena Ciribelli durante a edição de 2002 (à esquerda) e, em seguida, Tiago Medeiros apresentando uma das edições de 2022 (à direita)



Fonte: Youtube⁷⁵ e Globoplay⁷⁶

O desenvolvimento da tecnologia contribui para o enquadramento de todo corpo de Tiago. Ele possibilita a interação do apresentador com artes, outro recurso que ajuda a contar a história. No exemplo, Messi aparece como se fosse um holograma lado a lado do apresentador, com algumas informações destacadas e, do outro lado, a logo do GE. Algo que não aconteceu em 2002, que se restringia a algumas animações e com um fundo neutro. Apesar de não estarem sempre em tela, Bacci e Ciribelli começam juntos a escalada e a cabeça do último VT, ou seja, dá a ideia de continuidade. Aliás, ambos colocam a camisa do Brasil para chamar a matéria sobre o jogo, o que evidencia o caráter comemorativo e leve.

Figura 5: Mylena Ciribelli e Alexandre Bacci durante a escalada (à esquerda) e, em seguida, na cabeça da última matéria da edição (à direita)



Fonte: Youtube⁷⁷ e Globoplay⁷⁸

⁷⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

⁷⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

⁷⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

Por fim, a linguagem coloquial é o principal ponto de observação deste tópico. É possível perceber a presença forte em ambas as edições. Primeiramente, em 2002, na fala de Mylena Ciribelli, descrita no quadro 4: “Uma das revelações da Copa, Ronaldinho Gaúcho, que a esta hora deve estar batucando no avião”. Além de usar expressões comuns no dia a dia, como “batucar”, Mylena simula o movimento com as mãos, usando uma das vantagens da apresentação em pé no estúdio. Já Tiago Medeiros no trecho: “Boa tarde, minhas joias. Depois de vinte e nove dias, *cabou* a Copa do Mundo” demonstra a oralidade e a preferência pela fluidez na comunicação ao falar, por exemplo, “*cabou*”. A expressão “minhas joias” também é uma marca característica da fala do apresentador.

Há de ser feita uma ressalva com relação às vestimentas. Por mais que tradicionalmente a apresentação utilize roupas do cotidiano, nas edições da Copa de 2022, Tiago utilizou o uniforme da empresa, o que por si só dá um caráter mais formal. Além da camisa na tonalidade azul com a logo tanto da Globo quanto do sportv estampadas, a cor da calça também é padrão da emissora. Contudo, de toda forma, é bem mais informal quando comparada, por exemplo, com a edição de estreia. Em 1978, Léo Batista inaugurou o formato sentado, com o enquadramento fechado, de terno e ainda utilizando folhas para passar o texto a ser lido.

5.4. Repórteres

A figura do repórter ganha cada vez mais importância com o desenrolar do jornalismo. Por mais paradoxal que seja, uma vez que o mais relevante é a notícia, dentro do esporte, é fundamental a forma com que a história é contada, seja por ângulo diferente ou pela representatividade que tem.

Em 2002, todos os repórteres que fazem parte da edição aparecem dentro de matérias fechadas, ou seja, que foram editadas previamente. A linguagem descontraída é evidente com o repórter Fernando Rocha. Em uma brincadeira para mostrar o quão deserta ficou a cidade do Rio de Janeiro durante a decisão, ele chegou a se deitar em uma das principais avenidas da cidade. É uma abordagem com bom humor, que caracteriza o programa na sua essência. Mas como explica Jacomo, esta característica é base do GE, mas não pode ser confundida com piada (JACOMO, 2023), o que não está dentro da proposta nem da edição e nem mesmo do jornalismo.

Figura 6: Irreverência de Fernando Rocha ao fazer a matéria repercutindo as ruas vazias no Rio de Janeiro (à esquerda) e exemplo de crédito em 2002 (à direita)



Fonte: Youtube⁷⁹

Na edição do Catar, também há a presença em VTs fechados, porém, com a forte característica de vivos⁸⁰. É um recurso utilizado para colocar o público em contato direto e com as últimas atualizações possíveis. Na edição posterior à final, foram duas aparições: a primeira com Eric Faria, no Catar, e a segunda com Bruno Côrtes, na Argentina. Ambos interagem com o apresentador, dão a informação e chamam a matéria na sequência.

Levando em consideração outras edições que foram ao ar durante a Copa de 2022, no exemplo abaixo, é possível ver um exemplo de como é feita a chamada para a participação de Karine Alves. A repórter aparece diretamente do Catar, em frente ao estádio Al Bayt, para trazer informações da semifinal entre França e Marrocos, que aconteceria menos de duas horas depois do programa. Também se nota, mais uma vez, as inserções virtuais que acontecem no estúdio como a representação do estádio em que será realizada a partida, além de Kylian Mbappé e Achraf Hakimi, personagens da partida que irá acontecer e representam, respectivamente, França e Marrocos.

⁷⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

⁸⁰ Como o próprio nome sugere, vivo é quando o repórter aparece ao vivo de um local para trazer informações sobre determinado evento.

Figura 7: Tiago Medeiros apresentando a edição do Globo Esporte com destaque para o vivo de Karine Alves no dia 14 de dezembro de 2022



Fonte: Globoplay⁸¹

Outro tópico relevante é a questão do uniforme dos repórteres. Em 2022, todos os membros da equipe da Globo que aparecem na televisão são identificados pelo uniforme, algo que não acontecia vinte anos antes. Apesar de João Pedro Paes Leme aparecer entrevistando Ronaldo com a camisa da emissora, é algo pontual, uma vez que os demais não utilizam do mesmo código, nem mesmo Bacci e Ciribelli. Neste recorte também é perceptível a presença de tarjas em todas as matérias da edição recente, o que não acontecia em 2002.

Figura 8: Exemplo de passagem de repórter com Eric Faria (à esquerda) e, em seguida, outro exemplo com Pedro Bassan (à direita)



Fonte: Globoplay⁸² e ⁸³

⁸¹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11203508/?s=0s>. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

⁸² Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

⁸³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11203622/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

Os créditos dos repórteres permaneceram no mesmo estilo: nome seguido da cidade e do país onde estão. Entretanto, quando se refere aos personagens envolvidos na história, nota-se uma diferenciação. Como analisado acima, na versão recente, as informações são mais objetivas. Contudo, na matéria sobre a final – que será analisada mais à frente –, o zagueiro Edmilson foi apresentado seguido do próprio nome com a frase “ô ressaca boa...”, uma brincadeira mostrando, mais uma vez, o caráter irreverente. Já o treinador da seleção, Lionel Scaloni, foi creditado de forma simples e direta: “técnico da Argentina”

Figura 9: Exemplo de créditos no programa de 2002 (à esquerda) e, em seguida, como foi creditado em 2022 (à direita)



Fonte: Youtube⁸⁴ e Globoplay⁸⁵

Os créditos, como citado acima, com explicações mais engraçadas eram mais comuns. Hoje em dia, o crédito não é mais formal, mas é básico. Um jogador, por exemplo, consiste no seu nome e o clube onde atua. (JACOMO, 2023). O caráter irreverente da edição sul-coreana e japonesa também está presente na figura do ‘Gato Mestre’. Basicamente, o quadro consistia em uma animação de um gato que dava palpites sobre análises táticas das seleções. Com uma voz criada, o gato era uma figura de distração que também tinha vinheta, e esboçava um formato de opinião popular, já aproximando uma parte mais específica do público geral e traduzindo para o público. De certa forma também exagerada, em alguns casos, como se pode ver na figura abaixo.

⁸⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

⁸⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

Figura 10: Exemplo do uso do *lettering* e da arte dentro de uma matéria



Fonte: Memória Globo⁸⁶

Por fim, para concluir o tópico reportagem, pode-se perceber uma semelhança editorial com a presença de matérias com repórteres nos países envolvidos na decisão. Em 2002, Caco Barcelos era o enviado especial do GE à Alemanha e contou como foi a repercussão após o vice-campeonato para o Brasil. Ao ilustrar como os jornais locais cobriam, o repórter traduziu na escrita do seu texto o que estampava na língua germânica. O destaque foi Oliver Kahn, goleiro alemão que era tido como o melhor jogador do time, mas falhou em um dos gols de Ronaldo. Em 2022, Raphael Sibilla trouxe os desdobramentos da comemoração na Argentina tricampeã após 36 anos. A repercussão foi baseada na entrevista com torcedores argentinos e, conforme aconteceu em espanhol, a voz em *off* foi de Tiago Medeiros.

Figura 11: Caco Barcelos (à esquerda) e, em seguida, Raphael Sibilla (à direita)



Fonte: Youtube⁸⁷ e Globoplay⁸⁸

⁸⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5597923/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

⁸⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11215259/>. Acesso em 12 de novembro de 2023.

5.5. Reportagem sobre o jogo

À medida que o público se tornou cada vez mais heterogêneo e bem-informado, se fez necessário falar do jogo por uma nova perspectiva. Atualmente, não basta apenas relatar o factual, é preciso contar uma história que seja atraente por dois motivos. Primeiro, porque, se tratando de TV aberta, o público é mais diverso e, segundo, há a possibilidade de, mesmo quem não esteja assistindo à partida, ver os gols e lances de fácil acesso na internet. Em outras palavras, o jornalismo perdeu a condição de única fonte de informação e também da influência social que detinha, como explica Becker:

A construção de reportagens mais contextualizadas e inventivas é uma ação de resistência ao imediatismo e à velocidade dos fluxos de informação que tendem a esvaziar os valores simbólicos das notícias. Num momento em que assistimos à fusão das indústrias de informação e de entretenimento, e a agenda noticiosa não é mais a única maneira de dar conta da realidade, o aperfeiçoamento da prática jornalística é essencial para o seu próprio desenvolvimento como serviço público de construção e distribuição de informações de qualidade sobre a experiência social cotidiana (BECKER, 2015, p. 237).

O grande desafio é manter a atenção do telespectador que já sabe o resultado. Areosa explica que o bom início é fundamental para manter a pessoa assistindo o programa e não trocar pela concorrência. Para o editor-executivo, há diversas formas que você pode prender a atenção, seja por uma boa imagem captada ou por uma entrevista impactante. Diante disso, você trabalha alguns recursos com estes materiais como utilizar sobre sons⁸⁹, descrever ou congelar imagens. Enfim, para Areosa existe um método que se fundamenta na observação total do material disponível, seja escutar as sonoras e, principalmente, olhar todas as imagens.

Sempre acreditei que tem um método para fazer a coisa, que não vem uma inspiração do além. É fundamental você olhar a imagem mesmo. Vai catar a melhor imagem. O que que aconteceu nesse jogo? O que aconteceu para chamar atenção? Você tem que falar: “Por que que você vai ver esse VT?” Por que que eu vou ver isso? Eu já vi o jogo ontem. Quando a gente bota o Globo Esporte no ar, uma da tarde, quem quer ver esse gol, já viu. Ninguém vai ver pela primeira vez como aconteceu na década de 90 e início de 2000. É muito raro. Se o cara tem o mínimo de interesse, ele já viu esses gols. Os primeiros vinte ou trinta segundos de VT é que vai segurar o telespectador. Segurou? Agora segue aqui e no final vai ter uma história maneira também. Esse meio aqui, você não vai inventar. Você vai contar o jogo (AREOSA, 2023).

Para elucidar o desenvolvimento da cobertura, se tomará por base as duas matérias que

⁸⁹ Usado para designar um trecho escolhido em um evento registrado na íntegra e que será editado em outro material a ser exibido. Pode ser também áudio ambiente, som de vozes, de bichos, de trilhas.

descrevem como foi a final de cada uma das edições. O primeiro trecho é a transcrição completa do VT, apresentado pelo repórter César Augusto, que conta a história da decisão da Copa do Mundo de 2002 que terminou em Brasil 2 a 0 diante da Alemanha. A matéria usa como gancho da história o zagueiro Edmilson, que acabava de se tornar campeão mundial e seria pai em poucos meses. A partir das imagens do jogador dentro do quarto na concentração no Japão e a entrevista concedida pelo mesmo, César constrói a história.

Desde já, esta é uma grande diferença nestes vinte anos de análise. A proximidade dos jornalistas com os jogadores era maior, tanto que, como explicado no primeiro capítulo, algumas edições do Jornal Nacional contaram com imagens exclusivas de Fátima Bernardes dentro do ônibus da delegação brasileira. Outro exemplo dentro da mesma edição é o quadro 'Blitz Globo Esporte no Japão', quando o programa consegue uma sonora exclusiva com Ronaldo Fenômeno antes do embarque de regresso ao Brasil.

Quadro 7: matéria do Globo Esporte sobre a final da Copa do Mundo de 2002 entre Brasil e Alemanha, realizada no dia 01 de julho

César Augusto (off): Aqui eles passaram os últimos dias. Noites sem sono, mas com sonho.

Trecho da sonora com Edmílson, zagueiro da seleção: “*Tô* muito feliz, porque Deus tem me abençoado esse ano. Fui campeão lá na França, campeão do mundo e mês que vem vai nascer minha filha”.

César Augusto (off): Noites de alegria e saudade.

Trecho da sonora de Edmílson: “Passei quase todo tempo fora aí da gestação da minha esposa. A gente fica sempre na ligação. Ela bota telefone na barriga da neném para ela não esquecer a voz do pai”.

César Augusto (passagem): O papai Edmílson vai ter uma bela história para contar para Tiffany. A história do dia em que o Brasil conquistou o mundo. No ano em que ela nasceu, o papai e os amigos dele conquistaram o mundo pela quinta vez.

César Augusto (off): Foi um jogo que marcará para sempre a vida de todos. Como esquecer os momentos tensos do início, quando o futebol quase foi deixado de lado. E as chances perdidas pelo Brasil no primeiro tempo. Logo por ele. Ronaldo, nosso artilheiro, nossa maior esperança. Kleberson, que começou a Copa no banco e terminou mais titular do que nunca, ainda carimbou a trave. Será que a sorte estaria do lado deles? A defesa brasileira, é bem verdade, fazia sua melhor partida no Mundial. Mas foi impossível não pensar no pior naqueles minutos iniciais do segundo tempo. Que sufoco! E que defesas de São Marcos. Edmílson não se atrapalhou com a bola. Mas com a camisa... Serviu para descontrair o time. Como num passe de mágica, poucos minutos depois, lá estava ele: Ronaldo, fazendo o que mais gosta e sabe. Com a ajuda providencial de Rivaldo e de... quem diria... Oliver Kahn, o melhor goleiro da Copa. Por que então não tentar mais um gol? Pois foi o que o Brasil fez. Que jogada de Kleberson. Que deixada de Rivaldo. Que conclusão de Ronaldo. Bem no cantinho. A noite era nossa. A Copa era nossa. Dali até o fim foi só deixar o tempo passar. Fazer o tempo passar. Chorar de alegria (sobe som do apito final) e festejar.

Narração de Galvão Bueno, quando acaba a partida: É peeeenta!!! É peeeentaaa!!! Acabooou!!! É peeeenta! É peeenntaaa! O Brasil é pentacampeão mundial

(Termina com a música "Deixa A Vida Me Levar", de Zeca Pagodinho)

Fonte: Memória Globo⁹⁰

Depois de construir um enredo singular puxando pela trajetória de Edmílson, o repórter começa a contar a história do jogo. O início da descrição do jogo é a imagem do apito inicial

⁹⁰ Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml#ancora_1. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

em câmera 1, a principal do jogo. Já a conclusão com o sobe som de Galvão Bueno, o único utilizado na matéria, aos cantos de “É peeeentaaaa”. Neste meio, ele define bem as dificuldades que a equipe brasileira enfrentou ao citar as chances criadas pelos alemães. Mesmo no meio do VT, não é esquecido o gancho inicial utilizado ao associar um comportamento de Edmilson à virada de chave da seleção: “Edmilson não se atrapalhou com a bola. Mas com a camisa... Serviu para descontrair o time.”

Com a imagem do Cafu levantando a taça, a matéria termina com um trecho da música: "Deixa A Vida Me Levar", de Zeca Pagodinho, acompanhada de cenas da conquista. O principal recurso explorado são as imagens da comemoração, sem texto, somente com a música ao fundo.

Abaixo, segue a transcrição da matéria a ser comparada. Eric Faria é o repórter que conta a história da decisão da Copa do Mundo do Catar na partida que terminou empatada em 2 a 2 no tempo normal, seguiu empatada em 3 a 3 na prorrogação e foi decidida, nos pênaltis, por 4 a 2 a favor dos argentinos.

Quadro 8: matéria sobre a final entre Argentina e França do Globo Esporte no dia 19 de dezembro de 2022, após a final da Copa do Mundo

- Eric Faria (off): (trilha de tensão e suspense) Quantas reviravoltas uma final de Copa do Mundo pode ter? Quantas vezes o protagonismo máximo foi mudando de mãos em três horas de futebol? A decisão mereceu e teve mais do que o tempo normal. Mais do que a prorrogação. Foi preciso que seis pênaltis decidissem o mais novo tricampeão. E o autor da última cobrança já carregava as três estrelas na pele.
- Narração de Galvão Bueno, quando o árbitro encerra a partida: *Cabooooou. Acaboooouuuuu. A Argentina é tricampeã mundial de futebol.*
- Eric Faria (passagem): Com o título, os argentinos encerraram um longo jejum de trinta e seis anos longe da Copa do Mundo. E os sul-americanos abriram uma incrível vantagem de oito a três contra os europeus nas decisões.
- Eric Faria (off): (troca de trilha) Toda final é eterna. Algumas ganham ares épicos. Dezoito de dezembro de dois mil e vinte e dois. Uma data para agradecermos. As duas seleções, diante de um público de oitenta e oito mil novecentas e sessenta e seis pessoas (lettering), disputaram cada bola no alto. Cada centímetro do gramado do Estádio de Lusail. Argentina surpreendeu na escalação com Di María entre os titulares.
- Trecho da sonora de Lionel Scaloni, técnico da Argentina: “Os jogadores descobriram quem iria jogar uma hora e meia antes. Di María sabia que iria jogar pela esquerda à essa altura. Pensamos que o jogo poderia estar por aí”.

- Eric Faria (off): Pela esquerda, o camisa onze deu um drible desconcertante em Dembélé e sofreu pênalti.
- Narração de Galvão Bueno, no momento em que Messi cobra o pênalti: Aí vai Messi para a cobrança. Faz silêncio no estádio. Partiu Messi, bateu.... Gooooool. Lionel Messi é o nome dele (outra trilha e edição no sobe som).
- Eric Faria (off): O segundo gol argentino foi lindo. Um contra-ataque perfeito. Messi. Julián Álvarez. Mac Allister. Di María... na esquerda. Dois a zero. Di María até ali era o cara do jogo.
- Narração de Galvão Bueno, no momento em que o Di María está no banco de reservas: Chora Di María. *Tá chorando.*
- Eric Faria (off): (muda de trilha) A França fez um primeiro tempo sem incomodar o goleiro Dibu Martínez. Só aos vinte e cinco do segundo tempo, Mbappé apareceu na partida. Bola para fora. Aos trinta e cinco, Kolo Muani arrancou e Otamendi só parou o jovem francês com falta. Segundo pênalti da final.
- Narração de Galvão Bueno, no momento em que o Mbappé cobra o pênalti: Ele contra o Martínez. Partiu, bateeeuu... Mbappé é o nome dele.
- Eric Faria (off): E apenas um minuto e meio depois, um golaço do camisa 10 Mbappé. Dois a dois.
- Narração de Galvão Bueno, no momento do gol de Mbappé: Lindo gol. Do jeito que chegou, ele bateu.
- Eric Faria (off): Aos vinte e três anos, Mbappé tomava para ele todas as atenções. Para a Argentina, um filme repetido para desespero de Di María, que substituído, chorava no banco. Nas quartas contra a Holanda, também um placar de dois a zero virou empate e prorrogação.
- Trecho da sonora de Rodrigo De Paul, meio-campo da Argentina: “Sim, praticamente em dois minutos foi um terror. Mas, assim, o jogo de final de Copa do Mundo. Os jogadores têm um caráter impressionante”.
- Eric Faria (off): Trinta minutos de pura trocação. E a Argentina saiu das cordas com Messi.
- Narração de Galvão Bueno, no momento da comemoração de Messi: *Ó* o cara vibrando aí. Enlouque o estádio.
- Eric Faria (off): Décimo terceiro gol em Copas. Emoção demais até para quem tem trinta e cinco anos. Três a dois. Mas não era o fim. Mbappé reapareceu. O chute dele explodiu no braço de Montiel, aquele das três estrelas tatuadas. Terceiro pênalti da decisão.
- Narração de Galvão Bueno, quando Mbappé faz mais um gol: O gol da França. Mbappé de novo.
- Eric Faria (off): Oitavo gol do artilheiro da Copa. Três a três. E Kolo Muani quase virou. Dibu Martínez usou o pé esquerdo para salvar a Argentina. Era vez do goleiro também pôr o seu nome entre os grandes.
- Narração de Galvão Bueno, no momento em que o Martínez faz defesa no último minuto: Pegou Martínez. Fez o milagre.

- Eric Faria (off): Três a três. E, apenas pela terceira vez em noventa e dois anos, uma disputa de pênaltis decidiu a Copa. Antes, só noventa e quatro e dois mil e seis. Mbappé abriu e fez de novo. França um a zero. Messi. Um a um. Coman parou em Martínez. Dybala. Dois a um. Martínez provocou. Jogou a bola longe. Tchouaméni...
- Narração de Galvão Bueno, no momento em que Tchouaméni perde o pênalti: Pra foora...
- Eric Faria (off): E o goleiro, eleito melhor da Copa, dançou, debochou.
- Narração de Galvão Bueno, no momento em que o Martínez dança após defender o pênalti: A graça do Martínez.
- Eric Faria (off): (muda a trilha) Paredes. Três a um. Kolo Muani. Três a dois. E Montiel fechou a conta. Quatro a dois.
- Narração de Galvão Bueno, no momento em que Montiel converte o último pênalti: Faça a festa torcedor argentino. A Argentina é tricampeã mundial de futebol.
- Eric Faria (off): Uma campanha, que começou com uma derrota de virada na estreia para a Arábia Saudita, terminou com abraços, lágrimas, sorrisos e aquelas mãos balançando no ritmo das canções. Arquibancada em campo. Sinergia total. (troca de trilha e encaminham para encerramento) Finalmente a Copa do Mundo e Messi se uniram para sempre.
- Trecho de sonora de Lionel Messi: “Estamos muito gratos por terminar o torneio assim... segurando este troféu em nossos braços. Eu ansiava por isso. Meus companheiros e a Argentina também. Agora somos campeões mundiais”.

Fonte: Globoplay⁹¹

Depois de detalhar o texto e o cenário de cada matéria, pode-se avançar para as discussões referentes à análise dentro da reportagem do jogo. Diante do que já foi ressaltado anteriormente da rapidez e do imediatismo que a internet amplificou ainda mais para o jornalismo, desde o início, a história é contada partindo do pressuposto que o telespectador já tem conhecimento do resultado. Todos que estão assistindo já sabem que o Brasil foi pentacampeão e a Argentina tricampeã mundial. Não há clima de drama ou suspense para contar este fato.

Entretanto, Eric Faria começa o VT mostrando a batida do último pênalti, usando como gancho a curiosidade do batedor, Gonzalo Montiel, já ter tatuado no pescoço três estrelas, que a Argentina passaria a ter depois que ele convertesse a cobrança. Nesse caso, o texto: “E o autor da última cobrança já carregava as três estrelas na pele”, a imagem complementa mostrando que de fato as três estrelas no pescoço de Montiel. É o retrato de como imagem e texto se complementam dentro da linguagem audiovisual.

⁹¹ Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/evolucao.ghtml#ancora_1. Acesso em: 24 de outubro de 2023.

Outro exemplo de que a ordem cronológica dos fatos não é seguida à risca é quando, ao contar a história do jogo, são usadas falas do treinador Lionel Scaloni e do jogador Rodrigo De Paul, que foram concedidas após a partida. Contudo, são utilizadas para contextualizar as escolhas que foram feitas para o jogo, como a posição de Ángel Di María pela esquerda. A situação como um todo evidencia o caráter do infotimento proposto por Douglas Kellner. Não basta trazer apenas o resultado da partida, uma vez que a internet já disponibiliza em questão de segundos até para quem não está vendo o jogo. Trata-se de uma aproximação com o entretenimento para atrair o público que busca, cada vez mais, uma história por um novo ângulo.

Quanto à duração, os três minutos e quinze segundos no VT de César Augusto e os seis minutos e dois segundos de Eric Faria mostram a importância de relatar o jogo. As duas matérias foram as maiores, em questão de tempo, nos seus respectivos programas. Ambas também abordam o protagonismo para o lado vencedor: Brasil e Argentina. Mas não se restringe só ao Globo Esporte versão televisiva, o destaque acompanhou a linha editorial do site. No *ge.globo*, a manchete: “Argentina bate França nos pênaltis, conquista o tri e eterniza Messi como o gênio de uma geração”⁹² retrata também o resultado, além de enaltecer a atuação de Messi, que passa a ser elevado como gênio para o torcedor.

Em relação à linguagem, é importante destacar que ambas as matérias adotam uma linguagem mais próxima do cotidiano do telespectador, ou seja, sem o uso de jargões ou expressões nichadas. Ambas contam uma história sob uma nova perspectiva, sempre com um texto claro e conciso. Por mais simples que pareça, é um fator vital dentro do programa, como aponta Ricardo Jacomo:

Se em uma conversa você fala alguma coisa que eu não entendo, a gente te pergunta. Mas a televisão, se eu não entender, eu mudo de canal. Fiz uma piada, fiz uma graça que o telespectador não entendeu, você fica com cara de bobo. A gente não faz piada. Temos como uma das bases a leveza e o bom humor, mas leveza e bom humor não é sinônimo de piada. Somos jornalistas com ênfase no jornalismo esportivo, que acaba tendo muitas peculiaridades e nuances diferentes do jornalismo propriamente dito. Se a gente fosse só fazer um jogo de forma jornalística da notícia seria: quem ganhou? Qual o campeonato? Quem fez os gols? Em qual minuto? Essa reportagem não teria cinco minutos. Lidamos com um conteúdo de emoção. A gente conta histórias que mexem com a emoção. Não precisa ser só da alegria, nem só da tristeza ou só do riso, só do drama, mas com as múltiplas emoções que as pessoas estão expostas. (JACOMO, 2023).

⁹² Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/jogo/18-12-2022/argentina-franca.ghtml>. Acesso em 10 de novembro de 2023.

Uma das principais diferenças analisadas consiste na sonorização dos VTs. Enquanto em 2002 não há a presença de trilha, a matéria de Argentina e França é preenchida por trilhas ao fundo que ajudam a ditar o ritmo e os sentimentos. Por ora, passa dramaticidade e, por vezes, acelera no intuito de passar o tempo do jogo. Tudo de modo a complementar o texto do repórter, o som ambiente das imagens e os sons utilizados. Aliás, a matéria do título argentino foi narrada com a forte presença deste recurso, onze vezes, ao todo.

No que tange às imagens utilizadas, a versão de 2022 é muito mais rica em detalhamento ao explorar diferentes câmeras e replays do mesmo lance para ajudar a contar a história do jogo. Dificilmente é utilizada a câmera central do jogo, como acontece no jogo do Brasil. Isso corrobora com a importância incontestável que a imagem ganhou. Se no site, há uma busca incessante em trazer para o usuário o vídeo do gol o mais rápido possível (MELLO, 2023), na televisão – ainda mais em um programa no dia seguinte em que todo o público já tem ciência do resultado – a quantidade de ângulos e de diferentes detalhes é fundamental para contar uma história a partir de uma outra perspectiva.

O uso do *flashback* também mostra a riqueza de imagens presentes hoje em dia. Com o banco de imagens construído, o texto consegue ser mais rico em detalhes e na contextualização, deixando à mercê do repórter ou editor utilizá-los, caso considerem pertinentes na hora de contar a história. A reportagem cita outras situações semelhantes do jogo, como nas quartas de final contra a Holanda: a Argentina saiu na frente do placar, sofreu o empate surpreendente e precisou vencer nos pênaltis – assim como diante da França –, o que trouxe o outro caso. Durante a matéria também foi lembrado as vezes em que a Copa foi decidida nos pênaltis (1994 e 2006).

Pela importância citada acima, é interessante notar o posicionamento da matéria do jogo dentro do espelho do programa. Em 2022, ela está posicionada no primeiro bloco, sendo chamada pelo vivo do próprio Eric Faria. Enquanto isso, em 2002, ela foi responsável pelo fechamento da edição. Tudo isto é algo pensado e estruturado. Não só a duração, mas a ordem das matérias obedece a um critério antigo em uma espécie de acordo não dito com o telespectador. É o que explica Ricardo Jacomo, que se trata de uma ideia editorial de prender a atenção do telespectador em todos os conteúdos, o que não deixa de ser uma ideia pensando na audiência:

É uma coisa que as pessoas fazem na vida. Tem uma música do Djavan que fala: “Um doce descascado para mim, eu guardo para o fim, para comer demorado”. Então é isso desde que eu era criança. Eu chegava para ver o Globo Esporte em um dia que eu estava querendo muito por alguma coisa e era quase assim. O programa abria com uma pitadinha daquela coisa. Exemplo

para o campeão carioca. Você sabia que o programa ia começar com uma coisinha daquele campeão carioca, mas que a grande reportagem que contava o jogo inteiro ia estar no final. Ia terminar o programa e entrar uma boa tarde, ia subir a letrinha como o Escobar fala e os créditos. (...) Tem essa quase sensação de o cara quer ver aquilo, mas se você chegar e você botar a principal reportagem do jornal abrindo, às vezes, o telespectador pode querer ir embora. “Bom, já vi aqui o campeão”. E assim, o que que você vai colocar depois? Você vai encerrar o jornal com um boletim de um minuto do time que joga depois de amanhã? É uma construção meio de um clímax (JACOMO, 2023)⁹³

Em resumo, a tabela abaixo tem como objetivo resumir a comparação feita:

Tabela 6: Comparação entre as edições sobre a reportagem da final da Copa

Tópicos	2002	2022
Duração	3'15"	6'02"
Narrativa linear	Sim	Não
Quem é o personagem principal da narrativa?	Edmilson	Messi
Existe um antagonista?	Time alemão	Mbappé
Presença e sobe som	Apenas um	Onze
Presença de passagem	Sim, uma	Sim, uma
Presença de off	Sim, maior parte	Sim, maior parte
Presença de entrevista	Sim, de Edmilson	Sim, de Messi, De Paul e Scaloni
Trilha de fundo	Não	Sim, ao longo de todo o VT

5.6. Inserções gráficas

Ao analisar a edição de 2022, uma das principais mudanças – além da quantidade de sobe sons – foi a utilização de inserções gráficas como ferramenta de auxílio para contar a história. O trecho abaixo é um bom exemplo para ilustrar como este tópico importante foi desenvolvido nos últimos anos dentro da cobertura esportiva.

A matéria do Globo Esporte do dia 13 de novembro de 2022, um dia antes da semifinal entre Marrocos e França, contou a história de En-Nesyri, atacante marroquino destaque no Mundial. O VT utilizou a postagem da FIFA no *Twitter* com a legenda “*Skywalker*” acompanhada de quatro fotos do gol que o atacante fez classificando a seleção para às

⁹³ Entrevista concedida ao autor. Rio de Janeiro. 13 de outubro de 2023.

semifinais da Copa do Mundo, resultado inédito para os marroquinos. Para ilustrar, além do *print*, a edição também usou o artifício do recorte para dar ênfase à postagem acompanhado da legenda literal do que seria a palavra em inglês: “aquele que anda no céu” para ressaltar a altura que En-Nesyri chegou para cabecear. Conforme o jogador não é um dos grandes destaques do futebol mundial – e obedecendo a ideia de que o público do programa não se trata apenas de fanáticos pelo esporte – foi feita uma escolha de também usar a arte como perfil, atribuindo a foto do atacante para reconhecimento, além da bandeira de Marrocos ao fundo e o nome em destaque no centro, como pode se observar abaixo.

Figura 12: Uso das redes sociais dentro de uma matéria (à esquerda) e, em seguida, outro exemplo de como a arte contribuindo para a história (à direita)



Fonte: Globoplay⁹⁴

Dentro da mesma matéria, pode se notar que o jogador ganha destaque também pela trajetória e fator história. Ele foi o primeiro jogador marroquino a marcar gols em diferentes Mundiais, o que é ressaltado no texto em *off* do repórter Eric Faria. Porém, o gancho pela altura chama atenção para o recorde que o atacante chega, algo aproximadamente em torno de 2,75m para cabecear a bola. Com isso, ultrapassou o recorde de Cristiano Ronaldo, português rival neste mesmo jogo nas quartas de final e acabou sendo eliminado justamente pelo gol de En-Nesyri. O astro português tinha alcançado 2,57m em um lance no campeonato italiano. Para ilustrar toda a história foi utilizado o recurso da arte para comparar a impulsão dos atletas, acompanhado dos colchetes sinalizando a altura alcançada. Detalhe que este recurso também quebra outra barreira que é dos direitos televisivos, uma vez que a Globo não é detentora do campeonato italiano, logo, não poderia exibir o vídeo do gol de Cristiano.

⁹⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11200170/>. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

Figura 13: Exemplo de como a arte é utilizada no Globo Esporte de 2022



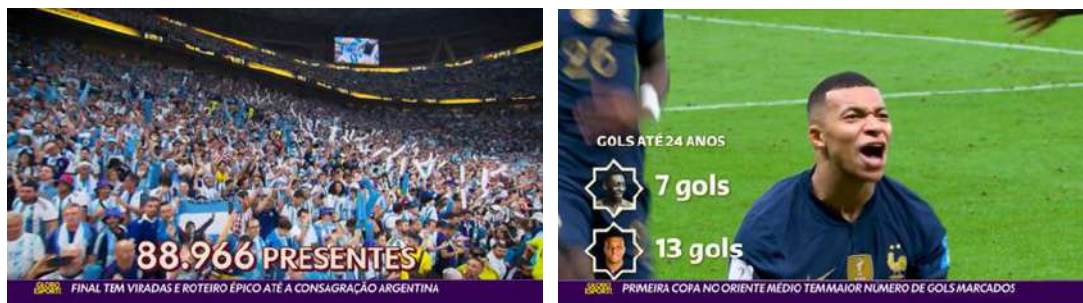
Fonte: Globoplay⁹⁵

Outro tópico importante de análise é o uso da tarja: ““*Skywalker*”: En-Nesyri faz história pela Seleção do Marrocos”. Ao longo da matéria, uma informação fixa sempre complementa ou resume o que está sendo abordado na matéria. No caso específico de artes criadas para ajudar a contextualizar a história, esta tarja deixa o espaço para não contrapor ou prejudicar a visão do telespectador. Inclusive, a edição de 2022 conta com tarja em todas as matérias, sem exceção, algo que não acontece na edição do penta. Em resumo, este exemplo de matéria mostra como a arte ajuda a contar uma história.

Depois de um entendimento quase completo dos mecanismos, vale destacar duas ferramentas restantes fundamentais na dinâmica do programa, como o uso do *lettering* para ajudar a contar a história. O primeiro exemplo é visto justamente na matéria sobre a final entre Argentina e França, quando, ao citar o público presente no estádio, aparece na tela a quantidade exata falada no *off* por Eric Faria. Outro caso segue o mesmo parâmetro de evidenciar o que está sendo falado. Para enaltecer os recordes quebrados por Mbappé, a arte agrega com informações objetivas, acrescidas de mini retratos para ajudar o telespectador na assimilação da informação.

⁹⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11200170/>. Acesso em: 07 de novembro de 2023.

Figura 14: Exemplo do uso do *lettering* e da arte dentro de uma matéria



Fonte: Globoplay⁹⁶

A mesma ferramenta da arte e edição é vista, quando Ciribelli apresenta o quadro ‘Obra prima’, que seleciona uma imagem marcante do esporte, no fim do primeiro bloco de 2002. É um meio de ajudar a contar a história de forma mais atrativa. Na ocasião, o programa brinca como qual seria a obra prima da decisão e utiliza o formato de moldura para retratar, como fosse literalmente um quadro, uma obra de arte.

Figura 15: Utilização de arte para contar a história de uma matéria



Fonte: Youtube⁹⁷

5.7. Abordagem sobre os demais jogos e eventos

Conforme explicitado na contextualização histórica, o Globo Esporte surge para dar sequência ao Copa Brasil, em 1978, que foi o primeiro telejornal da emissora a fazer a cobertura única e exclusivamente de uma competição de futebol do mesmo nome. Porém, o GE surge com a nova proposta de ampliar a abordagem e tratar de diversos esportes, o que é evidente na

⁹⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

⁹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

cobertura diária.

É bem verdade que há um predomínio de notícias acerca do futebol, mas isto acontece pelo critério de noticiabilidade de relevância dentro do país. Em uma palestra em 2011, Tiago Leifert, histórico apresentador do programa em São Paulo, brincou com parte do público que critica o peso majoritário do futebol dentro do programa. No início, ele ironiza “Devia chamar Globo Futebol porque vocês só falam de futebol”, mas, na sequência, explica o motivo: “(A TV aberta é) ditadura da maioria. Não é justo tirar tempo de um time que tem 33 milhões de torcedores para falar de *water-polo*. Não dá, não posso fazer isso”⁹⁸.

Durante as edições tradicionais do programa, Areosa elucida que o programa aborda todos os quatro times grandes do Rio de Janeiro: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, seja com VT ou até mesmo com um vivo de um minuto. Entretanto, durante a Copa do Mundo, o assunto é 100% a competição. É o que acontece na edição de 2022. A exceção pode ser feita caso algum clube no Brasil tenha uma grande contratação, mas não é a regra. A mesma maneira acontece quando se está no período de Olimpíadas (AREOSA, 2023).

Porém, voltando na edição de sul-coreana e japonesa, foram repercutidas duas modalidades, além do futebol. A primeira foi o tênis, em uma nota pelada⁹⁹ de 20 segundos, noticiando a vitória do brasileiro André Sá sobre o espanhol Feliciano López, que o garantiu nas quartas de final de Wimbledon. Com a mesma duração, só que coberta por imagens, o segundo tópico foi a Fórmula Kart. No mesmo domingo da final da Copa, o brasileiro Cristiano da Matta venceu o GP de Chicago. Bruno Junqueira também é citado por ser o segundo lugar no campeonato naquela altura. Além dos dois, Tony Kanaan e Christian Fittipaldi eram outros dois postulantes brasileiros na modalidade, o que evidencia o peso do país na competição, que era uma das opções de acesso à Fórmula 1.

As duas notícias aconteceram em modalidades que estavam em alta em 2002. Enquanto na Fórmula 1 o Brasil tinha uma quantidade expressiva de pilotos, com destaque para Rubens Barrichelo, que viria a ser vice-campeão mundial pela Ferrari, no tênis, Gustavo Kuerten era um dos principais expoentes. Guga era então tricampeão de Roland Garros, um dos quatro principais torneios da modalidade. Estes temas a serem tratados não acontecem por acaso, pelo contrário, é algo planejado, como explica Mello: “Primordialmente aqui na Globo é certamente, as competições a que tem direito são mais exibidas do que competições que ela não tem. E dois, se tem um brasileiro brigando, que é o que desperta interesse do público” (MELLO, 2023).

⁹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TWoDhPAkI5s> Acesso em: 03 de novembro de 2023.

⁹⁹ Nota pelada é uma notícia lida pelo apresentador com ele aparecendo em tela, ou seja, sem qualquer imagem de ilustração.

Já em 2022, apesar da edição analisada contar apenas com a cobertura do título argentino, o programa que foi ao ar durante a Copa, só que no dia 14 de dezembro, teve uma nota de 22 segundos contando o tetracampeonato mundial de Nicholas Santos dos 50m borboleta em piscina curta aos 42 anos. Neste mesmo dia, também foram exibidas matérias repercutindo a vitória da Argentina por 3 a 0 diante da Croácia, que garantiu a vaga na decisão, e fez o aquecimento para a partida entre França e Marrocos pela semifinal que aconteceria mais tarde, às 16h.

Quadro 9: texto da nota coberta “Com recorde, Nicholas Santos é tetracampeão mundial dos 50m borboleta”

Tiago: Pausa em Copa do Mundo e olha que baita notícia para a natação do Brasil. Nicholas Santos conquistou (corta para imagens da prova) o tetracampeonato mundial dos cinquenta metros borboleta em piscina curta. Aos quarenta e dois anos, Nicholas venceu a prova hoje pela manhã, em Melbourne, na Austrália. (imagem dele no pódio) É o atleta mais velho a subir no pódio no mundial de natação. Que orgulho, Nicholas

Fonte: Globoplay¹⁰⁰

Vale destacar também dentro deste tópico que a edição nacional de 2002 também trouxe um exemplo de notícia relacionada ao futebol, porém que hoje em dia não é tão comum de acontecer. Na mesma edição que cobriu o título, foi abordado o resultado do campeonato amapaense e pernambucano. A abordagem foi através de uma nota pelada, sendo peso diferente de um VT, mas teve o seu devido espaço de 20 segundos dentro do programa, algo que não é comum com o desenvolvimento do GE, uma vez que caminha para uma linha cada vez mais regional e com notícias nichadas, como já abordado anteriormente.

Quadro 10: Texto da nota pelada sobre o título do campeonato amapaense e pernambucano de 2002

Mylena Ciribelli: E não é só no Japão que sai pentacampeão. No Amapá, o Ypiranga conquistou pela quinta vez o título estadual com uma goleada no Independente: 5 a 2. E saiu campeão no Recife também. O Náutico perdeu por 2 a 1 para o Santa Cruz, mas levou o caneco: bicampeão.

Fonte: Youtube¹⁰¹

¹⁰⁰ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11203523/?s=0s>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0QfOCWk1Mf0>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

5.7. Encerramento

O encerramento do programa é um dos tópicos que permanecem com algumas semelhanças. O acordo “não dito” com o telespectador, como explica Jacomo, é uma boa explicação para essa manutenção mesmo com o passar do tempo. Em 2002, o encerramento foi justamente com a matéria sobre o jogo do Brasil, ou seja, com a grande final do programa. Como foi citado acima, ela encerra com um sobe som da música “Deixa A Vida Me Levar”, de Zeca Pagodinho, um dos ritmos que embalou aquela conquista, coberta com imagens da campanha brasileira. No fim, o “Boa tarde” não é falado pela dupla de apresentação, mas é colocado em tela transparecendo dois fatores analisados ao longo deste trabalho: o uso do *lettering* como ferramenta para ajudar na matéria e o caráter leve e da simpatia com o telespectador.

Figura 16: Encerramento da edição de 2002



Fonte: Youtube¹⁰²

Já em 2022, após o VT fechado trazendo números curiosos de recorde de gols marcados no primeiro Mundial realizado no Oriente Médio, o último contato do telespectador foi com Tiago Medeiros. O texto de despedida, como pode ser visto abaixo, mostra mais uma vez a linguagem do dia a dia, de conversa com o público, com expressões que marcam a oralidade. Também percebe-se o bom humor ao fazer o trocadilho de que, mesmo tendo acabado no dia anterior, a Copa do Mundo já traz saudades, mas que a próxima começa em 1.266 dias.

¹⁰² Idem.

Quadro 11: Texto de encerramento da edição de 2022

Tiago Medeiros: (sobe trilha de encerramento) É, mal terminou e a gente tá como? Já estamos com saudades. Mas, ó, faltam mil duzentos e sessenta e seis dias para a Copa dos Estados Unidos, Canadá e México. Vai por mim (estala os dedos) passa assim. Até lá, para a seleção, tem Eliminatórias, Copa América, Olimpíadas e tem também teu time te *aperrando* por esse Brasilão afora. Cheio. Valeu pela moral. Globo Esporte *já já* vai estar no Globoplay. Amanhã tamo junto. *Vamo* ali almoçar.

Fonte: Globoplay¹⁰³

Além de todos os aspectos comentados, Tiago finaliza com o caráter multimídia que as grandes empresas de comunicação adquiriram com o tempo. Isso porque ele cita que, em questão de minutos, a edição que foi ao ar na televisão, estará disponível no Globoplay, plataforma de *streaming* da emissora. A tentativa de sugestão do consumidor poder rever o programa e acessar o conteúdo pela internet é um tema que cabe desdobramentos na análise dentro da cobertura esportiva no Brasil.

¹⁰³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/globo-esporte-rj/t/7L8FQZxGDQ/data/19-12-2022/>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

6. Conclusão

A análise comparativa do Globo Esporte, proposta por este trabalho, possibilitou mostrar alguns pontos em como a cobertura esportiva na TV Globo se desenvolveu ao longo dos últimos vinte anos. Com base em entrevistas realizadas com integrantes do programa, o trabalho não se restringiu em mostrar somente as mudanças, mas trazer quais tópicos permaneceram neste intervalo e quais fazem parte da essência do programa.

Em resumo, ao longo dos 45 anos no ar, o Globo Esporte pode ser definido como um programa diário esportivo, que tem o futebol como tema principal, porém não se restringindo apenas a ele, como pôde ser visto na análise detalhada do espelho de cada edição. O GE utiliza uma “pegada leve” e descontraída para contar a história de jogos e de competições a partir de uma nova perspectiva diante das consequências da rapidez que a internet trouxe para o jornalismo. Antes, o programa assumia uma simbologia de ser – se não a principal –, uma das fontes primárias de exibição dos gols e lances da partida. A internet catapultou e potencializou o imediatismo do jornalismo, nesse caso, seja ele esportivo ou não. Se uma pessoa ligada ou não ao esporte quiser saber sobre o resultado de determinado jogo, ela fatalmente acessa em questão de segundos no ambiente digital. Como efeito, o Globo Esporte reforçou e aprofundou matérias com abordagens cada vez mais atraentes, fugindo do tradicional de noticiar simplesmente o resultado. Em outras palavras, identificou-se uma abordagem próxima do entretenimento para atrair um público cada vez mais diverso por uma perspectiva não necessariamente somente esportiva.

Nesta sequência, o trabalho também discutiu a forma que a linha editorial de contar histórias por uma nova abordagem também deriva do fato do programa ser exibido na Globo. Não basta apenas informar para atrair um público diverso, algo que é característico da televisão aberta. Foi possível perceber esta mudança através da transcrição das reportagens e a análise das perspectivas das matérias, como o Globo Esporte, mesmo já tendo em sua essência, se aprofundou ainda mais nas últimas duas décadas em ser uma mistura de informação com entretenimento. Como detalhado nos capítulos, as duas finais foram contadas por diferentes ângulos, seja com o olhar, as boas imagens e a trajetória do zagueiro Edmílson no pentacampeonato brasileiro, seja narrando a vitória argentina sob o efeito da conquista de Messi dentro do futebol mundial.

Para ter esse ponto de vista diferente, o programa utilizou-se de novos recursos que foram ganhando espaço, principalmente, em conta dos ganhos tecnológicos como a quantidade de participações ao vivo com repórteres e o aumento na quantidade de câmeras dos eventos, o

que amplia a quantidade de ângulos a serem explorados nas matérias. Outros exemplos marcantes que chamaram a atenção foi o crescimento do uso de sobes sons e trilhas nos VTs, estratégias que ajudam a trazer sentimentos para o telespectador como foi visto na decupagem das matérias que relataram os jogos.

Além disso, conforme debatido ao longo dos capítulos, o Globo Esporte continua trazendo todas as emoções do que acontece no mundo do esporte no Brasil e no mundo. Contudo, como foi visto, houve um crescimento nas edições regionalizadas, seguindo os caminhos do jornalismo geral, que tende a ser mais local. O torcedor quer saber cada vez mais o que acontece na esquina dele e não necessariamente do momento do time de outro estado, como era comum há vinte anos. Com isso, como consequência, adotou uma linguagem mais próxima à utilizada pelo torcedor, se aproximando cada vez mais.

Ao longo do trabalho, pôde-se perceber também como a cobertura esportiva está intrinsecamente condicionada a inúmeros fatores variáveis e específicos. O local em que foi realizado o evento – neste caso, a Copa do Mundo – interfere diretamente na repercussão, seja através do fuso horário, cultura local ou na época do ano em que foi realizado. No caso do Catar, em 2022, foi visto como o horário das partidas fez com que a grade da Globo fosse alterada e, inclusive, modificasse a exibição tradicional do programa.

Como este trabalho se propôs a mostrar, o Globo Esporte é um dos principais exemplos de como a televisão está relacionada no sentimento de torcer do povo brasileiro. Entretanto, com a consolidação e o desenvolvimento da internet ao longo dos últimos vinte anos, verificou-se uma ruptura no papel do programa. Se em 2002, o GE era uma das fontes primárias das informações esportivas e, principalmente, para o torcedor visualizar como foi o jogo e os gols, em 2022, com a internet, ele consegue ver em questão de segundos. Neste caminho, a agilidade e o imediatismo foram as duas determinantes características que a internet modificou dentro da televisão brasileira. Conforme explicitado ao longo da pesquisa, toda notícia factual migrou para o ambiente virtual. Com isso, programas como o Globo Esporte precisaram se reinventar e buscar pautas e ângulos cada vez mais criativos na hora de contar a história das partidas.

No que tange às semelhanças, sobre a duração, por exemplo, apesar de haver uma redução do tempo de programa com o decorrer dos anos, notou-se a manutenção da ideia de que a matéria que conta a história do jogo, no caso, da final da Copa do Mundo, é a principal. Pode-se afirmar a relevância através da análise do espelho do programa, uma vez que é a maior matéria em questão de tempo de cada uma das edições. A abertura também tem seus traços parecidos com o início desde os primeiros segundos, antes mesmo do contato com o conteúdo diário, uma vez que a vinheta identifica o Globo Esporte desde a sua criação, em 1978. A trilha

sonora e a animação com vários esportes já demonstram a característica de ser um programa esportivo e não somente futebolístico. Entretanto, há uma diferenciação na abertura, quando a edição deixa de ter necessariamente uma escalada divulgando as matérias que estarão presentes no programa, como era costume em 2002.

A linguagem é definitivamente um dos pontos analisados mais a fundo neste trabalho, seja através dos apresentadores, dos repórteres e até mesmo pela reportagem sobre o jogo. Conforme enfatizado, a abordagem segue adotando uma linha leve e dinâmica, mesmo com o intervalo de tempo analisado. Com a transcrição dos diálogos do programa, evidenciou-se uma linguagem cada vez mais próxima do torcedor e em tom de conversa, seja com quem esteja no estúdio, seja com o repórter ou telespectador. Esse tom de diálogo ganhou marcas de oralidade, que aproximam ainda mais quem está do outro lado e corrobora com a visão de um jornalismo cada vez mais local. Neste caso, deixando o Globo Esporte cada vez mais regionalizado e com um apresentador ligado com a cultura local como Alex Escobar e Tiago Medeiros, amplamente apresentados e citados. Apesar disso, como foi ressaltado, o programa nunca deixou de lado a raiz jornalística e o compromisso com a informação. A frase “abordagem com bom humor é diferente de piada” resume bem um dos pontos centrais da análise.

Por fim, este trabalho cumpriu com os seus objetivos, porém, longe de esgotar os estudos sobre o tema. Pelo contrário, espera-se que siga como ponto de partida para novas discussões dentro da cobertura esportiva. A primeira delas é o nível em que um grande evento esportivo pode mobilizar em diferentes camadas da sociedade, que possuem hábitos distintos, mas que se unificam em prol do futebol. Inclusive, podendo ser este um objeto de uma eventual tese de pós-graduação abordar como se dá a formação da identidade nacional por intermédio dos meios de comunicação de massa e até mesmo uma interação mediada entre comunicador e receptor.

Outra possibilidade de estudo que este trabalho levanta são as novas formas de torcer – e especificamente do brasileiro – que surgiram ao longo das últimas décadas. Em qual momento o ato de pintar as ruas deixou de ser um costume tão popular no país? Algumas causas são levantadas como a violência urbana, novas formas de consumo midiático e até mesmo novos perfis e práticas de torcer. Este apoio popular deixou de existir e migrou para o ambiente digital? Seria o engajamento nas redes sociais um dos novos parâmetros da paixão do torcedor? Seriam as lanternas dos celulares dentro dos estádios uma adaptação de pintar as ruas? Em suma, muitas ocasiões que podem explicar, de certa forma, o que levou ao enfraquecimento desta prática social e que cabe um estudo exclusivo a posterior.

Por fim, a questão da interatividade dentro da televisão brasileira é um dos temas que permeou todo o trabalho. Até pelo fato de não existir uma “fórmula mágica” de como realizá-

la na televisão, conforme pontuada em todas as entrevistas realizadas, a interação com o telespectador é algo buscado constantemente, porém de diferentes formas. O Globo Esporte utiliza muito da figura do apresentador e da linguagem utilizada para se aproximar do torcedor. Contudo, ainda se restringe a uma interação assistida, uma vez que o telespectador não participa diretamente. Seria esta uma forma comum em outros programas no país e no mundo? Como a televisão deve se conectar com as redes sociais? Aliás, será que ela deve exercer este papel? São alguns dos questionamentos que este trabalho levanta.

7. Referências bibliográficas

AFFONSO, Lucas Torres de Oliveira. **Globo Esporte: do telejornal ao programa de TV**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

AFFONSO, Lucas Torres de Oliveira; REFKALEFSKY, Eduardo. Linguagem e Mídia: o Caso do Globo Esporte. *In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*, 2012, Ouro Preto. **Linguagem e Mídia: o Caso do Globo Esporte**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. p.1-15. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/r33-1550-1.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

ANNAN, Kofi. Como invejamos a Copa do Mundo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 09 de jun. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0906200608.htm> Acesso em: 11 de julho de 2023.

AREOSA, Caio. **Entrevista com Caio Areosa**. Entrevistador: Vinícius Rodeio Cordeiro. Rio de Janeiro, 28 set. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.

ARBEX, Jr. José; **Showrnlismo – A notícia como espetáculo**, 2º ed, mar, 2002, pg.61.

BECHARA, Marcelo. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. São Paulo: Appris Editora, 2016.

BECKER, Beatriz. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **MATRIZES**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 231-250, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38335>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

BRAZINSKY, Gregg. How Japan’s failure to atone for past sins threatens the global economy. **The Washigton Post**. Washington, 11 ago. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2019/08/11/how-japans-failure-atone-past-sins-threatens-global-economy/>. Acesso em: 28 de outubro de 2023.

CAMARGO, Vera Regina Toledo; GONÇALVES, Michelli Cristina de Andrade; A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura. *In: NP 18- Comunicação e Esporte*, no V Encontro de Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2005, Rio de Janeiro. **A memória da imprensa esportiva no Brasil: a história (re) contada através da literatura**. XXVIII - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, p.253-258. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf>. Acesso em: 19 setembro 2023.

CAVALCANTI, Larissa Gabriella Rodrigues Roque; LIMA, Nataly de Queiroz. O Showrnlismo na Televisão Brasileira: Uma análise dos telejornais “Repórter Brasil” e “Jornal Nacional” no Caso Suzano. *In: 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2019, Pará. **O Showrnlismo na Televisão Brasileira: Uma análise dos telejornais “Repórter Brasil” e “Jornal Nacional” no Caso Suzano**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019, p. 1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1194-1.pdf>. Acesso em:

25 de outubro de 2023.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COPA do Mundo da Coreia e Japão – 2002. **Memória Globo**, 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-da-coreia-e-japao/noticia/copa-do-mundo-da-coreia-e-japao.ghtml>. Acesso em: 09 de outubro de 2023.

COPA do Mundo de 2002. **Memória Globo**, 12 jan. 2022. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/reportagens-e-entrevistas/noticia/copa-do-mundo-de-2002.ghtml>. Acesso em: 09 de outubro de 2023.

COPA do Mundo do México – 1970. **Memória Globo**, 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/copa-do-mundo-do-mexico-1970/noticia/copa-do-mundo-do-mexico-1970.ghtml>. Acesso em: 11 de julho de 2023.

JACOMO, Ricardo. **Entrevista com Ricardo Jacomo**. Entrevistador: Vinícius Rodeio Cordeiro. Rio de Janeiro, 13 out. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

KEHL, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. *In*: SIMÕES, Inimá F. ...[et al.]. **Um país no ar – História da TV brasileira em três canais**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 254-255.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. Tradução: Rosemary Duarte. *In*: Líbero. Revista Acadêmica de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano VI, vol.6, nº11, p.4-15, 2004. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/35932881-a-cultura-da-midia-e-o-triunfo-do-espetaculo.pdf>. Acesso em: 01 de dezembro de 2023.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEDEIROS, Tiago. **Entrevista com Tiago Medeiros**. Entrevistador: Vinícius Rodeio Cordeiro. Rio de Janeiro, 15 set. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

MELLO, Luciano. **Entrevista com Luciano Mello**. Entrevistador: Vinícius Rodeio Cordeiro. Rio de Janeiro, 29 set. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

PÉREZ, Giba. **Entrevista com Giba Pérez**. Entrevistador: Vinícius Rodeio Cordeiro. Rio de Janeiro, 27 set. 2023. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.

QUADROS e Colunas. **Memória Globo**. 28 out. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/globo-esporte/noticia/colunas-e-quadros.ghtml>. Acesso em: 15 de outubro de 2023.

SCORES & Fixtures. **Fifa**. Disponível em: <https://www.fifa.com/fifaplus/en/tournaments/mens/worldcup/qatar2022/scores-fixtures?country=BR&wtw-filter=ALL>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. **Cobertura esportiva na televisão: Jornalismo ou entretenimento?** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TOLEDO, Renata Granchi Steidel de. **O discurso da interatividade na televisão brasileira**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004.

WEBDOC esporte - Copa do México (1970). **Memória Globo**. 1 jun. 1970. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/luiz-fernando-lima/playlist/exclusivo-eventos-esportivos-de-luiz-fernando-lima.ghtml>. Acesso em: 03 de setembro de 2023.

2002 FIFA World Cup Korea/Japan. **Fifa**. Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/mens/worldcup/2002korea-japan>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

8. Apêndices

APÊNDICE A - Entrevista com Tiago Medeiros

Apresentador das edições do Globo Esporte durante a Copa do Mundo de 2022, além de apresentar diariamente o Globo Esporte Pernambuco desde o fim de 2018 e algumas edições do Esporte Espetacular, programa esportivo dominical da Globo.

Vinícius Rodeio: Para você, o que significa o Globo Esporte?

Tiago Medeiros: O Globo Esporte foi o telejornal que me vocacionou. Eu sou de uma geração, quando você faz um recorte no tempo, nem é de tanto tempo, mas quando você joga, por exemplo, 20 anos atrás, o mundo era outro. A internet não era tão acessível. E quando você empurra um pouquinho ainda mais para trás, que quando eu era estudante, quando estava decidindo para que faculdade ia prestar vestibular, a minha paixão pelo futebol foi muito aflorada e potencializada pelo Globo Esporte, que era a janela que eu tinha de acesso aos conteúdos do futebol. Hoje, com a internet, meu filho de 12 anos acompanha tudo pelo celular. Os jogos que ele não assiste, em questão de segundos, não é nem de minutos, ele consegue ver os gols no celular. Sempre tem alguém que está *printando* uma tela, gravando alguma coisa que vai estar lá. Vai ter alguém que vai estar lá filmando a batida de pênalti, vai botar num Twitter ou botar em alguma rede social e você vai assistir. Você vai saber como é que aconteceu. Não vai estar numa qualidade tão boa, mas você vai ver. O fato vai estar ali. Na minha época, não. Eu tinha que voltar do meu colégio literalmente correndo para poder assistir o bloquinho local do Globo Esporte, porque na minha época e até pouco tempo, o Globo Esporte Pernambuco “se emancipou” em 2011. Foi quando a gente começou a ter um Globo Esporte só de Pernambuco. E veja, nós estamos falando de um estado de uma cidade Recife que tem três grandes clubes, três torcidas que são fiéis aos seus clubes: Santa Cruz, Sport e Náutico. Mas isso é um fenômeno, uma realidade recente. Não é algo que faz tanto tempo. E, quando era mais jovem, tinha que ver o bloquinho do GE Pernambuco, que ele tinha oito minutos só e depois entregava para o Globo Esporte rede e tudo estava ali no GE. Se eu quisesse ver notícias sobre contratação era no Globo Esporte. Se eu quisesse ver os gols era no Globo Esporte. Se eu quisesse ver preparação para o jogo era no Globo Esporte. Não existia internet, nada. Então, como espectador, comecei a me tornar um apaixonado pelo futebol e aquilo provocou uma vocação profissional para mim. Para mim é o céu. É o limite, é o teto. Estar em um telejornal que foi muito importante na minha vida. Hoje eu sou apresentador do Globo Esporte, mas se amanhã ou depois a minha vida profissional tomar outro curso dentro da empresa, seguirei espectador do Globo Esporte. É um programa que faz parte da minha vida.

VR: Você é um apresentador que criou uma linguagem muito diferente. Criou uma linguagem mais descontraída, informal. Você criou o “Minha Joia” e o “Toma 5”. Teve um programa que você apareceu em uma bicicleta depois do gol do Diego Souza, além de paródias. Como é que você vê essa edição atualmente, que foi uma coisa que você também levou também para as edições nacionais da Copa do Mundo?

TM: Por ser espectador desse programa, eu tenho um lugar de fala. Consumo o Globo Esporte não é de hoje. Então me coloco muito na posição de espectador. A hora do Globo Esporte, eu acho que, invariavelmente, seja qual for a situação, está todo mundo meio que buscando a mesma coisa, seja o adolescente que está, que era meu caso lá atrás voltando do colégio, seja alguém que está num trabalhando na empresa, no intervalo da empresa, seja alguém que esteja simplesmente almoçando. Mas ele é um momento que a gente tira o fiozinho da tomada e dá uma relaxada. A gente dá uma desligada da realidade, seja dos problemas, enfim, das nossas obrigações. Eu acho que o esporte ali, o Globo Esporte, o esporte consegue fazer a simbiose ali do entretenimento com a informação. E o GE se aplica muito bem ali dentro daquele horário. A gente consegue trazer isso no Globo Esporte. Agora, claro, é no mundo de hoje. Talvez o que a gente faça hoje, o que eu faço no Globo Esporte era completamente incompatível com o Globo Esporte nos anos 2000. Uma semente foi plantada lá atrás com Tadeu (Schmidt), posteriormente com o Tiago (Leifert). Mas a forma de se comunicar era diferente. Apesar do Globo Esporte ter uma linguagem mais solta, você remete a Fernando Vanucci, o próprio Léo Batista, que, vez por outra, botava algumas figuras de linguagem, mas ainda sentia um padrão. Você viu, você falou, o cara apresentava de paletó, de *blazer*, era mais formal, travessão, aquela coisa de bancada. Então assim, eu costumo dizer que a Globo aceita minhas qualidades e os meus defeitos. Então eu me comporto muito como a comunicação que acredito que seja pertinente para aquele horário. Eu acredito, mas sempre observando os *feedbacks* do que faço porque existe a minha crença, mas a minha crença é completamente diferente do que o espectador que é meu patrão, que é o nosso patrão, o que ele quer. Então, aposto muito no que eu faço. Banco muito o que faço, claro, com a participação da minha equipe, que é um trabalho de várias mãos envolvidas. Mas sempre observando como o espectador está recebendo aquilo e, graças a Deus, a gente tem tido um *feedback* muito positivo. Mas assim, o que é hoje. Hoje essa linguagem é aceita. Essa linguagem mais leve, mais ali resvalando no entretenimento e falando pessoalmente me sinto muito à vontade. Talvez seja a única forma que eu saiba me comunicar que é algo que está muito próximo de quem eu sou realmente fora do expediente.

VR: E nessas edições que você fez também na Copa do Mundo de 2022, obviamente, o

Globo Esporte não foi um programa diário, conforme ele costuma ser. Você também está no Esporte Espetacular aos domingos, que também é um programa de rede. Muda alguma coisa em questão de como falar, de como se posicionar, de vestimenta? Existe alguma questão diferente?

TM : Não, assim do meu perfil profissional, eu tenho total liberdade. Eu sequer fui orientado a dizer “faz do teu jeito”. Não, quando eu comecei aqui a apresentar os programas, eu sequer tive essa orientação. A Globo me trouxe porque já me conhecia e ela esperava que eu replicasse o que eu faço em Pernambuco. Obviamente que eu falo que a minha comunicação lá, não vou dizer que ela é nichada, mas ela é segmentada para um público específico, que é o público pernambucano. Nós, brasileiros, temos nossas características de consumo, nossa cultura de consumo, até mesmo para consumir conteúdo audiovisual. Eu posso te falar com segurança que o espectador pernambucano tem uma relação com os nossos conteúdos, com o Globo Esporte Pernambuco diferente, por exemplo, daqui do Rio de Janeiro. Isso é normal. Isso é bastante natural, assim como acontece a mesma em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul. Lógico, trouxe o meu jeito, a minha forma de me comunicar, mas me adaptando algumas coisas. Algumas expressões, inclusive, que eu uso lá, que são de fácil compreensão do meu público, porque elas fazem parte do idioma do pernambucanos, eu não as repito aqui. Porque elas careciam de uma contextualização. Então eu procuro sempre usar algum tipo de expressão que todo mundo entenda. Quando eu percebo que eu falei algo que não foi de compreensão absoluta, eu procuro posteriormente evitar. E o bom do Globo Esporte por ser um programa diário é que ele te dá a condição de tipo: “Errei aqui, mas amanhã eu já posso fazer diferente.” Teve até um caso em 2022. Eu aqui no Rio de Janeiro, eu chamo os clubes lá em Pernambuco pelo diminutivo, mas assim chamo com carinho. E aqui eu chamei o Botafogo de Botinha, porque eu tenho um grandíssimo amigo meu botafoguense que trabalha comigo lá em Pernambuco, trabalhou aqui na Globo muito tempo, na Globo Rio. E ele chama o Botafogo de Botinha. Eu disse: “Pô, se ele chama de Botinha porque gosta de ser chamado de Botinha”. Eu chamei uma edição do Globo Esporte e a torcida do Botafogo ficou muito ofendida. Quando o *hate* assim vem de uma ou duas pessoas, acho que você nem leva ele tão a sério, quando é algo mais expandido, como foi o caso, eu fiquei “Epa”. Realmente incomodou. Então, eu procurei entender, ouvi algumas pessoas, perfis do Botafogo. Entendi a razão daquilo, muito com relação ao Flamengo e pedi desculpas. Disse que não era a minha intenção. Contextualizei que era um tipo de comunicação que faço em Pernambuco. No dia seguinte a gente transformou aquilo até em um produto dentro do Globo Esporte. Eu liguei para alguns torcedores do Botafogo pedindo desculpa e o pedido de desculpa meio que explicando e ouvindo eles. Então a gente meio que fez um SAC, que é

um quadro até que a gente tem lá no Globo Esporte Pernambuco que lá a gente chama o quadro de “Solta a mágoa”, que eu fico ligando para essa galera que fica cornetando a gente. Você tem que respeitar muito a cultura do público que você está falando e, quando você está num programa nacional, que é absurdamente amplificado, você traz as suas características enquanto comunicador, mas entendendo que você não está falando para um público específico, mas sim, para o Brasil todo e o nosso país é muito plural.

VR: Sobre a internet, você acha que, até por ser um programa diário, a internet afetou o Globo Esporte? Até que ponto uma notícia que saiu na internet influencia ou vira pauta dentro do programa como um todo?

TM: Eu acho que influenciou positivamente. Muito raramente a gente traz uma notícia fresca no Globo Esporte. Só se houver uma coincidência de um acontecimento muito próximo ali da hora. A gente infelizmente acaba requentando aquilo. Então, a internet nos obriga a sair do lugar comum. É de estar sempre produzindo, atualizando aquilo. Por exemplo, você pega um jogo que aconteceu no sábado à noite. Vamos falar hipoteticamente que o São Paulo goleia o Corinthians por 4 a 1 no sábado à noite. O VT desse jogo vai ter que estar presente no Globo Esporte de segunda-feira. Mas como é que você vai contar aquilo quase 48 horas depois? O jogo vai estar ali, mas você vai escolher um personagem para ser o fio condutor do teu VT. Na véspera de um Globo Esporte, um jogador sofre uma lesão, rompe o ligamento do joelho e vai ficar o restante da temporada fora. A notícia vai estar lá, em questão de minutos, publicada no site do site. Então, como é que você vai contar aquilo no dia seguinte? Você vai dizer que fulano rompeu o ligamento, perdeu a temporada, mas você vai envelopar isso em um VT. “Isso tem sido normal aqui no clube. Essa é a décima lesão de joelho nos últimos 5 anos” ou “é a primeira vez que isso acontece depois de 5 anos” ou “isso aconteceu por conta do gramado”. A presença da internet despertou a nossa inquietude. A gente tem que estar hoje ainda mais inquieto para poder estar produzindo conteúdo para o Globo Esporte, ou seja, qualquer outra janela de qualquer outro programa. Exatamente por conta da internet, principalmente, os programas mais factualizados, que é o caso do Globo Esporte. O Esporte Espetacular nem tanto. O Esporte Espetacular tem as rodadas no dia anterior, mas você vê que são VTs mais produzidos, contando mais histórias. Mas assim eu discordo de quem diz que a internet vai acabar com a televisão, de maneira nenhuma. A TV tem um lugar dela que vai ser dela para sempre. Eu faço muitos produtos populares lá no Globo Esporte Pernambuco. Um, inclusive, nasceu na mesma semana que o Cafezinho (do Escobar). Nós temos lá o Caldinho, que é um elemento da nossa cultura, então, eu estou dentro de comunidade desde 2015. São nove temporadas. Entro nas

comunidades lá e vejo sempre as TVs ligadas, então a televisão faz parte da vida brasileira e continuará fazendo.

VR: Igual ao rádio...

TM : Exato, igual rádio, que não perde a sua força. Eu adoro rádio. Escuto rádio. Amo podcast também, mas escuto rádio. Quando saio para trabalhar de manhã, sintonizo na rádio da minha preferência, vou ouvindo no meu trajeto. E que bom que hoje a gente tem várias, tantas outras janelas para absorver conteúdo, o que também assim tem o seu lado perigoso, porque ele também fica ofertando *fake news* e “não conteúdos”. Mas é bom que hoje você tem tantas alternativas. Eu brinco muito com meu filho e digo: “Hoje é muito fácil, Gabriel, tua vida é muito fácil assim”. Eu, muitas vezes, dormi imaginando como foi o gol. Eu ouvia na rádio que foi um golaço, driblou o goleiro, só que ficava “Caramba, como é que foi esse gol?” Eu dormia assim, sem brincadeira, sonhando com um gol assim imaginando porque eu não vi. No outro dia, eu acordava cedo para ver se passava em algum programa. Hoje não. Hoje, se ele não viu ao vivo, porque ele pode estar jogando bola com os amigos embaixo do prédio e deixar o celular ligado no Premiere, ele assiste aos jogos no sportv. Mas mesmo se ele tiver, ele vem em questão de segundos depois.

VR: Você é um apresentador que interage muito com o público. Tem várias histórias que você já interagiu com a sua mãe. Como é isso para você? Porque é uma coisa que na televisão ela não se não tem a resposta da pessoa imediatamente igual você tem na internet. De onde surgiu isso e como você vê essa sua interação com as pessoas?

TM: Falando especificamente, a Globo construiu um lugar dela, que é dela, que é intocável pela qualidade das coisas que a Globo faz. Tudo que a Globo toca assim é com muita qualidade. Tudo que a Globo produz é com muita qualidade. Tem a excelência. Inclusive, criou-se até uma expressão, que é o padrão Globo de qualidade. Mas eu acho também que, ao longo do caminho, infelizmente, isso *gourmetizou* um pouco o que a gente faz. Então, de certa forma, nos distanciou um pouco do público. Hoje, apesar dessa variedade, dessa disponibilidade de telas para consumo, dessas facilidades, sinto que as pessoas têm se sentido mais distantes e elas querem estar presentes. Acho que a gente tem que estar perto do nosso patrão, que é o povo, que é o espectador e acredito muito nisso. E pelo Globo Esporte favorecer esse contato, eu invisto muito para que a gente esteja sempre em cada lugar. Eu sempre brinco lá: “Galera, tem que ser cada vez menos ar-condicionado e cada vez mais sol na cabeça. A gente tem que estar com o povo. A gente tem que estar perto da galera, tem que estar suando. A gente está com o

cabelo despenteado, a blusa abarrotada, com a pizza debaixo do braço. A gente tem que se humanizar”. O meu esforço diário dentro do Globo Esporte é de humanizar o programa. E eu acho que, quando eu falo com uma pessoa, naquele um ali você está falando com todos, porque todos se vêem naquilo. Quando ali, no fim do Globo Esporte, deixo a mão para: “Vinícius aqui, ó, feliz aniversário! Vinícius, aí da Barra da Tijuca está fazendo aniversário hoje, torcedor do Vasco. Está aqui, ó, seu aniversário, toma 5 para ti, minha joia. Esse programa é teu”. Sabe, tem um recado específico para uma pessoa, para o Vinícius, mas todos se veem ali. Eu acredito muito nisso, nessa comunicação mais próxima, de nos humanizar. E quando você se humaniza enquanto o rosto da daquele programa, por consequência, o programa também vai se humanizar e vai se aproximar mais das pessoas. Eu acho que a gente tem que estar cada vez mais perto. Sempre, sempre, cada vez mais perto. É muito legal ter a nossa basezinha, o estúdio, mas a gente tem que estar na rua, a gente tem que estar perto, como eu disse, do nosso patrão, que é o povo.

APÊNDICE B - Entrevista com Giba Pérez

Repórter do ge.globo, que já teve passagens pelas editorias de Olímpicos e Futebol. Já foi apresentador do quadro “Ge em 1 minuto”, além de ter participações em *lives* e podcasts na plataforma digital da emissora.

Vinícius Rodeio: Como é a relação entre notícias feitas pela internet (no caso pelo ge.globo) e a reprodução dela na televisão, em outro meio de comunicação?

Giba Pérez: O formato de digital escrito para o formato do audiovisual tem uma diferença muito grande. Principalmente quando você está pensando em construir alguma coisa da televisão, ou seja, para a televisão ou até para a internet. No audiovisual, você precisa pensar muito nas imagens que você vai ter para construir aquilo, porque isso tem um impacto muito grande. Quando você vai escrever um texto para internet, quando você vai montar um texto escrito, você não precisa trabalhar com essas imagens construídas na sua cabeça. Você tem que estimular a imaginação de quem está lendo. Então, quando você vai escrever qualquer coisa, você tem que ser descritivo, você tem que ser detalhista, você tem que fazer com que a pessoa consiga enxergar tudo que você está querendo dizer. Na TV não. Você tem esse efeito visual. Você pode trabalhar de uma forma diferente, mas principalmente pensando nas imagens que você tem. O jornalista quando vai escrever um texto para a televisão, ele precisa primeiro ver todas as imagens que têm à disposição para, depois, ele escrever. O “ge em 1 minuto” é uma questão um pouco diferente. O “ge em 1 minuto”, que eu fiz parte, tem um aspecto de ser mais um quadro usado para promover as matérias escritas do digital. Basicamente dava um *lidezinho*, com a minha cara no ar. Então não precisava pensar tanto em imagens assim. Normalmente as imagens que eram utilizadas eram vídeos que estavam nas matérias mesmo ou até mesmo as fotos como um carrossel. O objetivo do quadro era jogar a pessoa para o site. Tem essa diferença. Isso é um aspecto que era importante dentro. A gente precisa pensar no que tinha um certo apelo e o que a gente queria fazer que chegasse até as pessoas. Era uma outra plataforma de distribuição: era usar a televisão para fazer com que as pessoas fossem para o site. Era um objetivo claro de jogar pessoas para a matéria. A gente tinha um minuto para chamar normalmente três matérias, no máximo quatro, porque senão você não consegue nem dar o lide. Então, na hora da construção do texto, a gente precisa pensar em como dar as informações, mas também como ativar a curiosidade das pessoas para que elas entrassem no conteúdo. De levar a pessoa que está assistindo a televisão até o site para buscar aquele conteúdo e entender melhor aquilo que eu falei. Então você precisava sempre jogar ali alguma coisa que ativasse a curiosidade, que levasse a pessoa a querer clicar naquele conteúdo. Acho que o “ge em 1

minuto” tinha esse aspecto um pouco diferente do que é um conteúdo audiovisual de televisão específico para o site. Acho que era meio que um meio termo, eu poderia dizer mais ou menos isso.

VR: Este funcionamento modifica muito quando se trata das *lives*? Você é chamado para repercutir as matérias do factual?

GP: A *live* tem um formato um pouco diferente, que a gente entra mais que em um debate. Usamos as imagens muitas vezes quando queremos discutir alguma coisa que debatemos antes. A galera do programa vem até a gente perguntar quais são os assuntos interessantes para separar imagens para ilustrar o que a gente está falando. Quando a gente tem uma coisa muito específica, a gente para, detalha e fala no ar. Mas é meio que um programa de debate na internet. Então é um outro formato, diferente do que é o “ge em 1 minuto”, do que é um VT no ar, por exemplo. Então eu acho que a *live* é isso: é você repercutir os assuntos, debater, destrinchar e, dentro da *live*, ter a participação da galera que está assistindo. A diferença da *live* para o programa de TV é essa: a galera participa em tempo real. Está o tempo todo comentando no chat. Pegamos as perguntas que vão sendo feitas. Traz isso para o debate. O cara se sente parte daquele conteúdo. É um outro formato diferente, mas que também tem alguns aspectos semelhantes com formato de TV, com mesas redondas, mas é bem mais interativo e traz muita a participação do público. O principal diferencial da *live* é esse em relação à TV, ao conteúdo audiovisual do site que você não tem aquela relação mais direta. As pessoas se sentem parte daquela produção de conteúdo, porque elas mandam as perguntas, elas fazem comentários, a gente lê e aquilo puxa um fio para gerar um debate sobre algum outro tema que nem tínhamos pensado inicialmente.

VR: Como você faz essa curadoria do assunto? Como filtra o que achava válido? E se modifica muito a linguagem de como passar a informação?

GP: Em relação a curadoria, normalmente o que eu fazia era o seguinte. Eu chegava cedo e pescava ali o que estava com uma audiência um pouco mais alta no site. Olhava as métricas de audiência para ver o que estava rendendo bem e o que não estava rendendo tão bem. E dava algumas opções. Normalmente a gente fazia o “ge em 1 minuto” com a equipe de eventos. Então, a galera de eventos debatia com a gente e quem decidia o que é que ia ser usado era a galera de eventos. A gente vendia. Quais vocês querem usar? Quais vocês acham mais importante? Qual que vocês querem primeiro? Qual vocês querem por último? Tudo isso era meio debatido. (...) Mas ficava sempre sob alerta disso. Se alguma coisa de última hora, a gente

estava pronto para entrar ao vivo. Normalmente a gente fazia tipo um *fake* vivo. Mas tinha sempre que estar alerta, pronto para entrar ao vivo. Eu acho que o mais difícil da linguagem é você precisa passar muita informação em pouco tempo sem também fazer com que as pessoas percam interesse. Você precisa falar relativamente rápido, mas também não muito rápido para não ser entendido. Você precisa dar bastante informação, mas também que atizar a curiosidade da pessoa para pessoa ir na matéria buscar o resto do conhecimento. Então, é sempre buscar um equilíbrio entre o que tem que ser falado no ar e o que vai despertar curiosidade das pessoas. O que vai prender as pessoas? E também se fazer ser entendido. Eu acho que o mais difícil é isso. Eu usava muito critério do que tem um apelo visual, que a gente ia jogar mais na tela. Então às vezes você tem uma matéria que está ainda bem no site, mas não tem um formato bom para o audiovisual, porque você não tem nada que seja visualmente atrativo. E às vezes é uma besteira, uma bobagem do tipo “caiu na disputa dos 200m com barreira”. A queda é interessante e a gente usava isso porque tinha a imagem e ela prende. Às vezes uma matéria super longa, uma entrevista muito boa não rende tanto para o “ge em 1 minuto” porque, primeiro, você tem uma profundidade e, segundo que você não consegue falar sobre tudo que tem que ser falado. Mas, às vezes, você tem alguma coisa dentro dessa matéria que você consegue usar visualmente para chamar as pessoas para ler o texto inteiro. Eu acho que o mais importante é isso. Na hora de construir a linguagem e na hora de escolher é pensar como aquilo vai ter um impacto visual para chamar a pessoa para clicar na matéria.

APÊNDICE C - Entrevista com Caio Areosa

Atual editor-executivo do Globo Esporte. Anteriormente era editor do sportv por mais de nove anos, quando chegou, após a Copa do Mundo de 2018, ao programa. Após as Olimpíadas de Tóquio, em 2021, se tornou editor-executivo.

Vinícius Rodeio: O que seria o Globo Esporte para você?

Caio Areosa: Pergunta difícil. Cara, assim eu acho que o Globo Esporte é uma referência de lá para trás, voltando um pouquinho de infância, de ver em casa pós-colégio. Ele é hoje uma referência de linguagem de esporte e de jornalismo esportivo. Agora, o que ele é exatamente é difícil responder. Ele tenta mesclar, que é um desafio que é não de não ser voltado para o doente do futebol, para o cara que é viciado em esporte, porque não é o nosso público, mas a gente olhar também e não tratar esse público que adora esporte, está todo dia, que está com a gente, deixá-lo muito ao lado. É esse desafio: equilibrar o público genérico que a gente atinge, que é todo mundo, com o público específico do futebol. É tentar ter esse equilíbrio do esporte com entretenimento também. É difícil definir o programa.

VR: E sobre qual é o público-alvo do programa?

CA: O nosso público majoritariamente são mulheres de 50+ da classe C, D e E. Então, assim, quando a gente está falando, por exemplo, do Flamengo, que é o clube mais popular. Você vai falar do Flamengo, tem muita gente que está vendo a gente que não sabe que o Sampaoli foi o técnico do Flamengo e é público do Globo Esporte que está ligada a TV, que fica na Globo o dia inteiro. A gente tem que explicar quase tudo, mas também sem deixar passar para o cara que realmente acompanha o esporte no dia a dia. É balancear isso bem. Quem acompanha a gente? Você vai imaginar quem adora esportes. Não. A gente está atirando para um público muito genérico.

VR: Uma das principais coisas que modificou nos últimos tempos foi o crescimento da internet que começou a ter um papel de relevância muito grande, que modificou basicamente todas as relações. Eu queria entender um pouco mais de você até que ponto a internet influenciou no hábito das pessoas? Mas até que ponto ela influenciou na escolha na escolha editorial do programa, por exemplo?

CA: Eu acho que é muito difícil esse equilíbrio. A gente, como um todo, a televisão não chegou a um equilíbrio do que entra da internet para a TV, principalmente TV aberta. O que modificou de pauta diretamente é assim, várias vezes a gente pega um influenciador do time, um cara que está viralizando e usa ele como pauta. Isso é muito comum hoje em dia, coisa que não se usava

nem há cinco anos atrás, se bobear. Quando eu entrei já não era tão comum. Hoje em dia, é bem mais comum. Pouco tempo teve vários torcedores do Vasco que a gente até viu um VT juntando vários torcedores vascaínos, que juntaram que eles viralizaram juntos. Do Botafogo, teve o Homem-Aranha do Botafogo, o Pantera, que é um botafoguense que vai à casa soltar fogos na casa de um flamenguista. Então, assim acho que a internet facilita nessa busca por pautas. Mas assim pautas voltadas para a internet, a gente não faz e não sei nem se tem que fazer assim, porque o público da internet também é todo mundo hoje em dia. Não é um nicho como se considerava há 20 anos atrás. Hoje em dia todo mundo tem acesso, basicamente. Para mim, a internet é facilitadora para a produção de achar personagens. Talvez seja o principal que tenha mudado.

VR: Em relação ao ge.globo. Você acha que modificou muito? Até a inserção de *prints* de matérias no fundo do programa? Como se lida com essa relação de matérias produzidas pelo site para o programa em si?

CA: Nesse caso, é um dificultador da produção que a gente tem que olhar e falar assim: “tem coisas que servem muito para o digital, para o site. E tem coisas que para a TV não servem”. Então assim, a gente usa muito, é muito comum usar um *print* da matéria lá. O fulano foi contratado, ciclano voltou a treinar. Isso é muito comum. Mas tem pautas, por exemplo, que são números para caramba. Para o site, é interessante. Você está ali vendo e rola aquele clique ali: “o Fluminense é o time que tem 223 ataques”. Agora, ok, coloca isso na TV. Como é que você vai fazer isso? Um exemplo hipotético, o Alexander tem média de 222 passes por minuto”. Como que você vai botar isso na TV? Como é que vai ser? Vai ser o cara dando passe para o lado o tempo inteiro. Não diz nada. É você achar esse equilíbrio sobre pautas que entram para o site que são televisivas. E pensar “o que eu vou cobrir, qual vai ser a imagem que eu vou usar?”. Vou usar uma imagem do cara tocando para o lado. É chato. Dando exemplo ainda do Fluminense. O André, que é um cara fundamental no time, quando precisa fazer VT do André é complicado, porque o André é passe para o lado e recuperação de bola, passe para o lado e recuperação de bola. É esse ciclo. Então, para ilustrar, claro, você vai fazer entrevista com o André, mas ilustrar o André para a TV aberta é muito difícil. Achar esse caminho sobre o que é relevante para o site e vai ter muita coisa. E vai ter muita coisa no site nichada para o próprio clube. Você tem lá os quatro clubes do Rio que você tem que alimentar diariamente com muita coisa. E coisas que são interessantes para os para a TV. São coisas diferentes. Você tem que achar uma pauta que é televisiva, tipo assim: “o cara vai ver isso aqui, vai entender o que está acontecendo em campo, por exemplo.”

VR: Sobre a duração, no dia a dia e, especificamente também na época de Copa do Mundo, até que ponto fica determinada essa divisão entre o que é futebol dentro do programa e outras modalidades e outros esportes?

CA: O Globo Esporte, a princípio, tem 18 minutos e 9 segundos. Esse é o tempo de duração do programa. A gente consegue sempre, com a programação, três minutos a mais. Então assim, é um programa curto. Então, tem 21 minutos, em geral. Claro que o futebol é o carro chefe, mas a gente tenta sempre no Globo Esporte do Rio, falando pela gente, valorizar o esporte olímpico. Por exemplo, hoje tem um VT do Lucarelli (jogador de vôlei). Com isso, tem vôlei, tem todas as competições que, principalmente, que for evento Globo, será bem valorizado. Normalmente, o evento Globo é final de semana, no domingo. Na sexta, na quinta, já tem um VT apresentando. Aí depende da relevância do evento. Mas a gente tem essa preocupação. É muito raro ter um Globo Esporte que não tenha esporte olímpico. Mesmo segunda-feira, pós-rodada, tem Brasileirão, Brasileirão e Brasileirão. Mas, cara, vai ter uma notinha do skate, que rolou domingo, vai ter um brasileiro que ganhou alguma coisa. A gente dá mais espaço para o futebol, óbvio, mas tenta nos outros esportes, principalmente, com histórias maneiras, contar, contemplar todo mundo.

VR: Até estava vendo o de 2002, eles durante um jogo do Brasil na Copa, eles fazem quase um bloco só de Fórmula 1 e de Roland Garros.

CA: Mas falando especificamente, Copa, indo na última Copa, acho que a gente não deu uma linha de outra coisa a não ser campeão de Wimbledon. Se bobear, só isso. Mas aí é diferente também. É um evento enorme, da mesma maneira que quando tem Olimpíada, a gente não dá uma linha dos clubes do Rio. A gente tem uma obrigação, não é nem obrigação editorial, é uma obrigação nossa, que a gente trata de todo dia ter os quatro grandes do Rio tratados no programa. Às vezes acontece uma coisa muito grande e com outro vira uma nota, por exemplo, acontece, mas é raro. Normalmente é um VT, nem que seja um vivo de um minuto de um dos quatro grandes. Mas durante a Olimpíada cai tudo e é só Olimpíada. O programa é Olimpíada. Durante a Copa do Mundo, já acho diferente. Durante a Copa do Mundo, o assunto é Copa do Mundo. A não ser que um clube do Brasil tenha uma grande contratação. Então temos uma nota. Anunciou uma contratação maneiríssima, aí beleza, a gente pode fazer um VT. Se for um normal ali como “Vasco contratou o Veggeti”, nota. Colocamos o destaque do site e falamos “Vasco, contratou o Veggeti e está chegando aí”. Nada além disso. Agora, se for, um outro cara muito importante, aí sim vira um VT, mas normalmente é 100% Copa do Mundo.

VR: Sobre apresentação, o Globo Esporte é um dos poucos programas que não tem

comentarista, é só o apresentador, que é o Escobar. Como é que você vê essa questão de ter um apresentador em pé, um estúdio montado, uma linguagem totalmente diferente, falando mais a linguagem do povo?

CA: Acho que isso vai muito de quem está apresentando. Acho que é fundamental para esse formato ter o Escobar, porque ele é esse tipo de comunicador. Não adianta nada a gente fazer esse formato em pé, leve e botar lá um cara que é durão, que lê TP (teleprompter). Enfim, é outro formato de apresentação. O Escobar é um cara muito ligado ao Rio de Janeiro. Então, esse é um formato que já vem já há mais de dez anos, que é o cara em pé, que vai falando. O Escobar lê o TP, mas improvisa. Bota da melhor forma que ele achar pertinente para ter uma linguagem mais de conversar com o público do que ficar mais duro: “O Flamengo treinou hoje”, como era há 20 anos atrás. Mas eu acho que isso depende muito de quem tá ali, de quem está botando a cara, porque talvez com alguém mais formal, você talvez tenha que regredir, mas eu acho que essa é uma fronteira que a gente não volta mais. É muito difícil voltar, até porque até os telejornais hoje em dia, os locais já são feitos em pé para ter esse dinamismo, essa ideia que está tendo mais informal, conversando com a pessoa de casa.

VR: Durante a Copa são edições nacionais, mas a tendência do Globo Esporte é cada vez mais ter edições regionais?

CA: Estaduais, na verdade. A gente GE do Rio ainda abastece outras praças que não produzem o próprio Globo Esporte. Ou que produzem só o bloco local, que é o primeiro bloco de cinco minutos, ou que não produzem nada e compram a gente 100%. Ainda tem isso, mas é cada vez mais comum o Globo Esporte ser local. O cara produziu o próprio conteúdo. Porque, assim, o jornalismo local foi o que cresceu muito nos últimos cinco anos. Então a pessoa quer ver mais o que está acontecendo na esquina dela. Há 12, 13 anos atrás, tinha uma ideia de um Globo Esporte nacional, só que assim qual interesse tem o cara de São Paulo saber como é que está o Fluminense? Não tem. As notícias dos times do Rio entram dificilmente em São Paulo, por exemplo, ou em Recife ou em Belo Horizonte. Alguns lugares tem uma característica ainda mais bairrista, como Belo Horizonte, Porto Alegre. Para mim, esse é um caminho sem volta, é ser cada vez mais local.

VR: E a edição que roda depois no sportv com vários blocos locais, isso também é uma ideia pensada, mas é pensada pelo produto sportv?

CA: Exato, é um produto sportv, que é pensado em abastecer o Brasil inteiro. Mas eu acho que ali é também uma maneira de contemplar o sportv e o Brasil inteiro e o sportv tem uma grade de são três canais 24 horas. São 70 horas no ar de conteúdo. Então que preencher. Ele passa

meia hora ali. É diferente.

VR: Sobre a questão da linguagem, como é que o texto é pensado no sentido de pensar no público-alvo, sobre qual é a proposta do programa? Você, como um editor-executivo, como é que você pensa nisso em questão de, não digo nem só de formato, mas também um modo de fazer?

CA: Eu era editor de texto há pouco tempo. Então assim eu sempre acreditei que tem um método para fazer a coisa, que é não vem uma inspiração do além. Eu acho que é fundamental você olhar a imagem mesmo. Olhar, vai passando na (plataforma interna de banco de imagens). Vai catar a melhor imagem do jogo. O que que aconteceu nesse jogo? O que aconteceu para chamar atenção? Como estratégia, você tem que, para mim, você tem que prender nos primeiros segundos do VT, você tem que falar: “Por que que você vai ver esse VT?” A gente vai ter hoje o VT do Fluminense. Por que que eu vou ver isso? Eu já vi o jogo ontem. Quando a gente bota o Globo Esporte no ar, uma da tarde, todo mundo já viu o jogo do Fluminense. Não adianta. Quando a gente está falando um complemento da internet, não é isso, o cara já viu. Quem quer ver esse gol, já viu. Ninguém vai ver pela primeira vez como aconteceu na década de 90, início de 2000, pela primeira vez vendo o GE. É muito caro. Se o cara tem o mínimo de interesse, ele já viu esses gols. Então assim, que que eu vou mostrar pra esse cara para ele não mudar o canal e ir para uma concorrência que tá mostrando tiroteio na Praça Seca (local no Rio de Janeiro)? Então assim, cara, tem que chamar atenção nos primeiros segundos. O que o é maneiro ali? Uma imagem? Cara, tem uma imagem muito boa do Cano comemorando. Você vai para a estratégia de como contar essa imagem. Tem diversas formas. Às vezes a imagem não tem nem texto. A narração por baixo e uma imagem irada do Cano fazendo o L duplo, com a torcida atrás. Às vezes você vai escrever o máximo essa imagem, como a gente já faz às vezes. “Ele levanta a mão e faz o L duplo, enquanto isso, o cara lá atrás está sorrindo e arrancando os cabelos. O Marcelo comemora”. Você pode descrever essa imagem em texto. Pode *frisar* (congelar) a imagem e falar “Olha como está a cara do Marcelo”. São estratégias que podem funcionar de diversas formas, mas assim, para mim, o principal é olhar na imagem o que ela vai ser a melhor parada para prender o cara. O miolo do VT você não vai de um VT de jogo especificamente, você não vai fugir muito. Um VT de jogo do GE que são 5 minutos de VT. Você vai falar que o Fábio defendeu, que o Renê perdeu a bola e o Cano fez um a zero, que teve isso aqui, isso e isso. Você vai colocar nesse miolo. Agora, o início é o que vai fazer, o que vai segurar o cara. Os primeiros vinte, trinta segundos de VT é que vai segurar o cara pra ver esse VT. Segurou? Agora vai chegar aqui e no final vai ter uma parada maneira também. Esse

meio aqui, você não vai inventar. Você vai contar o jogo tem e tem que contar. Para mim, o desafio é esse: o início. E o início é você olhar e ver o que que aconteceu de mais maneiro. Olha todos os sinais, escuta todas as sonoras. É meio método mesmo. É destrinchar isso. A partir daí, prendeu o cara nesses primeiros segundos para segurar o cara durante os cinco minutos que você vai contar do VT.

VR: Qual o peso da internet dentro dessa mudança do jornalismo esportivo? A internet tem relação com o formato mais descontraído que o jornalismo esportivo tomou?

CA: Não tenho essa resposta. Se é a internet ou se é uma maneira de você olhar e falar: “a gente tem que se aproximar do entretenimento para chamar atenção da galera”, porque a gente não está falando para um público específico, estamos falando para um público muito amplo. Quando você faz, de uma maneira leve, que seja conversada com a pessoa de casa, que mostra imagens diferentes, que não fica aquela coisa quadrada, você chama a atenção desse público que não necessariamente gosta de futebol. Além do GE, estou todo domingo com o Escobar no cavalinho do Fantástico. O “Cavalinho do Fantástico” é totalmente entretenimento. É um fantoche de cavalo falando de futebol. Isso prende. É pop para caramba, porque te prende aquilo ali porque é um boneco maneiro falando com um sotaque local. Eu acho que é mais para esse caminho de prender o cara que não entende de esporte. Se eu não sei nada desse troço, que não quero saber se é a semifinal da Libertadores, primeira fase do carioca, para mim tanto faz, por que que eu vou ver isso? Você vai ver isso porque é legal, cara. Olha só que imagem maneira do cara, que história você vai contar, quem é o herói da história, quem é o vilão da história? Essas coisas acho que é uma mudança que começa em 2010 mais ou menos, 2011. E que vem nesse novo jornalismo esportivo, mas eu não sei se tem a ver com a internet. Acho que tem mais a ver com a percepção de um público amplo que você está falando. Entender que você não está falando com um cara que é viciado em esporte, porque antigamente, na década de 1990, principalmente na TV aberta, falando de TV Globo, ia dar audiência qualquer coisa que você botasse no ar, na verdade. A audiência era altíssima. A partir de um tempo, aí sim tem a ver com isso com a internet, você tem, por causa da internet, uma outra concorrência que você não tinha antes. Mas você também tem uma concorrência em uma sociedade que foi evoluindo. O Fantástico concorre com a internet, mas concorre com a pizza do domingo também. Uma pizza que as pessoas saem para comer pizza. Há 30 anos atrás, o hábito do brasileiro era diferente. Você não saía para jantar domingo à noite. Você tinha uma ou duas pizzarias abertas domingo à noite. Hoje em dia você tem mais coisas. A sociedade, o Brasil evoluiu. Tem mais dinheiro, as pessoas saem mais. Com a crise, a pessoa ficou mais em casa também. Então assim, o país

mais pobre tem gente mais em casa vendo TV aberta. Tem tanta variável que não acho que é só a internet que mudou isso.

APÊNDICE D - Entrevista com Luciano Mello

Coordenador de futebol no site do ge.globo desde o fim da Copa do Mundo de 2018.

Vinícius Rodeio: Pergunta sobre o tempo real. Como acompanhou esse início do tempo real?

Luciano Mello: Então, cara, quando eu entrei já existia e já era bem forte. Não sei te dizer o índice. É um canhão de audiência nosso. As pessoas que não estão vendo o jogo ou até que estão, mas querem tirar alguma dúvida. Desde que entrei aqui, o tempo real sempre foi uma potência e continua sendo. Não sei se vem crescendo porque a gente hoje tem concorrentes que a gente não tinha. O maior deles é o Google, que hoje você consegue ter algumas informações básicas ali do jogo. (...) Hoje tem muitos sites de apostas também, que você vê ali informações básicas que são quase sempre feitas por uma leitura de dados: Jogador A chuta para fora. O jogador A, do time B, chuta para o goleiro do time C defender. Acho que o nosso grande ganho no tempo real é que, em todos os jogos de Série A, e alguns outros jogos de futebol internacional não, mas todos os jogos dos times grandes aqui são feitos por seres humanos. Então você consegue ter comentários, você consegue ver quem está jogando melhor, quem está jogando pior. Acho que esse é um ganho que a gente tem no tempo real em comparação com os outros, com nossos concorrentes.

VR: Sobre a cobertura dos clubes, algumas matérias são replicadas o print, principalmente, o título na edição da televisão. Isso é uma coisa mais recente?

LM: Acho que já temos cinco, seis anos assim. Mas a integração certamente contribuiu. A integração do Esporte da Globo, que foi ali entre 2017 e 2018. Ali juntou as três estruturas que eram separadas: o esporte da TV Globo, da TV aberta, o sportv e o GloboEsporte.com (como era chamado na época). Ou seja, TV aberta, fechada e site. Essas três estruturas se uniram, se integraram ali no início de 2018. Isso certamente ajudou.

VR: O site e a internet como um todo, ganhou um papel muito mais forte, que é uma coisa mais instantânea e você consegue mais atualizar. Você acha que a questão do site mudou muito e, em que nível, com relação a TV? Um jogo como Vasco e Coritiba, por exemplo, um cara que gosta de futebol consegue entrar no site e ver os lances quase que imediatamente. Há vinte anos atrás, quando não tinha o site, essa pessoa tinha que esperar às vezes para assistir no dia seguinte. Como você acha que foi essa mudança e qual impacto tem na relação do seu trabalho do jeito que você enxerga a cobertura?

LM: É uma mudança de tecnologia. Em 2012, certamente as pessoas já viam e hoje a gente até

perde, em alguns momentos, nosso tempo real às vezes demora seis, sete minutos para o vídeo aparecer e as pessoas às vezes já viram no Twitter, já receberam no WhatsApp. A gente hoje tem um desafio de agilidade, que hoje às vezes a gente está lento. A gente site. A gente tem muita concorrência. As pessoas fazem e tem grupos de WhatsApp, por exemplo, enormes, que são GIFs de gols. O cara faz em um minuto e meio assim. Então, a gente tem muita concorrência. Essa transformação a que você se refere certamente aconteceu, mas eu acho que já estamos em um segundo passo dela. O site precisa ficar mais rápido do que é. Entregar as informações em vídeo, principalmente, de forma mais rápida do que entrega hoje. Eu acho seis minutos muito para o mundo em que a gente vive hoje. Várias vezes o cara já recebeu ou alguém postou no Twitter, o link já foi para o WhatsApp dele ou no Instagram. As coisas são muito rápidas hoje. (...) No fim das contas, o que você quer ver é o lance. Você como um torcedor seja como for o clube ou mesmo um jogo que não é do seu time. Acontece alguma coisa, por exemplo, um lance recente que deu muita repercussão, que eu estou lembrando aqui o do Marcelo quebrou a perna do cara do Argentinos Juniors. Você quer ver o que aconteceu. É um lance forte, a imagem. O que importa é ver o que aconteceu. Está todo mundo falando no teu grupo: “Caraca que imagem forte”. Você quer ver. O gol é a mesma coisa: “Olha que golaço que aconteceu”. O que importa é vídeo. É legal ver a descrição, saber como foi que aconteceu. Mas você quer ver.

VR: Em questão de organização do texto. Você acha que nos últimos anos o texto do site é uma coisa que mudou muita coisa? Ou você acha que a gente continua mais ou menos em uma mesma estrutura?

LM: Acho que a principal diferença desde que eu entrei foi em relação a títulos de SEO. Há dez anos, a gente podia dar umas viajadas nos títulos. Hoje é um título muito direto. Você tem que entregar o nome do jogador, o nome do time. Uma coisa muito direta assim, por exemplo, uma coisa que a gente fazia direto: “Fim da linha: técnico tal é demitido pelo clube tal”. Esse ‘fim da linha’ é um troço que morreu. Se ainda alguém usa, está errado. Porque hoje o SEO, que é a busca no Google, as pessoas querem isso. O cara busca “Sampaoli é demitido pelo Flamengo”. O “fim de linha” está atrapalhando que aquela matéria seja exibida no Google. O Google vai ler o que está direto no início do título. Sem o “fim de linha”. Ninguém busca “fim de linha”. Acho que essa é a maior mudança em relação desde que comecei a trabalhar. Mas acho que o texto também. Os textos estão piores, em geral, sem ser saudosista. Eu acho que há um déficit de leitura das gerações mais jovens. E acho que a galera lê muito pouco por causa do celular. Eu leio muito menos do que eu lia há dez anos. Livro muito menos. Estou há meses

sem terminar um livro. Eu lia dois livros por mês tranquilo. Faz muita diferença. Mas em relação a estrutura do texto no site, eu não vejo grande diferença não. Os textos estão mais curtos. Acho que isso também foi uma mudança. A gente ainda tem uma matéria ou outra que tem um texto longo para caramba, mas é exceção. Assim, os textos estão bem curtos.

VR: Os textos estão mais curtos por causa do usuário que ele quer cada vez, não menos informação, mas ele quer uma informação mais objetiva? Ou é uma questão mais editorial, da comunicação como um todo?

LM: São as duas coisas. O usuário prefere quando tem um texto mais curto, com certeza. Por exemplo, na cobertura da mudança de técnico do Flamengo, o Fred está fazendo uma nota e publica que o Sampaoli foi demitido. Logo depois ele tem que fazer outra. E a nota ficou aí com três, quatro parágrafos, até que um editor entre. Às vezes o editor está fazendo outra coisa também. A gente é quase uma fábrica, a não ser quando tem uma matéria mais especial, ele perde pouco tempo com cada matéria. Por consequência, o texto é ruim, tem erro, é curto. Sai ou precisa fazer outra coisa, então isso contribui. Acho que são as duas coisas.

VR: Sobre essa questão da agilidade dentro do site.

LM: A agilidade em sempre foi uma coisa muito forte por causa da audiência dentro do portal. Hoje talvez a gente tenha perdido um pouco a vergonha de subir uma linha. Você vê que é um movimento. Quando comecei lá, as pessoas tinham vergonha de publicar uma linha. Hoje não. É algo que se espalhou mundialmente, porque eles sabem da atividade, da importância de chegar logo a notícia no celular da pessoa, seja por aplicativo, *push* ou rede social. Então a gente não tem essa vergonha. A gente publica uma linha, tem a informação primordial e vai mudando e mudando. Atualizamos muitas vezes a mesma matéria.

VR: O futebol não só aqui dentro, mas, no país como um todo, é majoritário. Falando sobre outros esportes, outras modalidades. Como você vê? Em 2002, tem muito futebol, mas se fala muito sobre Fórmula 1 e Roland Garros. Não tem factual dos clubes. O quanto hoje a importância do factual, dessas matérias especiais pensando também em outras modalidades?

LM: Eu acho que depende de quem. No caso da Globo, depende de duas coisas: primeiro, das competições e torneios dos quais ela tem direitos. E dois, se tem um brasileiro forte. Nessa época, tinha o Guga muito forte e ainda tinha o Barrichello ali disputando. Acho que não mudou muito. Primordialmente aqui na Globo é certamente, as competições a que tem direito são mais exibidas do que competições que ela não tem. E dois, se tem um brasileiro brigando, que é o

que desperta interesse do público.

VR: Qual você acha que será a tendência do site nos próximos anos?

LM: É uma pergunta muito ampla, mas não é uma coisa que eu fique feliz, mas acho que é cada vez menos texto e mais vídeo. Essa é uma coisa que eu acho que tá meio certa. Não estou dizendo que dá para cravar, mas acho que é uma tendência bem clara pela forma como as pessoas consomem conteúdo, consomem conteúdo hoje. TikTok, Instagram, cada vez mais vídeo, vídeo, vídeo. Comentei aqui mais cedo sobre o déficit de leitura. Eu imagino que cada vez mais a nossa produção tenha menos textos e mais vídeos. No sentido de todos os sites tenham menos texto e mais vídeos.

APÊNDICE E - Entrevista com Ricardo Jacomo

É o atual editor-executivo do programa. No recorte do trabalho, ou seja, de 2002 até 2022, ficou fora do programa por apenas quatro anos. Neste intervalo, foi editor do Jornal Nacional e do Bom Dia Brasil. Começou como estagiário na cobertura da Copa do Mundo de 2002, passou a ocupar o cargo de editor-executivo em 2012 e, desde 2019, é o editor-chefe do Globo Esporte.

Vinícius Rodeio: O que o Globo Esporte representa para você e o que ele representa dentro do jornalismo do esportivo?

Ricardo Jacomo: Olha, para mim, eu sou muito suspeito. Eu estava até falando que acho que já tenho mais tempo dentro do Globo Esporte do que fora, pelo menos na lembrança. Eu tenho 46 anos e daqui a pouco vai ser cronológico mesmo. Mas assim, desde que eu me entendo por gente vendo televisão, era aquela coisa de voltar correndo para casa, estudava de manhã, voltar correndo para casa para dar tempo de ver o Globo Esporte. Terminava a TV Colosso, começava o Globo Esporte. Então assistia muito. É aquela coisa: quando o seu time ganha, você quer ver a vitória, o título e mesmo as outras coisas. Então quando eu cheguei eu me vi muito empolgado porque é um programa que eu sempre gostei. E a gente está falando de telejornal diário e para mim também é isso. É o melhor e mais importante telejornal diário do esporte. A gente tem o Esporte Espetacular que está fazendo 50 anos, mas é um outro conceito, é uma revista, quase como se o Globo Esporte fosse o JN (Jornal Nacional) e o Esporte Espetacular fosse o Fantástico, vamos dizer assim. E desde que cheguei, de poder trabalhar com ícones que eu via em casa, com Léo Batista.

VR: Como você vê a questão do público-alvo? Qual que você imagina que seja hoje o público-alvo do Globo Esporte? E se isso mudou nesses últimos vinte anos?

RJ: Eu posso falar sobre dados e acesso a informações que a gente tem hoje. Tem coisas e dados que as informações que não tinha. O que é publicável é que a gente é TV aberta, então, a nossa missão enquanto programa é ser o mais abrangente possível. A gente não pode falar de uma forma tão específica para o apaixonado consumidor voraz de esporte que sabe tudo, sabe o nome dos jogadores, sabe os títulos, sabe que o cara se machucou. O cara que tem sportv, que tem Premiere, que tem Cartola Express, Cartola Pro. Eu não posso falar só para ele, porque eu vou estar excluindo muito o público da TV aberta ou da pessoa que gosta do esporte, mas eventualmente. É o mesmo cara que torce para um time, mas não sabe a escalação de cor: Ele sabe que ganhou, porque viu no Globo Esporte ou no ge.globo que o time ganhou. Mas ele não vai a todos os jogos, ele não viaja atrás do time. Ele não tem TV a cabo nem paga o pay-per-view. Então a gente tem que falar para todo mundo. E qual é o desafio? Eu não posso é ser ultra

explicativo a ponto do consumidor voraz achar que eu estou chamando ele de burro. Mas eu também não posso ser super hermético, de forma que, o consumidor, a pessoa da TV aberta, o consumidor menos voraz não vá entender. Porque é a comunicação direta e reta. Se em uma conversa, você fala alguma coisa que eu não entendo, a gente te pergunta. Mas a televisão, se eu não entender, eu mudo de canal. Fiz uma piada, fiz uma graça que o cara não entendeu, se a pessoa não entendeu, você fica com cara de bobo. A gente não faz piada. Temos como uma das bases a leveza e o bom humor, mas leveza e bom humor não é humor, não é piada. Se não, a gente seria um texto de humor. A gente é jornalista com ênfase no jornalismo esportivo, que acaba tendo muitas peculiaridades e nuances diferentes do jornalismo propriamente dito. Se a gente fosse só fazer um jogo de forma jornalística da notícia: quem ganhou? Qual o campeonato? O lide. Quem fez os gols? Em qual minuto? Essa reportagem não teria cinco minutos. A gente lida com um conteúdo de emoção. A gente meio que conta histórias, que mexem com a emoção e não precisam ser com todas as emoções. Não precisa ser só da alegria, nem só da tristeza ou só do riso, só do drama, mas com as múltiplas emoções que as pessoas estão expostas.

VR: O que você acha da questão não só das durações do VTs, dos critérios que utilizam, mas a ordem de hierarquização de qual ser a primeira matéria? Ou a última?

RJ: Isso varia. Na verdade, isso é quase um acordo não dito com o telespectador. E é uma coisa que as pessoas fazem na vida. Tem uma música do Djavan que fala: “Um doce descascado para mim, eu guardo para o fim, para comer demorado”. Então é meio isso, desde que eu era criança. Eu chegava para ver o Globo Esporte em um dia que eu estava querendo muito por alguma coisa e era quase assim. O programa abria com uma pitadinha daquela coisa. Exemplo para o campeão carioca. Você sabia que o programa ia começar com uma coisinha daquele campeão carioca, mas que a grande reportagem que contava o jogo inteiro ia estar no final. Ia terminar o programa e entrar uma boa tarde, ia subir a letrinha como o Escobar fala e os créditos. Isso é uma coisa muito que já existe muito antes de eu chegar e que a gente meio que continua, porque também tem essa quase sensação de o cara quer ver aquilo, mas se você chegar e você botar a principal reportagem do jornal abrindo, às vezes, o telespectador pode querer ir embora. “Bom, já vi aqui o campeão”. E também assim, o que que você vai colocar depois? Você vai encerrar o jornal com um boletim de um minuto do time que joga depois de amanhã? É uma construção meio de um clímax. Um jornal ideal, a gente geralmente tem três blocos majoritariamente. Em alguns momentos a gente teve ali dois blocos, mas isso o tempo de programa também mudou ao longo desses anos. Mas o mundo ideal é eu ter uma um conteúdo muito legal em cada um

dos blocos, porque eu abro com aquele conteúdo legal, chamo dizendo que daqui a pouco tem outro conteúdo legal e depois, no outro intervalo, também estou entregando. Estou pagando aquilo, o cara tá vendo. Às vezes a gente fala em termos de conteúdo, pode ser nota coberta, reportagem, entrada ao vivo. Mas quando a gente tem três reportagens ou três repórteres, chamaremos de grife. Repórteres renomados são reconhecidamente bons contadores de história. Isso ajuda muito no programa.

VR: E a questão da duração varia de acordo...

RJ: Varia muito, porque o programa... eu lembro que acho que eu quando eu entrei, o Globo Esporte tinha acabado de ganhar três minutos de produção. Falando tempo líquido de produção, sem contar o intervalo. Ele ficou anos com esse tempo e, em algum momento, ele perdeu esse tempo de produção, diminuiu. E hoje em dia esse tempo de produção é fixo para o Brasil inteiro, mas todo mundo negocia localmente. A gente no Rio acaba que localmente consegue um tempo de produção maior do que o padrão de Globo Esporte no Brasil. (...) O programa tem 18 minutos e 9 segundos de produção para todo o Brasil. Então para quem faz local, para quem faz rede. Localmente você ganha mais tempo ou não. E nós, no Rio, ganhamos quase que diariamente mais tempo, uns três minutos e meio, e para ocasiões especiais, podemos ganhar cinco, seis minutos.

VR: A gente sempre fazia a negociação também com a programação quando tem algum evento que extrapola para conseguir mais tempo ou reduzir um intervalo...

RJ: A programação da Globo TV aberta é muito mais rígida do que a do sportv. Como o Globo Esporte é uma marca, mas, em vários momentos da história, ele foi um programa só. Mas hoje há vários programas locais em vários lugares. Metade do Brasil tem o seu Globo Esporte próprio e a outra metade, estou falando números grosseiros, acompanha o nosso que exibimos no Rio, seja na íntegra ou seja em partes, fazendo bloco local/regional. Então você tem uma pluralidade. Não é um programa só.

VR: Você comentou essa leveza. Em 2002 tinha a Mylena Ciribelli e o Alexandre Bacci. Eles apresentavam alguns quadros, tinha algumas animações e tudo mais que eram relacionados à Copa. Hoje, o Escobar é um estilo em pé, mais despojado. Essa mudança foi uma coisa que foi acompanhada editorialmente ou foi mais uma demanda até mesmo por evolução que a gente teve?

RJ: Pode ser estilos diferentes, mas acho que já tinha uma coisa de ser diferente do jornalismo. Então, você tinha um JN (Jornal Nacional), com o apresentador sentado na bancada de terno e

gravata. O esporte já não era assim, mesmo quando estava o Vannucci e a minha experiência de telespectador, mas o Vannucci com blazer era uma camisa vermelha com um golão. (...) Desde que cheguei e mesmo antes, não tinha a formalidade. O Vannucci não tinha a formalidade de ser sério. O Leo, que é a voz impostada, voz marcante, mas sempre ali com humor e leveza. Acho que é meio uma marca do esporte mesmo de antes. Isso tem algumas variações ao longo dos anos não só com a chefia do programa como com a direção do esporte da Globo e a direção da Globo como um todo.

Outros tópicos: sobre estilo de creditar no programa e apresentadores

RJ: Os créditos até com coisas mais engraçadinhas do que hoje em dia. Hoje em dia o crédito não é mais formal, mas é um crédito básico. Fulano, jogador e tal. Tinham brincadeiras ali no crédito sempre nessa época. (...) Temos dois maiores comunicadores populares do Globo Esporte. O Escobar e o Tiago Medeiros seguem a linha com peculiaridades e diferenças, mas também nessa linha de comunicação direta e reta e muita empatia com o público. É uma coisa pessoal deles.